

**F U N D A Ç ã O
GETULIO VARGAS**

CPDOC

**Centro de Pesquisa e Documentação
de História Contemporânea do Brasil**

**O Instituto Reação:
um projeto social aplicado**

por Antonio Joaquim de Macedo Soares

**Orientador: Prof. Dr. Mario Grynszpan
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Angela de Castro Gomes**

**Programa de Pós Graduação em
História Política e Bens Culturais – PPHPBC**

**MESTRADO EM BENS CULTURAIS E
PROJETOS SOCIAIS**

**RIO DE JANEIRO – BRASIL
Julho / 2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*Aos meus filhos e netos,
Adriana, Duda, Marcelo, Ricardo,
Giulia, Bruno e Diego,
sem os quais nada teria sentido.*

Agradecimentos

Ao completar esse trabalho, não poderia deixar de agradecer às pessoas que me apoiaram, ao longo dessa jornada:

Ao Prof. Pedro Gama Filho (in memorian),

amigo de muitas lutas, pela semente plantada, em conversas de bar e beiras de tatames, muito antes de tudo acontecer,

Ao Prof. Dr. Mario Grynszspan,

pela orientação, aconselhamentos e paciência com meus desesperos,

À Profa. Dra. Angela de Castro Gomes

pela estruturação inicial de minha proposta e “puxões de orelha” por minhas teimosias,

Ao Prof. Dr. Alfredo Jefferson

pela amizade, apoio e pertinentes considerações sobre a estrutura do trabalho realizado,

Aos Professores do Mestrado de Bens Culturais e Projetos Sociais,

pela competência, envolvimento e formação do meu conhecimento,

À Thaís Paranhos, *companheira de todos os momentos nessa caminhada,*

Aos Colegas do Mestrado, *cúmplices e amigos, sempre presentes,*

À Pequena Cruzada, *nas pessoas de suas diretoras, Profas. Beatriz Sodré*

Teixeira, Maria Helena Pacheco da Silva e Sonia Beatriz Sodré,

Ao Instituto Reação, *alunos, professores e diretores, e mais especificamente*

Aos Profs. Eduardo Henrique de Macedo Soares e Flávio de Ulhôa Canto,

pelo convívio e oportunidade de participação no Projeto de nossas vidas.

O texto aqui apresentado foi elaborado a partir do curso de mestrado realizado na Fundação Getúlio Vargas, na área de “Bens Culturais e Projetos Sociais”.

Tudo começou em uma reunião no Instituto Reação, uma organização não governamental que trabalha em comunidades de baixa renda, buscando a inclusão social de crianças e adolescentes, através de atividades desportivas em um contexto educacional e profissionalizante.

Concluiu-se, nessa reunião, pela necessidade de fundamentação conceitual do trabalho já implantado e em franca expansão, e do desenvolvimento de uma reflexão crítica que embasasse uma proposta operacional, cabendo a mim esse desafio.

A partir desse momento, iniciou-se a elaboração de um texto teórico aplicado e posterior publicação de um livro.

Sumário

1. Introdução	6
2. O Tema: sua relevância e justificativas	7
3. Objetivos	13
4. Metodologia	14
5. O Cenário e seus atores	15
6. Fundamentação conceitual	24
7. Construção da proposta operacional para o Instituto Reação	36
8. Considerações finais	55
9. Anexos	62
10. Fontes documentais e entrevistas	87

1. Introdução

O Brasil atravessa um período de grandes dificuldades, com sérios problemas em suas instituições democráticas, que vem se desenvolvendo ao longo dos tempos, cujos reflexos negativos, potencializados no presente, podem ser percebidos nas áreas de educação, saúde, segurança e geração de empregos.

Esses problemas se refletem principalmente na formação de jovens, pela falta de orientação adequada, tendo como resultados a baixa capacitação para o mercado de trabalho e conseqüente dificuldade de acessos à empregos, contribuindo, muitas vezes, para a busca de soluções mais imediatas, nem sempre dentro de padrões éticos, socialmente aceitos.

As populações de baixa renda são as mais atingidas por esse contexto devido às situações de preconceito e exclusão, contribuindo para a adoção de soluções na criminalidade.

Qualquer proposta de solução, de curto, médio e longo prazos, deve contemplar um processo educacional que envolva planejamento familiar, saúde, formação escolar e profissional, dentre outros.

Essas ações devem ser implantadas, de modo efetivo, em todos os tecidos sociais e mais especificamente nas camadas sociais de mais baixa renda.

Dentro dessa visão insere-se o trabalho realizado pelo Instituto Reação, com uma proposta de atendimento a crianças e adolescentes, buscando desenvolver um

processo de intervenção social em comunidades de baixa renda¹, focado no desenvolvimento humano.

Esse trabalho é o tema do texto final do curso de mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getúlio Vargas, aqui apresentado.

O texto objetiva uma análise reflexiva sobre o processo desenvolvido pelo Instituto Reação, apresentando objetivos, metodologia e a fundamentação conceitual para a construção de uma proposta operacional, subsidiando processos de expansão, a partir da análise da situação atual do projeto implantado.

Estas reflexões passam pelo entendimento da constituição do cenário, onde se aplica o projeto, seus atores e da problemática do dia a dia de uma comunidade de baixa renda, tais como violência, desigualdade, injustiça social, e dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, contribuindo para níveis de renda abaixo dos padrões que possibilitem um adequado e digno nível de qualidade de vida.

2. O Tema: sua relevância e justificativas

2.1. Considerações iniciais

Inicialmente cabe a justificativa do meu envolvimento com o tema aqui desenvolvido.

O meu trabalho e experiência em favelas foi iniciado aos treze anos de idade como escoteiro (especialista em atendimentos de emergência), quando fui voluntário na campanha de vacinação contra varíola, por volta do ano de 1960.

¹ O termo “comunidade de baixa renda” será utilizado nesse trabalho, muitas vezes, em substituição a outras denominações, tais como “morro” ou “favela”, mesmo que seus moradores muitas vezes assim se refiram aos seus locais de moradia, devido ao fato de que algumas dessas comunidades já se transformaram em bairros. Essa opção é também adotada na publicação da Fundação Getúlio Vargas “Mapa do Fim da Fome II” (disponível no site www.fgv.br/cps).

Nesse momento, fui alocado na favela da Catacumba, na época localizada na Avenida Borges de Medeiros, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, onde hoje se encontra o Parque da Catacumba (zona sul da cidade do Rio de Janeiro). Este trabalho me colocou em contato direto com a população daquela comunidade, seus becos e vielas, marcando minha personalidade, mostrando-me a realidade da desigualdade e da injustiça social que me conduziram a desenvolver vários projetos com ênfase na inclusão social.

A minha participação no projeto do Instituto Reação, como professor de Judô e consultor, e o entendimento compartilhado pelos demais professores e coordenadores da necessidade de uma fundamentação conceitual da proposta já implantada, conduziram-me ao Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

2.2. Apresentação do tema

A temática abordada neste trabalho se baseia na linha de ação adotada pelo Instituto, que se fundamenta na prática desportiva, mais especificamente no Judô, como elemento motivador para a introdução e desenvolvimento de conceitos educacionais e formação profissional .

Para melhor compreensão desta temática, apresentaremos, a seguir, aspectos históricos e metodológicos do Instituto Reação.

2.3. O Instituto Reação

A semente do projeto, hoje desenvolvido pelo Instituto Reação, foi lançada em meados do ano 2000, quando quatro professores, faixas pretas de Judô, se propuseram a

dar aulas para alunos em comunidades de baixa renda, com o objetivo de desenvolver valores fundamentais de educação e cidadania, em um contexto profissionalizante, como resultado de muitas reuniões e debates sobre o que fazer para atender a inclusão social de crianças e adolescentes.

Assim se iniciou um trabalho, ao mesmo tempo, com os professores Pedro Gama Filho e Flávio Vianna de Ulhôa Canto, na comunidade da Rocinha, e Antonio Joaquim de Macedo Soares e Eduardo Henrique de Macedo Soares, na Pequena Cruzada de Santa Therezinha do Menino Jesus, localizadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

A experiência desses precursores, como atletas e professores na área acadêmica (Universidade Gama Filho e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e em academias e associações desportivas (Academia Yudan de Judô e Clube de Regatas do Flamengo), respaldava tecnicamente a proposta.

A seleção dos locais para a implantação da proposta foi baseada nas facilidades de acesso existentes na Rocinha através da Universidade Gama Filho, e na Pequena Cruzada pelo relacionamento já existente com sua fundadora, por projetos sociais anteriormente desenvolvidos.

Ainda não existia, nessa época, o Instituto Reação, que só veio a ser criado em abril de 2003. O apoio de colaboradores e principalmente o envolvimento de seus professores e alunos, quer no dia a dia de treinamentos como na estruturação do programa, foram os grandes responsáveis por sua expansão acelerada.

Se por um lado o projeto se desenvolvia rapidamente, com o ingresso crescente de alunos, por outro era latente a preocupação, por parte de seus coordenadores, com sua adequada estruturação e fundamentação conceitual de modo a permitir expansões futuras sem perda da qualidade.

Atualmente o Instituto atende a aproximadamente mil alunos, atuando em quatro pólos, desenvolvendo além de treinamentos de Judô, atividades de apoio, tais como aulas de reforço a disciplinas do ensino fundamental e médio e de inglês, Jiu-jitsu ², atendimento psicológico, fisioterapêutico e odontológico e distribuição de cestas básicas.

2.4. O Esporte como elemento motivador

Alain Garrigou, citando que Norbert Elias em “A Política e a História” já definia a sociedade como um “grande jogo”, (Garrigou, 2001:67), caracterizando-a como uma estrutura extremamente competitiva, nos faz pensar no desenvolvimento do esporte se inserindo em um processo civilizatório, contemplando relações de interdependência que ligam indivíduos e que constituem os grupos sociais, quaisquer que sejam sua dimensão e posição social.

Nesse contexto o esporte pode estabelecer um saudável paralelo com a vida, ao demonstrar a importância da preparação (treinamentos) para o enfrentamento de sua problemática (competições do dia a dia), em um processo de valorização pessoal e desenvolvimento da auto-estima.

Por que o Judô?...

O Judô, segundo seus fundamentos conceituais, agrega valor ao processo educativo, baseando-se nas artes marciais, desenvolvidas no passado para subjugar adversários em combates individuais ou em guerras, onde prevalecia o porte físico, a técnica e a violência explícita.

² O Jiu-jitsu se apresenta, no Instituto Reação, como atividade complementar para o desenvolvimento das técnicas de solo do Judô.

Interessante a reflexão sobre este paradoxo: como uma base fundamentada na violência (artes marciais) pode se transformar em um processo educativo que preconiza a não violência (a prática do Judô como esporte olímpico)? Dois pontos devem ser considerados: inicialmente, o processo civilizatório da sociedade, que busca, nem sempre com sucesso, a contenção da violência. Esta tendência se evidencia na transformação de atividades guerreiras em esporte de competição, tendo como exemplos mais característicos as artes marciais (Judô, Karatê, Jiu-jitsu, Taekendô, Kendô e Luta Olímpica, dentre outras), o arco e flecha, o hipismo, o arremesso de dardo e o tiro ao alvo. Tal transformação passa pelo estabelecimento de regras, posturas de arbitragem e conscientização dos atletas³.

Outro aspecto, no caso específico do Judô, coloca o professor universitário, Jigoro Kano, mestre em artes marciais, como elemento de transformação de uma prática de combate (o Jujutsu) em esporte competitivo com fortes componentes educacionais, preconizando o respeito aos adversários e a proteção da integridade física e psicológica de seus praticantes.

Os seguintes aspectos foram considerados ao se adotar o Judô como base e elemento motivador do trabalho desenvolvido pelo Instituto:

1) caracterizando-se como esporte olímpico, introduz em seu aprendizado conceitos de disciplina, humildade, respeito e auto-estima em um contexto de não violência⁴.

2) forma seus praticantes para as “competições da vida”, mostrando a importância em se preparar da melhor maneira possível para os desafios, encarando as

³ Ainda ao analisar as interfaces entre a violência e o esporte, em “A Política e a História” de Norbert Elias, Jacques Defrance, enfatiza: “na prática das atividades desportivas, terão lugar tentativas repetidas de distinguir muito bem o gesto correto daquele que não o é, para transcreve-lo na regra e integra-lo à arbitragem” (Defrance, 2001: 236)

⁴ Estes conceitos são abordados no livro *Kodokan Judô*, de autoria de Jigoro Kano (1986)

vitórias, com humildade, como consequência desta preparação, e as derrotas como experiências vivenciadas e importantes na busca de vitórias futuras.

3) incentiva a formação profissional (como professores e árbitros) e a geração de renda (a partir desta formação e como atletas patrocinados).

Aspectos históricos

Na era feudal, no Japão, as artes marciais eram bastante desenvolvidas, de modo a garantir vitórias em guerras e combates pessoais. O uso da espada, da lança, do arco e flecha e da luta corporal exigiam grande força muscular, com vantagem para aqueles dotados de porte físico mais desenvolvido. Como solução para este fato limitador, desenvolveu-se o Jujutsu como arte marcial que utilizava a força do oponente contra o próprio oponente, revertendo a vantagem inicial dos mais fortes.

Jigoro Kano (1860-1938), tendo aprendido as técnicas do Jujutsu desde sua infância, adaptou-as de modo a evitar lesões mais sérias, envolvendo-as em um princípio educativo de não violência e respeito ao adversário, como filosofia de vida, onde o desenvolvimento físico e mental fossem fundamentos complementares..

Nascia assim o Judô (Ju: suave; Dô: doutrina, caminho), com sua primeira escola, a Kodokan, fundada pelo mestre Jigoro Kano em 1882.

Como esporte competitivo, o Judô espalhou-se pelo mundo, tendo participado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos em 1964, no Japão.

Trazido ao Brasil por imigrantes japoneses, foi rapidamente assimilado e desenvolvido pelos brasileiros, sendo hoje um dos esportes nacionais com maior reconhecimento e respeito internacionais, com a conquista de vários títulos mundiais e olímpicos.

Fundamentos do Judô

O Judô se desenvolve em uma área de treinamento (Dojô) ou em uma área de competição (Chiai-jô), onde seus praticantes estão sujeitos a um código de conduta que determina vestuário próprio e normas de respeito e disciplina.

A vestimenta ou Judogui (kimono) é composta de três partes: o uwagui (parte superior), o shitabaki (parte inferior) e obi (faixa na cintura).

A disciplina e o respeito se refletem no cumprimento formal, ao início e término de cada treino ou competição (denominados Ritsurei ou Zarei, quando são respectivamente realizados em pé ou ajoelhados) e na estrita observação às regras e decisões dos árbitros e professores/treinadores.

O treinamento e a competição envolvem técnicas de projeção (tachiwaza) e técnicas de solo (katamewaza), sempre entre dois lutadores.

A graduação no Judô se verifica através de exames de faixa, em presença de uma banca examinadora, pela avaliação do conhecimento da história do Judô, e do aprendizado de posturas, etiqueta, técnicas de luta e regras de competição. Esta graduação obedece à seguinte ordem de faixas definidas por cores características de cada grau obtido: branca, cinza, azul, amarela, laranja, verde, roxa, marrom, preta, vermelha e branca, vermelha.

As análises efetuadas nos textos e entrevistas realizadas com diretores e alunos do Instituto, permitem concluir que o esporte se apresenta como elemento motivador para o trabalho desenvolvido pelo Instituto Reação, principalmente por seus aspectos lúdicos, educativos e profissionalizantes.

3. Objetivos

Contemplando o tema abordado, apresentamos os objetivos geral e específicos desse trabalho final do curso de mestrado:

Objetivo Geral:

Desenvolver uma reflexão sobre a experiência de um projeto social implantado, analisando sua estruturação e operacionalização, propondo reorientações, de modo a subsidiar a implantação e desenvolvimento de projetos similares.

Objetivos específicos:

- Realizar uma reflexão sobre a fundamentação conceitual das atividades desenvolvidas pelo Instituto Reação,
- Estruturar, a partir desta reflexão uma reorientação em sua proposta operacional,
- Equacionar seu projeto de expansão em um contexto educativo e profissionalizante, de modo participativo e sustentado.
- Publicar um livro contendo a proposta operacional e seu processo de construção, configurando-se como produto do trabalho realizado.

4. Metodologia

A proposta metodológica adotada no desenvolvimento do trabalho, para atender aos objetivos propostos, baseou-se inicialmente em conceituar como cenário para as análises efetuadas, a comunidade da Rocinha, como um dos pólos atendidos pelo Instituto Reação (o projeto do Instituto Reação se encontra atualmente aplicado em

quatro pólos: Rocinha, Cidade de Deus, Pequena Cruzada e Tubiacanga), considerando-se as seguintes justificativas:

- a comunidade da Rocinha apresenta a maior concentração populacional urbana de baixa renda da América Latina.
- sua localização na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, entre bairros de classe média alta, acentua aspectos de desigualdade e injustiça social.

Outro aspecto relevante da metodologia, consistiu em sua fundamentação conceitual a partir da leitura de textos pertinentes, de modo a possibilitar um diálogo entre seus autores e a realidade do projeto.

Essa fundamentação foi analisada, através de reuniões e entrevistas, na busca do “olhar de dentro” do processo⁵.

Reuniões com participantes do projeto do Instituto Reação

Foram realizadas reuniões com participantes do projeto (alunos, professores e coordenadores) abrindo a discussão sobre os conceitos apresentados, buscando uma análise crítica para a temática desenvolvida,

A metodologia adotada consistiu na elaboração de algumas questões (desigualdade, injustiça social, violência, desemprego, situação atual, benefícios, falhas e perspectivas futuras do trabalho desenvolvido pelo Instituto Reação) para introduzir e fomentar o livre debate, anotando-se as principais colocações do grupo.

Entrevistas com atores direta ou indiretamente envolvidos pelo projeto

Foram realizadas entrevistas (filmadas em VT) dentro da metodologia de história oral, com os seguintes atores:

⁵ As entrevistas, apresentadas no Anexo 1, foram realizadas com atores direta ou indiretamente ligados ao projeto, baseadas na metodologia de história oral abordada no livro “Manual da História Oral” de autoria de Verena Alberti (2005).

* Moradores da Rocinha: *contemplando aspectos característicos da comunidade.*

* Representantes dos principais subgrupos sociais: *abordando características dos subgrupos e mobilidade entre fronteiras*

* Participantes (alunos) do Instituto Reação: *focando situação atual, benefícios, falhas e perspectivas futuras do trabalho desenvolvido pelo Instituto Reação*

* Diretoria e coordenação do Instituto Reação: *apresentando aspectos históricos de formação e gestão do trabalho realizado.*

Finalmente, a metodologia adotada, previu a adequação do texto elaborado para a publicação de um livro, de modo a viabilizar a divulgação dos assuntos apresentados, incentivando, subsidiando e fundamentando a implantação e expansão de projetos sociais.

5. O Cenário e seus atores

O estudo aqui desenvolvido, passa pelo entendimento do cenário onde se aplica este trabalho. Não se trata da formalização de uma análise detalhada sobre populações de baixa renda, mas tão somente buscar um melhor conhecimento sobre o espaço projetual e seus habitantes, como fundamento para a análise proposta.

Desse modo serão apresentados neste capítulo, aspectos históricos de formação deste cenário e sua estruturação social, a partir de seus habitantes.

Assim o cenário considerado é a Rocinha, situada entre os bairros de São Conrado e Gávea, no município do Rio de Janeiro.

A proposta de análise, abrange o trabalho desenvolvido nessa comunidade, como recorte para as percepções desenvolvidas ⁶.

Sobre a implantação da comunidade, existem divergências sobre datas e formas de ocupação. Segundo uma das versões ⁷, sua origem se deu por volta de 1940, quando um grupo de aproximadamente vinte guardas sanitários foi ali instalado pelo sanitarista Mário Pinotti, para combater a infestação de mosquitos causadora de uma epidemia de Febre Amarela no Rio de Janeiro, mais especificamente na Barra da Tijuca ⁸.

Estes guardas sanitários (denominados “Mata Mosquitos”) vieram ocupar a área de uma antiga fazenda, pertencente a uma empresa francesa (Cássio Guidon), que tinha como objetivo a estruturação e comercialização de um loteamento. Com prioridades na aquisição de lotes, foram estes guardas sanitários os primeiros habitantes desta localidade.

Por volta dos anos cinqüenta, os primeiros moradores começaram a cultivar hortaliças, inicialmente para consumo próprio. Posteriormente, o excedente desta produção caseira ia sendo comercializada nos portões do Jôquei Clube do Rio de Janeiro para consumidores de classe média. Estes produtos oriundos “lá da rocinha” deram origem ao nome da localidade.

A explosão demográfica da Rocinha iniciou-se ainda na década de cinqüenta, com o desenvolvimento acelerado da construção civil no Rio de Janeiro, atraindo trabalhadores nordestinos trazidos de caminhões pelas empresas construtoras.

⁶ Conforme justificativas descritas no capítulo 4: Metodologia

⁷ Essa versão é apresentada no livro “Rocinha” de André Cypriano (Cypriano, 2005)

⁸ Mario Pinotti (1894-1972) iniciou sua carreira como médico sanitarista em 1919, tendo se formado na Escola de Farmácia de Ouro Preto (1914) e na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro (1918). Trabalhou no Departamento Nacional de Saúde, na campanha contra febre amarela (de 1928 a 1931), sendo nomeado Diretor do Serviço Nacional de Febre Amarela em 1936. Nomeado nos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubstheck para o Ministério da Saúde, foi indicado para o prêmio Nobel de Medicina em 1959 (FGV.CPDOC. Os anos JK. Biografias. Disponível em www.cpdoc.fgv.br.)

Estes trabalhadores, aproveitando sobras de materiais, iniciaram a construção de moradias precárias, ocupando áreas possíveis, em um processo de favelização⁹.

A Rocinha a partir de sua ocupação, não parou de crescer até os dias de hoje. Contando atualmente com aproximadamente duzentos mil habitantes¹⁰, foi classificada como bairro residencial em 1995, vinculado à XXVII Região Administrativa (Decreto nº 6011/95), caracterizando-se como uma comunidade de baixa renda.

Essa caracterização se apóia na publicação “Mapa do Fim da Fome II, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, produzido a partir do processamento de micro-dados do Censo Demográfico de 2000 do IBGE, que aponta uma renda per capita de seus habitantes, em torno de R\$433/mês.

Do total da população residente na Rocinha, 19% recebe de 1,5 a 2 salários mínimos, com aproximadamente 22% abaixo da linha de miséria, dentre os quais 14% não recebem nenhuma renda.

A publicação citada, nos apresenta a seguinte tabela:

Mapa do Fim da Fome da População Total

Rio de Janeiro – Medidas de Miséria (linha de R\$79)

Região	% miseráveis
Brasil	33,15
Estado do Rio de Janeiro	19,45
Município do Rio de Janeiro	14,57
Lagoa	3,99
Rocinha	21,89

Fonte: CPS/FGV/Censo 2000-IBGE

⁹ A origem do termo favela, datando de 1930 é apresentado por Lícia do Prado Valladares, no livro “A invenção da favela”, designando o Morro da Favella, já existente com o nome do Morro da Providência, que entra para a história através de sua ligação com a guerra de Canudos, cujos antigos combatentes ali se instalaram” (Valladares, 2005: 26)

¹⁰ O Censo Demográfico de 2000 do IBGE, indica uma população residente na Rocinha de 56.307 indivíduos. O número atualmente aceito por moradores com bases em entrevistas realizadas, gira em torno de 200.000 habitantes (número apresentado no site www.rocinha.com.br, conforme citado no livro “A favela fala” de Dulce Chaves Pandolfi e Mario Grynszpan).

O crescimento demográfico foi seguido de um crescimento econômico, pela implantação de atividades comerciais e de serviços, propiciando um melhor nível de renda para alguns de seus habitantes, sem contudo eliminar a característica de comunidade de baixa renda.

Uma pesquisa, realizada em 1999, sobre atividades comerciais e industriais da Rocinha cadastrou 1.215 empreendimentos: “Segundo a pesquisa, a estrutura econômica de grande parte destes empreendimentos era frágil: serviam de complemento à renda familiar, tinham vida curta e quase não empregavam mão-de-obra” (Pandolfi; Grynszpan, 2003: 19).

Do ponto de vista estrutural, sua caracterização como grupo social complexo, deve-se principalmente a existência de vários subgrupos sociais distintos, com perfis sócio-econômicos e políticos específicos, com fronteiras bem delimitadas ¹¹.

As análises efetuadas sobre este grupo social complexo foram realizadas a partir do contato freqüente com membros da comunidade¹², e apoiadas pelas entrevistas apresentadas no livro “A Favela Fala” de Dulce Chaves Pandolfi e Mario Grynszpan¹³.

A complexidade deste grupo social se define a partir das diferenças existentes nas diversas associações (subgrupos sociais) efetuadas entre seus duzentos mil habitantes, dificultando uma análise que as caracterize como um todo.

¹¹ As componentes de desigualdade, identidades e diferenças, presentes no grupo social composto por esses subgrupos, serão abordadas no capítulo 6, buscando a fundamentação desses conceitos e suas aplicações no cotidiano dessa comunidade.

¹² Estes contatos se realizam através do trabalho desenvolvido pelo Instituto Reação a partir dos treinamentos de Judô, participação em eventos sociais e desportivos, reuniões e entrevistas realizadas com representantes da comunidade.

¹³ Neste trabalho os autores apresentam entrevistas com pessoas pertencentes a comunidades de baixa renda (especificamente da Rocinha, dentre outras), onde são abordados aspectos históricos, estruturação e desenvolvimento dessas comunidades (Pandolfi; Grynszpan, 2003)

No entanto, existem identidades características mais gerais deste grupamento social, cujo aspecto predominante é o processo discriminatório sofrido em relação aos bairros vizinhos, de classe média alta.

Com fronteiras sociais e geográficas bem definidas, os habitantes da comunidade freqüentemente se movimentam através destes limites, em atividades profissionais e sócio-culturais, sofrendo influências do “mundo externo”, mantendo, contudo, características próprias, em ser um morador da Rocinha, com seus símbolos e seus hábitos comportamentais, “administrando” um processo de desigualdade, muitas vezes em sua conseqüência mais perversa: a injustiça social.

Este processo de exclusão, cria barreiras para relacionamentos sociais e profissionais, apoiando-se no estigma da violência ligada ao tráfico de drogas.

Estes efeitos negativos são algo reduzidos pela ação de Organizações Não Governamentais (ONG's) e de moradores envolvidos com a melhoria da Rocinha, pela participação efetiva em associações de moradores e projetos específicos.

Como características mais gerais deste grupo social complexo podemos, dentre outras, identificar:

- A consciência do preconceito
- A consciência de cada indivíduo em ser parte integrante de uma comunidade, com todas as suas vantagens e desvantagens, inclusive com certo orgulho.
- O desejo de ascensão social através da elevação dos níveis de renda
- A aceitação do “poder paralelo”¹⁴ do tráfico de drogas.

¹⁴ O termo “poder paralelo”, foi introduzido pela mídia e aceito pelo público, para caracterizar a efetiva substituição do poder formalmente constituído em ações de educação, saúde, polícia e justiça. A citação do termo é encontrada, atualmente, não só na mídia, como em entrevistas e reuniões com indivíduos habitantes, ou não, da comunidade da Rocinha, com exemplos flagrantes dessa substituição.

- Atitudes comportamentais próprias (certa agressividade ao exigir seus direitos, vestuário, hábitos de lazer, gosto musical, etc.).

Os principais subgrupos sociais, constitutivos do grupo social maior, considerados neste trabalho¹⁵, são:

subgrupo I: Empresários residentes

subgrupo II: Prestadores de serviços residentes

subgrupo III: Residentes exercendo funções fora da comunidade

subgrupo IV: Residentes ligados ao tráfico de drogas

São apresentadas a seguir as principais características de cada um destes subgrupos sociais¹⁶:

Subgrupo I: Empresários residentes

Este subgrupo é composto por indivíduos que desenvolvem atividades comerciais dentro da comunidade, como donos de seus negócios. Nele estão incluídos profissionais liberais e empresas de prestação de serviços, desde que gerenciadas por seus próprios donos. Caracterizando-se, em sua maioria, como um grupo com melhor situação financeira, apresentam características próprias, sem fugir aos aspectos comportamentais mais gerais do grupo maior (a Rocinha como um todo), até porque seus negócios são direcionados aos habitantes da comunidade.

¹⁵ A metodologia adotada na caracterização destes subgrupos, não esgota a identificação de sub-grupos da comunidade, refletindo a preocupação da análise pertinente ao trabalho do Instituto Reação, com a profissionalização, acesso ao mercado de trabalho e renda, fundamentada em reuniões e entrevistas com a comunidade, além da discussão apresentada no capítulo 6: Fundamentação conceitual (quadro bibliográfico).

¹⁶ Estas características foram avaliadas a partir de reuniões e entrevistas com indivíduos participantes de cada subgrupo apresentado.

Não se considerou neste trabalho a significativa parcela de desocupados ou indivíduos efetivamente excluídos socialmente, vivendo muitas vezes com padrões abaixo dos limites mínimos de dignidade, por se tratar de grupos heterogêneos, de difícil caracterização e, de um modo geral, refratários a qualquer tipo de apoio que não o assistencial, fugindo à proposta de trabalho desenvolvida pelo Instituto Reação.

O subgrupo de empresários residentes possui grande mobilidade em suas fronteiras internas, principalmente devido a suas atividades profissionais, onde o relacionamento é fundamental.

No tocante às características próprias, a melhor situação financeira propicia residências mais confortáveis e níveis de consumo mais elevados.

Subgrupo II: Prestadores de serviços residentes

Este subgrupo é composto por profissionais autônomos (registrados ou não) que prestam serviços à comunidade, como por exemplo: “motoboys”¹⁷, eletricitas, bombeiros hidráulicos, mecânicos, pintores, mestres de obras e demais profissões não formalmente estabelecidas.

Contando com níveis de renda mais baixos que os indivíduos do sub-grupo I, este grupo possui padrões de consumo e moradia inferiores, possuindo no entanto, intensa mobilidade através de suas fronteiras, estendendo a prestação de serviços, não só à comunidade da Rocinha, como ao seu entorno, incluindo bairros de classe média alta próximos.

Esta mobilidade não influencia hábitos comportamentais de forma significativa, mantendo as características próprias do grupo social englobante.

Subgrupo III: Residentes exercendo funções fora da comunidade

Os indivíduos pertencentes a este grupo social possuem a maior mobilidade através de suas fronteiras, entre todos os grupos considerados.

Em uma análise mais detalhada poderemos adotar uma subdivisão entre profissionais de baixa qualificação (empregados domésticos e funcionários

¹⁷ O termo “Motoboy” designa motociclistas que desenvolvem atividades profissionais de entrega de documentos e objetos e de transporte de moradores usando como veículos motocicletas de pequeno porte.

“subalternos” de empresas e escritórios) e de melhor qualificação (profissionais liberais, secretárias e demais profissionais de nível técnico).

Na primeira subdivisão o grupo se comporta do mesmo modo que os integrantes do subgrupo II, com poucas alterações, isto é, observa-se pouca influência, devido à mobilidade, em seus hábitos comportamentais.

Com relação à segunda subdivisão (profissionais de melhor qualificação), a mobilidade através de suas fronteiras influencia de forma marcante seus hábitos comportamentais (posturas, vestuário e opções de lazer), sem perda, no entanto, das características fundamentais da pertinência ao grupo maior (comunidade da Rocinha).

Subgrupo IV: Residentes ligados ao tráfico de drogas

O tráfico de drogas, atualmente presente em praticamente todas as comunidades de baixa renda do estado do Rio de Janeiro, envolve grupos de indivíduos com perfis, comportamentos e características simbólicas bem definidas.

Para um melhor entendimento da estruturação deste grupo, devemos analisar as variáveis que determinam esta opção de vida.

Inicialmente cabe refletir sobre as condições apresentadas a cada um destes indivíduos desde a infância: pobreza, formação intelectual e moral em níveis abaixo dos padrões sociais geralmente aceitos, estrutura familiar desagregada, convivência diária com desigualdades e injustiças sociais marcantes, dificuldades de acesso, preconceitos, enfim, todas as componentes do processo de exclusão social.

Por que então todos os indivíduos pertencentes a comunidades de baixa renda, confrontados com estes problemas, não optam pela marginalidade? Por que esta opção acaba por atrair uma minoria?

Porque esta alternativa de ganhos, poder e recursos financeiros, mais imediatos, traz sérios riscos a integridade física e psicológica, que a maioria das pessoas evita

correr, por medo, formação moral mais adequada (neste sentido a figura da mãe reveste-se de grande importância) e influência religiosa como aspectos preponderantes.

Na Rocinha este grupo possui as mesmas características de grupos de outras comunidades de baixa renda: estrutura de “poder paralelo” em substituição aos poderes institucionais formais (saúde, educação, justiça), ganhos financeiros mais elevados, utilização de símbolos específicos (armas portadas com franca exposição, tatuagens características, linguagem própria) e a violência como forma de manutenção do poder.

As fronteiras, normalmente respeitadas, principalmente pelos demais integrantes da comunidade, permitem fluxos de entrada e saída, mais claramente identificados nos eventos sócio-culturais e desportivos da comunidade (festas, ensaios da escola de samba e futebol, dentre outros).

6. Fundamentação conceitual

Todo trabalho acadêmico deve considerar a análise dos textos e resultados de pesquisas, produzidos por autores, que embasem teoricamente a apresentação de sua temática.

Essa análise tem por objetivo, além da formação do conhecimento sobre o tema abordado, a fundamentação necessária a um melhor entendimento dos aspectos envolvidos, possibilitando a construção de propostas aplicadas.

Essa fundamentação passa obrigatoriamente pela análise de conceitos relativos a aspectos sociais, antropológicos e históricos do cenário considerado, envolvendo seus atores.

Sua importância reside na necessidade da reflexão sobre as questões que, de modo explícito ou não, se constituem no dia a dia das comunidades de baixa renda, interferindo na vida de seus participantes.

Nesse contexto, serão analisadas as questões da desigualdade, identidade e diferença, profissionalização, violência, emprego e cidadania concluindo pela gestão de projetos sociais.

Um primeiro olhar para o grupo social complexo dos habitantes da Rocinha, considerando-se um perfil sócio-econômico de baixa renda e sua localização geográfica, remete à reflexão sobre o conceito de desigualdade.

Essa localização situa a Rocinha entre dois bairros de classe média alta (Gávea e São Conrado), próximo aos bairros do Leblon e Barra da Tijuca, mais especificamente vizinha a um conjunto de prédios residenciais ocupados por moradores pertencentes à classe de nível social mais elevado¹⁸, explicita no dia a dia a desigualdade social em seus limites extremos.

A questão aqui levantada é: qual a relevância da desigualdade comparativamente com a problemática apresentada no contexto social brasileiro?

Analisemos o pensamento de algumas linhas ideológicas: o Liberalismo defende a diversidade e não a uniformidade como característica da igualdade; o Utilitarismo, como vertente do pensamento liberal, defende a igualdade entre os homens a partir de sua racionalidade, e mesmo Karl Marx, segundo Adalberto Moreira Cardoso, reconhece a possibilidade de justiça social na avaliação das desigualdades, identificadas na capacidade individual de produção de riquezas e nas necessidades de fruição de cada um, quando na conceituação da justiça distributiva: “de cada qual segundo sua capacidade, a cada qual segundo suas necessidades” (Cardoso, 2004:139).

¹⁸ A classificação utilizada para caracterizar níveis sociais mais elevados ou inferiores se referem à níveis de renda

Uma pesquisa apresentada por Celi Scalon na publicação *Imagens da Desigualdade*¹⁹ demonstra um reduzido nível de preocupação com o atributo “desigualdade de renda” (caracterizado neste trabalho como um dos principais fatores da desigualdade) quando comparado com outros problemas sociais (principalmente nos estratos sociais mais atingidos por este atributo) conforme demonstrado nas tabelas apresentadas a seguir:

Principais Problemas Brasileiros

Atributos Pesquisados	%
Violência	25,7
Desemprego	20,3
Saúde	19,0
Pobreza	10,5
Corrupção	10,3
Educação	4,6
Desigualdade renda	3,4
Inflação	2,0
Crescimento Econômico	1,7
Previdência Social	1,5
Meio Ambiente	1,0

Fonte: Pesquisa ISSP (2001) / (Reis, 2004: 56)

¹⁹ Esta publicação apresenta comentários e discussões de vários autores baseados no trabalho de pesquisa desenvolvido no Brasil pelo International Social Survey Programme -ISSP, em 2001.

Problemas Brasileiros Identificados por Grau de Escolaridade (%)

Escolaridade	desemprego	violência	..Saúde ...	educação	corrupção	pobreza	desiguald. renda
Nenhuma	33,7	19,7	16,9	3,4	7,8	10,1	3,4
Fundam.incompl.	20,1	26,7	20,5	3,7	8,9	10,2	3,0
Fundam.competo	14,9	27,7	18,1	4,3	11,7	12,2	3,2
Médio incompl.	16,2	29,9	18,0	4,3	12,8	13,7	1,7
Médio completo	20,4	23,1	18,4	8,2	11,8	9,8	3,9
Superior incomp	7,7	15,4	12,8	10,3	30,8	5,1	12,8
Superior compl.	13,3	22,2	8,9	11,1	13,3	17,8	6,7

Fonte: Pesquisa ISSP (2001) / (Reis, 2004: 58)

Problemas Brasileiros Identificados por Classes Sociais (%)

Classes	desemprego	segurança	...Saúde ...	educação	corrupção	pobreza	desiguald. renda
Alta	38,5	30,8	-	-	7,7	7,7	7,7
Media alta	16,0	40,0	24,0	-	12,0	4,0	4,0
Media	16,9	22,8	20,5	6,4	12,3	11,4	3,7
Media baixa	12,5	29,2	15,9	4,2	11,9	14,3	3,7
Trabalhadora	20,0	26,4	20,9	4,9	9,9	8,6	3,1
Baixa/pobre	27,5	21,8	17,0	3,7	9,4	11,8	3,5

Fonte: Pesquisa ISSP (2001) / (Reis, 2004: 60)

Adalberto Cardoso coloca, ainda, que “a desigualdade social, em suas múltiplas dimensões é uma das condições estruturantes da sociedade brasileira”, complementando “tratar como iguais os desiguais, reproduz a desigualdade” (Cardoso, 2004: 115,139)

Talvez a desigualdade possa ser entendida, até mesmo pelos estratos inferiores da sociedade, desde que sua dignidade esteja contemplada, evitando assim a exclusão social, imagem final do processo de injustiça social.

Estas considerações sobre o processo da desigualdade caracterizam o grupo social da Rocinha como um todo, em relação às suas fronteiras externas.

Ao “fechamos o foco” sobre este grupo social, observa-se que o “todo” se subdivide em grupos menores com características próprias e fronteiras bem definidas.

Para um melhor entendimento da composição destes grupos e caracterização de suas fronteiras é importante a análise dos conceitos de identidade e diferenças.

O que coloca um indivíduo (ou grupo de indivíduos) em um determinado grupo social e não em outro? Cabe a reflexão sobre o fato de que “a identidade é relacional” (Woodward, 2005: 9), isto é, a existência da identidade depende de algo externo a esta existência. Assim, pertencer a um grupo, muitas vezes implica em não pertencer a outro, caracterizando uma certa identidade através da diferença. Esta pertinência, reforçando a diferença da não pertinência a outros grupos, reforça a identidade na composição do grupo social maior, ao “todo”.

Esta identidade é instituída através de símbolos, construídos a partir de aspectos comportamentais com bases sócio-culturais e históricas, sem que se perca as características comuns e as diferenças entre estes sub-grupos.

A construção de uma identidade cultural a partir da história de uma determinada comunidade é analisada por Stuart Hall em seu ensaio “Identidade, Cultura e Diáspora” (1990). “Nesse ensaio, Hall toma como seu ponto de partida a questão de quem e o que nós representamos quando falamos. Ele argumenta que o sujeito fala, sempre a partir de uma posição histórica e cultural específica” (Woodward, 2005: 27).

Hall enfatiza a “fluidez da identidade” e não uma identidade rígida em posições de “nós e os outros”. Esta fluidez de identidade permite a participação de indivíduos em “campos sociais” definidos por Pierre Bourdieu como espaços institucionais com manifestações e percepções específicas, exercendo graus variados de escolha e autonomia em um contexto de tempo e espaço com um conjunto de recursos simbólicos.

Assim, um mesmo indivíduo em diferentes contextos sociais pode assumir diferentes significados sociais.

Essa análise introduz a definição de fronteiras dos sub-grupos sociais e a mobilidade existente através destas fronteiras.

A base conceitual para o entendimento da existência destas fronteiras remete ao texto “Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth” de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart.

Inicialmente cabe avaliar que determinados agregados humanos “compartilham uma cultura comum e diferenças interligadas que distinguiriam cada uma dessas culturas, tomadas separadamente de todas as outras, já que cultura é apenas um meio para descrever o comportamento humano” (Poutignat, 1998:187).

Deste modo pode-se entender um grupo social complexo com fronteiras externas bem definidas em relação a outros grupos, com características históricas e socio-culturais identificáveis, com sub-grupos compartilhando identidades internas (definindo suas próprias fronteiras) e diferenças com relação a outros sub-grupos.

A existência de fronteiras (sejam fronteiras externas do grupo social definido como “todo”, sejam dos sub-grupos constitutivos) não inibem a mobilidade existente entre tais fronteiras. Esta mobilidade, longe de eliminar as fronteiras, estabiliza as relações sociais, contribuindo para a manutenção de sistemas sociais englobantes.

“A interação em um sistema social, não leva ao seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar dos contatos inter-étnico e da interdependência dos grupos” (Poutignat, 1998:188).

A manutenção das fronteiras se dá principalmente pelos seguintes conteúdos culturais: a adoção de signos manifestos e padrões de comportamento baseados em valores morais fundamentais (outros valores poderão ser observados, como por exemplo, a ocupação geográfica).

Um aspecto a se considerar é a complementaridade das características culturais, como estrutura de um sistema social englobante, garantindo o processo de mobilidade (interação, contato, informação).

Outro aspecto relevante na análise do projeto do Instituto Reação remete a preocupação com a profissionalização e acesso ao mercado de trabalho pelos indivíduos atendidos pelo projeto.

Toda a proposta passa a ser questionada, se o desemprego, causado pela falta de oportunidades, conduzir a tentação de ganhos financeiros mais imediatos, através do tráfico de drogas e da prostituição.

Ao refletirmos sobre a situação atual da oferta de empregos no Brasil, cabe observar as informações contidas no *survey* nacional realizado em 2001, apresentado no livro “Imagens da desigualdade”, organizado por Celi Scalon, com a participação de vários autores, já citado anteriormente (destaca-se o capítulo “A desigualdade na visão das elites e do povo brasileiro” de Elisa P. Reis).

As tabelas apresentadas nas páginas 25 e 26 desse trabalho, montadas a partir dos gráficos constantes do referido capítulo, atestam a preocupação com o desemprego.

Será possível o desenvolvimento de uma cidadania plena em um contexto de desigualdade e injustiças sociais baseadas no preconceito e na dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, fundamentadas nas profundas falhas do sistema com relação a princípios básicos como Educação, Saúde e Segurança?

Se estes problemas existem em todo o tecido social brasileiro, certamente se manifestam com mais ênfase nas comunidades de baixa renda²⁰.

²⁰ Essa afirmação apóia-se em textos publicados diariamente na mídia impressa, nos contatos frequentes do autor com públicos de comunidades de baixa renda, e mais especificamente no livro “Cabeça de Porco” de Luiz Eduardo Soares (Soares, 2005).

Inicialmente cabe mais uma vez avaliar o processo histórico para uma melhor compreensão da situação atual.

Segundo José Murilo de Carvalho nas conclusões de seu livro “Cidadania no Brasil: o longo caminho”, em nosso país a implantação dos direitos do cidadão tiveram sua ordem invertida:

“Aqui, primeiro vieram os direitos sociais, implantados em períodos de supressão dos direitos políticos e redução dos direitos civis por um ditador que se tornou popular. Depois vieram os direitos políticos em outro período ditatorial” (Carvalho, 2005: 219).

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, as bases de construção da cidadania foram as liberdades civis. Quando se observa a inversão desta ordem, como no caso brasileiro, a consequência imediata é a excessiva valorização do poder executivo (Carvalho, 2005: 221).

A reversão gradativa deste quadro poderá ser realizada a partir da consolidação democrática, pelo reforço da organização e representação da sociedade. Nesse contexto se inserem as organizações não governamentais e as associações civis, que desenvolvendo atividades de interesse público, podem trabalhar em comum acordo com governos municipais e estaduais para o encaminhamento de soluções para problemas sociais, estabelecendo um desejável equilíbrio entre o poder constituído e as representações da sociedade.

Como elemento restritivo do exercício pleno da cidadania apresenta-se, dentre outros, a escalada da violência nos grandes centros urbanos.

Ainda citando, mais uma vez, o trabalho de pesquisa desenvolvido no Brasil pelo International Social Survey Programme-ISSP em 2001, apresentado no livro “Imagens

da Desigualdade”, organizado por Celi Scalon, podemos observar o atributo “segurança” liderando a lista de principais problemas brasileiros ²¹.

Manifestando-se em suas mais variadas formas, no mundo inteiro, e mais especificamente no tecido social brasileiro, a violência atinge drasticamente as comunidades de baixa renda.

Não que seja percebida apenas nessas comunidades ou que se refira unicamente ao tráfico de drogas.

A violência está presente nos processos de invasão e dominação entre nações e indivíduos, no terrorismo mundial, em todos os estratos sociais, no ambiente familiar, nos casos individuais de patologia da crueldade e nas ações do crime organizado, com suas componentes de corrupção e instabilidade social, contribuindo negativamente na formação de toda uma geração, através dos maus exemplos e do medo, em um processo de falência das instituições, base de todo o processo democrático.

Nesse sentido estaremos focando a “violência institucional” e a “violência visível”, que segundo Muniz Sodré ²², se caracterizariam respectivamente como a violência do poder constituído, a violência do Estado (estrutural e social), e aquela que se verifica pelo ato da violência, divulgada pela mídia, que dá lugar a marginalidade, tendo como consequência os assaltos, os crimes de morte e o tráfico de armas e drogas, entre outros.

Ainda segundo Sodré, com relação à violência institucional, cabe analisar mais duas citações:

“A linha de pensamento marxista, no sentido de que a materialização de relações baseadas na propriedade privada impõe o exercício da violência social, ou então

²¹ ver tabelas mostradas nesse capítulo nas páginas 25 e 26

²² Muniz Sodré é professor titular da UFRJ, Doutor em Letras (UFRJ), Mestre em Sociologia da Informação (Sorbonne-Paris) e pesquisador do CNPQ.

na esteira do que Lênin dizia: ‘o poder do capital jamais pode sustentar-se de algum modo que não seja pela violência’. (Sodré, 2006:36).

“No estudo clássico que faz sobre a violência, ‘Reflexões sobre a violência’, Georges Sorel reserva a palavra “força” para a imposição da ordem social governada por uma minoria, enquanto que “violência” é o que tende à destruição dessa ordem”. (Sodré, 2006: 37).

A manutenção da ordem social se daria através do sistema de administração da Justiça, compreendendo polícia, ministério público, judiciário e sistema penitenciário, em atenção ao artigo 144 da Constituição Federal.

A violência visível, quando divulgada pelo noticiário cotidiano desenvolve um imaginário de insegurança e medo, alimentando o processo de violência, na maioria das vezes atendendo a interesses comerciais.

Segundo Michel Misse²³: “a mídia não descreve apenas o que chama de violência, ela também participa de sua construção”. (Misse, 2006:26).

Cabe nesse momento a reflexão sobre os fatores estruturais da violência urbana.

A análise de autores de textos pertinentes ²⁴ e de depoimentos de indivíduos residentes em comunidades de baixa renda , permitem as seguintes proposições para as causas estruturais da violência, dentre outras:

- Baixos níveis educacionais da população brasileira
- Injustiça social (exclusão social)
- Baixa expectativa de futuro nas crianças e adolescentes.
- Descrédito nas instituições democráticas

²³ Michel Misse é Mestre e Doutor em Sociologia e professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (UFRJ) e Coordenador do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (UFRJ).

²⁴ Ver os livros “Defenda-se da violência: como combater a violência e suas causas” de Sergio Luiz Gantmanis Muniz e “Segurança tem saída” de Luiz Eduardo Soares.

- Impunidade criminal
- Corrupção
- Desenvolvimento do crime organizado

Ao se analisar essas causas, deve-se tomar cuidado para que não se adotem conclusões que conduzam a soluções simplórias, segmentadas e de curto prazo.

Ao contrário, as soluções deveriam estar contempladas em um planejamento estratégico de curto, médio e longo prazos, envolvendo representações sociais e políticas (supra-partidárias).

A base estrutural para a análise de soluções fundamenta-se no processo educacional da população como um todo, desenvolvendo habilidades profissionalizantes de excelência, propiciando acessos efetivos ao mercado de trabalho, em um plano de longo prazo, com ênfase ao atendimento da criança e do adolescente.

Essa ênfase encontra justificativa no texto de Gantmanis ²⁵:

“Levantamento feito pela UNESCO, Ministério da Justiça e Instituto Ayrton Senna, que resultou no “Mapa do Crime”, revela que a população mais vulnerável à violência são os trinta e três milhões de jovens entre quinze e vinte e quatro anos...

A década de 1991 a 2000 pode ser considerada perdida do ponto de vista da luta governamental contra a violência e suas causas estruturais, evidenciando que não basta apenas a construção de presídios, contratação de mais policiais e mais rigor nas penas...

A nova década deve ser utilizada para início de uma reformulação sistêmica, dando preferência a políticas de amparo e educação de crianças e adolescentes,

²⁵ Sergio Luiz Gantmanis Muniz é oficial da reserva do Exército Brasileiro, sendo um dos primeiros oficiais participantes da Guarda Civil Metropolitana de São Paulo.

entre outras, para que a partir de 2016, tenhamos no país um panorama mais auspicioso de desenvolvimento humano e menor desigualdade social”. (Muniz, 2006: 77).

Nessa direção Luiz Eduardo Soares²⁶ reforça: “Mais de quarenta mil pessoas são assassinadas todos os anos em nosso país. A maioria das vítimas é jovem, do sexo masculino, entre quinze e vinte e quatro anos, em geral pobre e negro”. (Soares, 2006:115).

Um outro ponto a ser considerado remete ao processo de gestão de projetos sociais.

A discussão que aqui se coloca aborda os conceitos de gestão estratégica e gestão participativa na condução de projetos direcionados para o terceiro setor, mais especificamente no campo de aplicação das organizações não governamentais (ONG’s).

O terceiro setor²⁷ caracteriza-se pelo desenvolvimento de atividades públicas através de associações da sociedade civil (associações profissionais e voluntárias, fundações privadas e ONG’s, dentre outras) para a produção de bens ou serviços de uso coletivo, segundo o Relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil (IPEA/PNUD), que ainda define as condições de operação de organizações não governamentais:

“(i)estruturadas; (ii) localizadas fora do aparato formal do estado; (iii) que não se destinam a distribuir lucros auferidos com suas atividades entre seus diretores ou entre um conjunto de acionistas; (iv) autogovernadas; (v) que envolvem

²⁶ Luiz Eduardo Soares é mestre em antropologia, doutor em ciência política, com Pós-doutorado em filosofia política.

²⁷ A classificação em primeiro e segundo setor remete, respectivamente, ao setor público e ao setor privado

indivíduos num significativo esforço voluntário; e (vi) que produzem bens e serviços de uso coletivo.” (IPEA/PNUD, 1996:146).

Fernando Guilherme Tenório define Gestão Estratégica como uma ação social utilitarista (Tenório, 2004: 23), pela aplicação da competência técnica em um sistema hierarquizado, característico do processo empresarial.

Como contra-ponto, conceitua a gestão social como um gerenciamento mais participativo, no qual o processo decisório é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais (Tenório, 2004: 25).

Tenório relaciona ainda o conceito da gestão social com o da cidadania deliberativa²⁸, em que o indivíduo exerce uma ação política deliberativa, com efetiva participação no processo decisório, com a consciência de seu papel como sujeito e não apenas como coadjuvante social.

7. Construção da proposta operacional para o Instituto Reação

A proposta operacional construída ao longo da elaboração desse trabalho final do curso de mestrado, servirá de embasamento para o desenvolvimento das atividades do Instituto, em particular para suas propostas de expansão.

Essa construção envolveu aspectos da fundamentação conceitual²⁹, reuniões com vários níveis de participantes do Instituto Reação e entrevistas realizadas com pessoas

²⁸ O autor, citando Jürgen Habermas, conceitua outras formas de cidadania: a liberal e a republicana. O cidadão liberal é definido em função dos direitos subjetivos que ele tem diante do Estado e dos demais cidadãos, enquanto que o cidadão republicano é aquele cujo exercício permite se converterem no que desejem ser: atores políticos responsáveis de uma comunidade de pessoas livres e iguais (Tenório, 2004: 29)

²⁹ Apresentadas no capítulo 6.

direta ou indiretamente envolvidas pelo projeto. Todo esse processo embasou as análises e propostas apresentadas a seguir:

7.1. Análise da situação atual

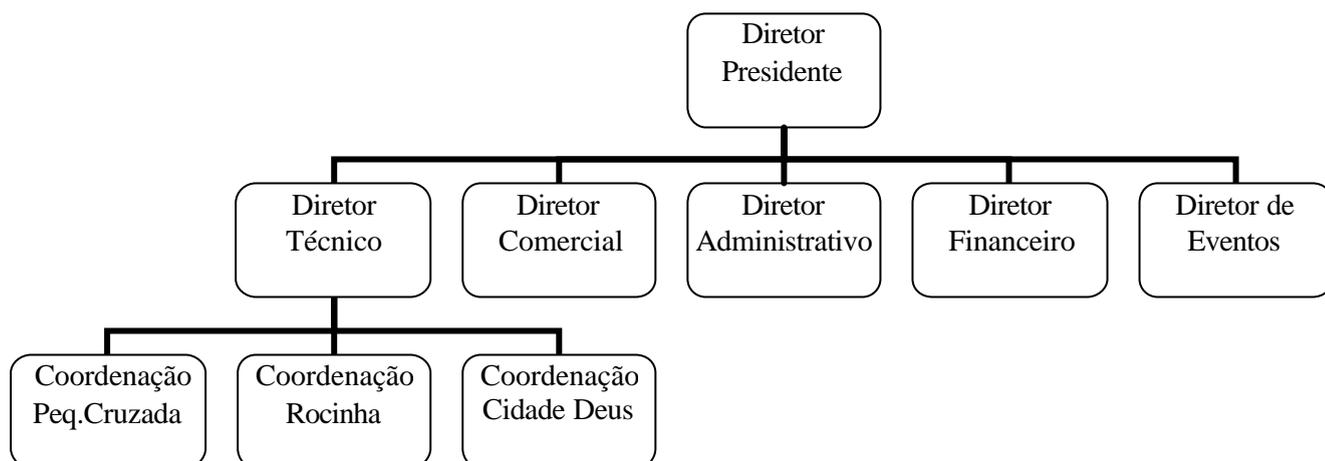
7.1.1. Programas de atendimento

O projeto do Instituto Reação encontra-se atualmente implantado em quatro pólos: Rocinha, Cidade de Deus, Pequena Cruzada e Tubiacanga, oferecendo aos seus alunos, além de treinamentos de Judô, os seguintes programas complementares:

- atendimento psicológico
- atendimento fisioterapêutico
- reforço aos programas do ensino fundamental e médio
- aulas de inglês
- aulas de Jiu-jitsu
- cestas básicas
- transporte gratuito para todos os eventos

7.1.2. Estrutura organizacional

A estrutura orgânica do Instituto Reação apresenta-se de forma hierarquizada, com as coordenações de pólos sujeitas por vínculo funcional direto com o diretor técnico e os diretores com vinculação ao diretor presidente.



Esta estrutura contempla as seguintes atribuições de funções:

Diretor Presidente: representar externamente o Instituto e desenvolver contatos para captação de recursos

Diretor Técnico: supervisionar treinamentos e competições das modalidades desportivas e programa de atendimentos

Diretor Financeiro: gerenciar financeiramente o Instituto

Diretor Administrativo: gerenciar administrativa mente o Instituto, envolvendo recursos materiais e humanos

Diretor de Eventos: supervisionar eventos sócio-culturais

Diretor Comercial: gerenciar o processo de captação de recursos

Coordenador de Pólo: desenvolver atividades administrativas e financeiras ligadas ao pólo e coordenar programas de atendimento, treinamentos e competições, a partir do trabalho de professores e monitores.

7.1.3. Metodologia operacional

O processo de gestão operacional partiu de um modelo estratégico, inicialmente concebido para implantação do projeto, evoluindo para um processo participativo, com reuniões realizadas com alunos, professores, coordenadores e diretores, sem um planejamento prévio sobre temas a serem debatidos e sem uma periodicidade definida.

A rápida expansão da proposta inicial conduziu a adequações da proposta operacional, com o crescimento dos pólos existentes e a implantação de novos pólos, sem que houvesse tempo para um planejamento mais elaborado, mantendo-se, no entanto a preocupação com a qualidade de atendimento nos níveis de excelência inicialmente propostos.

7.1.4. Considerações sobre a análise da situação atual

Serão apresentadas a seguir o resultado da análise crítica sobre a atual operação do Instituto Reação, como base para a construção de uma proposta operacional.

Inicialmente cabe a análise do trabalho implantado, a partir de suas realizações, com bases nas informações obtidas a partir de documentos internos do Instituto e de reuniões e entrevistas com funcionários e alunos:

- atendimento a aproximadamente mil alunos nos quatro pólos.
- quarenta alunos matriculados em cursos de nível fundamental e médio de escolas particulares, com bolsas de estudo (Escola Parque, Colégio Santa Mônica e Escola Alfa Cem)
- dez alunos matriculados em cursos superiores com bolsa de estudos em Universidades com reconhecimento acadêmico (PUC-Rio, Gama Filho, Cândido Mendes e UNISUAN)

- três alunos formados em cursos superiores (Moda, Desenho Industrial e Educação Física), já inseridos no mercado de trabalho.
- equipes de Judô com inúmeras conquistas em campeonatos estaduais, regionais e nacionais, classificando-se em primeiro lugar no “ranking” do estado do Rio de Janeiro, à frente de instituições tradicionalmente reconhecidas como pólos de excelência nos esportes, mais especificamente no Judô.
- envolvimento de 24 profissionais habilitados em áreas específicas, em atendimento permanente (16 professores de Judô e Jiu-jitsu, 4 psicólogos, 2 fisioterapeutas, 2 cirurgiões dentistas e 4 professores de reforço as disciplinas de ensino fundamental e médio).
- apoio de instituições e empresas (Unesco, Furnas, Infraero, Ulhôa Canto Advogados, Oi Telefonia Celular e Prefeitura do Rio de Janeiro, dentre outras)

Alem destes resultados concretos e mensuráveis, o processo participativo de gestão tem conduzido reflexões no tocante a operacionalização e evolução da proposta inicial.

Nas reuniões efetuadas nos vários níveis de operação, são abordados aspectos relativos à fundamentação conceitual, envolvendo o dia a dia da comunidade e seus habitantes, importantes para a avaliação de diretrizes e tomada de decisões³⁰.

Essas reflexões conduziram a algumas questões sobre a conceituação e estrutura de implantação do projeto do Instituto:

³⁰ Estas reuniões tem por objetivo o envolvimento de todos os níveis do Instituto Reação com a operacionalização da proposta, exercitando o senso analítico e crítico, tendo apontado, entre outras alternativas, a elaboração de uma dissertação de mestrado sobre esta temática.

(1) Até que ponto o projeto efetivamente trabalha a inclusão social quando seleciona um aluno e coloca outros tantos em lista de espera, ou quando não existe atendimento para aqueles que não são atraídos pelo Judô, ou mesmo quando existem desvios do “sucesso”, com alunos envolvidos pelo desemprego, tráfico de drogas ou prostituição?

(2) Em sua proposta inicial o projeto se conceituava como “educacional” e “não assistencialista”. Em vários momentos verificam-se ações assistencialistas, tais como distribuição de cestas básicas, atendimentos à necessidades específicas e individuais (doações para construção de habitações, dentre outros).

(3) A base para o desenvolvimento da proposta inicial é o Judô, como esporte olímpico, com seus fundamentos educacionais. Estimula-se a expansão envolvendo outros esportes? E a posição do Jiu-jitsu já implantado nas atividades cotidianas do Instituto, desde o início, deve ser mantida como complementar?

(4) A estrutura orgânica hierarquizada não reflete o processo participativo adotado como metodologia de trabalho compatível com um projeto social gerenciado por uma organização não governamental, atuante no terceiro setor.

(5) Cabe ressaltar o fato de que atualmente existem superposições de funções, com acúmulo de atribuições, com o diretor técnico coordenando os pólos da Rocinha e da Pequena Cruzada, envolvido diretamente como professor do pólo da Rocinha (juntamente com o Diretor Presidente). Do mesmo modo, o coordenador do pólo da Cidade de Deus envolve-se diretamente com as aulas, sendo um dos professores do pólo.

Por um lado o envolvimento de diretores e coordenadores com a operação é positiva, considerando-se o planejamento participativo, no entanto cabe a preocupação

com o fato de que este envolvimento ocupe um tempo que talvez devesse estar sendo consumido em otimizar atendimentos, planejando a operação e futuras expansões.

(6) Ainda sobre a estrutura orgânica atual, verifica-se a vinculação funcional e hierárquica dos pólos ao diretor técnico. Na prática a coordenação do pólo Cidade de Deus possui total liberdade de ação, devido ao perfil de seu coordenador e sua vinculação direta e ascendência ao diretor presidente, como seu ex-professor e treinador. Esta liberdade de ações envolve aspectos financeiros, administrativos e metodológicos.

(7) Com relação ao processo de expansão, encontram-se em análise as implantações de mais dois pólos de atendimento: um em Friburgo, estado do Rio de Janeiro e outro em São Paulo. Como será implantada e desenvolvida essa expansão, principalmente para pólos fora dos limites do município do Rio de Janeiro, no tocante a acompanhamento e garantia da qualidade?

Essas questões devem ser consideradas na construção da proposta operacional.

7.2. Construção da proposta operacional

A construção da proposta operacional se baseia na análise crítica do trabalho até então realizado, pela identificação e correção de distorções, com foco ampliado nos acertos.

Outro aspecto importante é a fundamentação conceitual desta proposta, pela compreensão da constituição dos cenários e seus atores, conforme já descrito anteriormente.

Uma vez construída, esta proposta foi apresentada e discutida em reuniões com os vários níveis do Instituto Reação, reforçando a tese de um planejamento participativo, para início de implementação prevista para o segundo semestre de 2007.

Esta proposta operacional contempla os seguintes aspectos:

7.2.1. Aspectos metodológicos

A metodologia operacional deve se pautar pelas competências sociais, pessoais, cognitivas e produtivas³¹, com destaque para os seguintes parâmetros:

- **Valorização da auto-estima**

Todo o processo de aceitação da condição de inferioridade e da injustiça social passa pela baixa auto-estima do indivíduo, como consequência de processos de preconceitos impostos pela sociedade e muitas vezes pela própria família, no entendimento de que “quem nasce pobre, morre pobre sem alternativas de vencer”.

Essa constatação reforça a desigualdade e a injustiça social.

Neste contexto, a valorização da auto-estima de cada um e do grupo é de vital importância para o sucesso.

Esse aspecto é apresentado a partir da prática desportiva, mais especificamente do Judô, e da formação educacional e acadêmica, formando o cidadão consciente de suas responsabilidades e competências.

- **A prática desportiva privilegiada como elemento motivador.**

O esporte apresenta um forte poder de atração para o jovem, principalmente por seu aspecto lúdico e de diferenciação dentro do grupo, para aquele que o pratica.

³¹ Essas competências foram definidas em uma reunião com representantes da Unesco, diretores e coordenadores do Instituto Reação, envolvendo respectivamente a inclusão social, a valorização pessoal (auto-estima), aspectos relativos ao desenvolvimento do conhecimento e processos produtivos dentro de uma filosofia de acompanhamento e controle.

No caso de comunidades de baixa renda, esse apelo é ainda mais forte se considerarmos as alternativas de participação em eventos e viagens, além das oportunidades educacionais e de trabalho remunerado.

Esse aspecto é reforçado através da formação técnica de excelência e da competição, possibilitando bons resultados como consequência do envolvimento, determinação e capacidade individual e do grupo, contribuindo para a formação da auto-estima.

- **Incentivo à formação técnico-acadêmica, tendo a profissionalização e emprego como diretriz do projeto.**

Todo o processo educacional e de oferecimento de alternativas reais para a inclusão social, fundamenta-se na formação acadêmica e profissionalizante, que aliadas à prática desportiva e reafirmação de valores éticos, poderão contribuir para a construção de um futuro digno.

Neste sentido, a alternativa de bolsas de estudos em escolas de ensino fundamental, médio e de nível técnico e universitário, bem como o acompanhamento efetivo de desempenho acadêmico, devem ser prioridades metodológicas.

Um projeto social ao se desenvolver, pode não garantir emprego e renda para toda a sua clientela, no entanto deve oferecer meios e embasamento instrumental para uma adequada habilitação ao mercado de trabalho.

- **Busca constante do envolvimento de todos os níveis de atendimento do Instituto Reação (patrocinadores, diretores, coordenadores, professores, monitores, alunos, familiares e amigos), com o processo participativo de tomada de decisões.**

Essa deve ser a essência de projetos direcionados para o terceiro setor.

O processo participativo, além das vantagens do envolvimento de todos os níveis da instituição com o planejamento e acompanhamento das ações, possibilita uma necessária transparência para o desenvolvimento das atividades fins e de suporte.

- **Incentivo a atualização e crescimento da capacitação técnica de professores, coordenadores e diretores.**

O desenvolvimento contínuo da qualidade de atendimento à clientela do projeto é função direta da crescente capacitação técnica dos responsáveis pelas suas ações, principalmente se considerarmos o processo de expansão acelerado, onde as necessidades de meios operacionais de implantação e controle (materiais, humanos e financeiros) se multiplicam a cada novo pólo.

- **Garantia de níveis crescentes de qualidade de atendimento**

A qualidade de atendimento em todos os níveis operacionais do Instituto deve ser privilegiada através de instrumentos de acompanhamento, com análises de informações que possibilitem a identificação prévia de possíveis distorções (ações preventivas), bem como a correção de não conformidades (ações corretivas).

O processo educacional, trabalhado de modo transversal aos treinamentos e atividades desenvolvidas, deve contemplar fundamentalmente os seguintes parâmetros:

- Disciplina, respeito e não violência
- companheirismo
- envolvimento e determinação
- exercício da cidadania

A partir destes parâmetros fundamentais serão estruturadas metodologias específicas de atendimento aos públicos infantil, infanto-juvenil, adolescente e adulto ³² :

³² Estas metodologias, concebidas pelos professores Eduardo Henrique de Macedo Soares e Flávio Vianna de Ulhôa Canto, com o apoio de psicólogos, apresentadas e discutidas em reuniões (com a participação de diretores, coordenadores e professores), foram consolidadas textualmente neste trabalho, estando implantadas em fase de avaliações e testes.

Metodologia de Atendimento ao Público Infantil (idade: de 4 à 8 anos)

e Infanto-juvenil (idade de 9 à 13 anos)

Introdução

Este atendimento deve ser especialmente cuidado, pelo entendimento de que a criança será o principal elemento transformador para um futuro melhor. Neste sentido todos os esforços deverão ser efetuados para sua formação, buscando sua participação e envolvimento de forma prazerosa, de modo a garantir sua permanência no projeto.

Metodologia

*** Aspecto Desportivo**

Introdução às técnicas do Judô através de processos lúdicos (brincadeiras) que desenvolvam elasticidade, agilidade, equilíbrio e psicomotricidade.

A competição deve ser introduzida de forma gradual com premiações a todos os participantes dos eventos realizados, sem caracterização de classificação (o que somente ocorrerá a partir dos 13 anos).

*** Aspecto Educacional**

O processo educacional será introduzido através da metodologia transversal, privilegiando-se o bom relacionamento (socialização) e as boas práticas de comportamento, apoiando-se nos fundamentos do Judô.

*** Metodologia do “Super-Herói” (dos 4 aos 8 anos de idade)**

Adotada como apoio e incentivo ao desenvolvimento dos aspectos desportivo e educacional, esta metodologia coloca o aluno como seu modelo de “Super-Herói”, com práticas comportamentais adequadas (relacionadas com obediência, disciplina, higiene, companheirismo, respeito e desempenho escolar, dentre outras).

Metodologia de Atendimento ao Público Adolescente e Adulto (idade de 13 à 23 anos)

Introdução

Este público deve ser atendido com a preocupação constante com a excelência da formação desportiva, com os aspectos comportamentais e profissionalizantes, na busca de um futuro livre dos descaminhos oferecidos pelas alternativas mais imediatistas de ganhos financeiros e “poder”.

Metodologia

* Aspecto Desportivo

Desenvolvimento das técnicas de Judô em um processo de excelência, buscando o atleta de alto rendimento e sua formação competitiva, contribuindo para a busca de patrocínios e profissionalização.

Além dos treinamentos e competições, será enfatizada a preparação física, o apoio psicológico e fisioterapêutico (prevenção e tratamento de lesões).

* Aspecto Educacional

A metodologia a ser utilizada para estes públicos contemplará além dos fundamentos educativos do Judô no desenvolvimento dos treinamentos, breves preleções ao final destes treinamentos e reuniões temáticas previamente agendadas, onde serão debatidos temas de caráter geral e específicos envolvendo operação, aspectos educacionais e fundamentação conceitual³³

³³ Nestas reuniões, será adotada a metodologia da “Roda”, onde os assuntos sugeridos e aprovados pelos participantes, na reunião anterior, serão debatidos de modo participativo e democrático (todos participam de maneira igualitária, com a organização a cargo de um mediador eleito a cada reunião)

7.2.2. Aspectos organizacionais

A organização interna do Instituto Reação deve refletir sua proposta de planejamento participativo. Deste modo as atribuições de função de seus gestores e a estrutura orgânica devem estar de acordo com esta proposta.

Atribuição de funções

Conselho Diretor:

formado pelos diretores e assessores do Instituto, tem por função a discussão e aprovação das propostas emanadas do planejamento participativo, para sua implementação.

Diretor Presidente:

- representar interna e externamente o Instituto Reação
- apresentar propostas para aprovação do Conselho Diretor
- desenvolver atividades de marketing (apoio institucional, captação de recursos)
- apoiar diretorias e coordenações na operacionalização da proposta
- alimentar o sistema de informações

Diretor Técnico:

- coordenar as atividades desportivas
- apoiar as coordenações (metodologia, treinamentos e competições)
- alimentar o sistema de informações

Diretor Administrativo:

- administrar recursos materiais e humanos do Instituto
- apoiar as coordenações com relação aos aspectos administrativos
- supervisionar atividades especiais e eventos sócio-culturais
- coordenar e alimentar o sistema de informações

Diretor Financeiro:

- gerenciar recursos financeiros do Instituto
- supervisionar e acompanhar os processos de captação de recursos
- alimentar o sistema de informações

Diretor de Eventos:

- implementar e coordenar a participação em eventos sócio-culturais
- alimentar o sistema de informações

Assessor de Captação de Recursos

- assessorar o Diretor Presidente no desenvolvimento ações de captação de recursos
- alimentar o sistema de informações

Assessor de Planejamento:

- acompanhar a operação, planejando novas propostas e expansões
- alimentar o sistema de informações

Coordenador de Pólo:

- coordenar as atividades desportivas e especiais do pólo
- gerenciar as atividades administrativas e financeiras do pólo
- supervisionar o trabalho dos professores e monitores
- alimentar o sistema de informações

Professor:

- desenvolver as atividades específicas de treinamento e relativas ao processo educacional

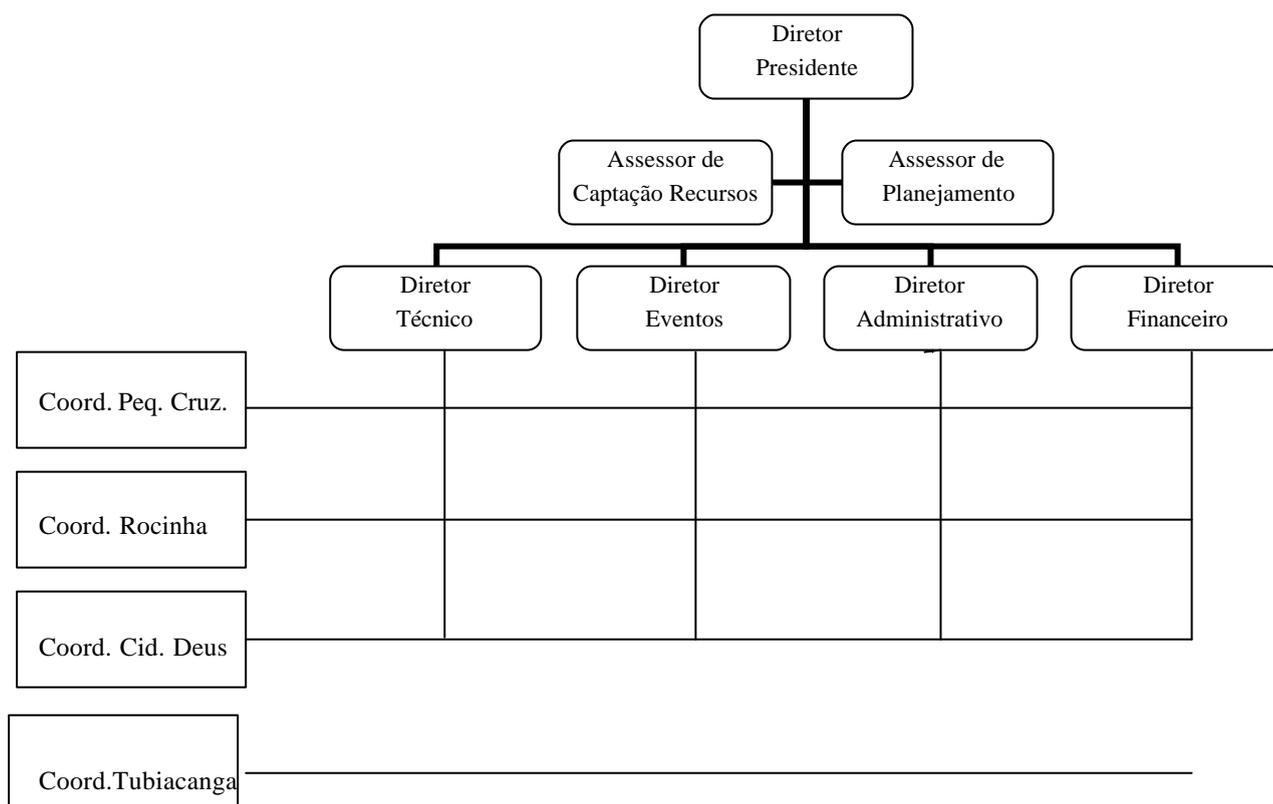
Monitor:

- apoiar o professor no desenvolvimento de suas atividades

Estrutura organizacional

A forma matricial para a estrutura orgânica é a que melhor reflete a proposta do planejamento participativo (Tenório, 2004:25)

Nesta estrutura as diretorias desenvolverão apoios técnicos, administrativos e de gestão às coordenações dos pólos.



7.2.3. Sistema de informação e controle

A proposta operacional aqui apresentada não poderia deixar de contemplar um sistema de informações e controle de modo a garantir os padrões de qualidade desejados.

Neste sentido serão inicialmente implantados os seguintes instrumentos de controle da operação:

Relatório de desempenho do aluno

objetivo: manter um sistema atualizado de acompanhamento do desempenho acadêmico e desportivo do aluno.

Responsável: professor / coordenador do pólo

Fontes de informações: boletins, históricos e relatórios escolares para o desempenho acadêmico. Informações do professor sobre assiduidade, pontualidade, envolvimento e resultados nos treinamentos e competições, para o desempenho desportivo.

Periodicidade: bimestral

Relatório do número de alunos por atividades

objetivo: manter atualizado o número de alunos por atividades, contribuindo para a tomada de decisão de manter, encerrar ou incentivar a participação em atividades desenvolvidas pelo Instituto.

Responsável: coordenador do pólo

Fontes de informações: professores de cada atividade

Periodicidade: semestral

Relatório de desempenho financeiro

Objetivo: manter o controle financeiro da operação do Instituto

Responsável: Diretor financeiro

Fontes de informações: coordenadores de pólos (captação de recursos e custos operacionais)

Periodicidade: mensal

7.2.4. Estruturação do programa de expansão

O programa de expansão das atividades do Instituto Reação foi iniciado pouco tempo após sua implantação, devido ao crescimento do número de participantes e a demanda pela implantação de outros pólos.

A proposta aqui apresentada contempla um programa de expansão baseado nos seguintes princípios:

- manutenção do crescimento contínuo da qualidade de atendimento
- seleção prévia e acompanhamento sistêmico de participantes (alunos, professores, coordenadores e parcerias) de modo a garantir todo o processo em bases de excelência de desempenho sob aspectos de competência e ética.
- análise técnica e de oportunidade para implantação de outros pólos e outras atividades desportivas e culturais.
- As expansões previstas nesta proposta são de três tipos: expansão dos pólos (crescimento do número de alunos); novos pólos de atendimento e novas modalidades desportivas, artísticas e culturais³⁴.

Com relação à expansão dos pólos e modalidades existentes, devem-se considerar como fatores limitadores o número de alunos em cada turma e o número de turmas (considerando-se dias e horários de atendimento e espaço físico disponível), além da disponibilidade de professores e monitores.

Para a implantação de novos pólos e modalidades são relevantes os aspectos relativos à disponibilidade de professores e monitores, espaço físico, recursos materiais, apoios financeiros e patrocínios.

³⁴ Com relação a atividades desportivas a expansão prevista contempla a modalidade de Corrida (provas de rua) face as facilidades operacionais e baixo custo de implantação. Outras atividades, inclusive atividades artísticas e culturais serão analisadas oportunamente.

No sentido de viabilizar estes apoios e patrocínios, são apresentadas a seguir estruturas tentativas de custeio, para implantação das atividades de Judô e Corrida (atividade desportiva alternativa para a expansão).

I. Atividade Judô

II. (a) Custos de implantação

- Montagem da área de treinamento
- Judoguis (100 unid.)
- Camisas (100 unid.)
- Outros

(b) Custos de Operação Mensal

- Salários e encargos
 - Coordenador (1)
 - Professor (1)
 - Monitor (1)
 - Encargos (62 %)
- Inscrições em competições
30 (inscrições) x (valor taxa)
- Transporte de atletas
- Cestas Básicas (100)
- Reposição de Judoguis
- Outros

II. Atividade Desportiva Alternativa (corrida)

(a) Custos de Implantação

- Equipamento básico (100unid)
- Camisas (100 unid.)
- Outros

(b) Custos de Operação Mensal

- Salários e encargos
 - Coordenador (1)
 - Professor (1)
 - Monitor (1)
 - Encargos (62 %)
- Inscrições em competições
30 (inscrições) x (valor taxa)
- Transporte de atletas
- Cestas Básicas (100)
- Outros

Divulgação de informações

Um programa de divulgação (interna e externa) constitui-se como peça fundamental do Sistema de Informações de modo a propiciar o conhecimento da operação, favorecendo o envolvimento de todos os seus participantes diretos e indiretos.

Assim a proposta aqui apresentada contempla os seguintes veículos de comunicação:

- Página na Internet

Reestruturação do “site” divulgando aspectos históricos, estrutura orgânica, pólos, atividades, metodologia, parcerias, resultados alcançados, jornal informativo e ouvidoria.

- Jornal informativo impresso

Versão impressa do jornal informativo do “site”, publicado bimestralmente.

- Publicação de textos específicos

Edição de revistas, livros e apostilas³⁵

- Espaços para divulgação de assuntos pertinentes à operação nas reuniões conceituais (“Rodas”) e preleções ao final de atividades.

- Estruturação de arquivo de imagens (fotos e filmes)

³⁵ Neste sentido são previstos, nessa proposta, a publicação dos seguintes textos:

* Livro “Instituto Reação, um projeto social aplicado” (com bases no texto do trabalho final de mestrado, a ser avaliado pela Banca Examinadora para posterior publicação prevista para o segundo semestre de 2007)

* Apostilas de orientação metodológica a professores e monitores (previsão de término no segundo semestre de 2007)

Observação: as apostilas não serão apresentadas como parte integrante do trabalho final do mestrado

8. Considerações Finais

Muitas são as soluções propostas para os problemas sociais, em particular para os problemas da violência urbana, atualmente vista como consequência explícita da problemática social de nosso país (injustiça social, concentração de renda, processos de exclusão...)

Na maioria das vezes essas soluções passam pela necessidade do aumento da repressão, de melhor equipar e remunerar as polícias.

Cabe refletir sobre o fato de que equipar um contingente policial despreparado, muitas vezes envolvido com a marginalidade através de ações diretas ou da corrupção, dificilmente se configuraria como uma solução efetiva.

Discute-se também a redução da idade da responsabilidade penal.

Será essa a solução para a problemática social brasileira? Algumas percepções merecem ser consideradas:

Segundo matéria publicada na revista “Super Interessante” (páginas 82-87/edição 238 de abril/2007), sob o título “Qual a idade da maioridade?”, assinada por Tiago Cordeiro, o Brasil possui aproximadamente trinta e cinco milhões de adolescentes entre 12 e 18 anos de idade, dos quais quinze mil são menores infratores internados. Eles têm um perfil bem definido: 90% são do sexo masculino, 60% são negros e 90% deixaram a escola.

Segundo o psicólogo Sergio Kodato (professor da USP), em entrevista no citado artigo da mesma revista: “Quando discutimos a idade em que adolescentes começarão a ser levados a presídios, estamos falando de indivíduos de baixa renda, com deficiências na formação intelectual, cultural e social, sem muita expectativa de futuro”.

Conclui-se pela necessidade reversão desse quadro, através de investimentos na área da educação e do atendimento à criança e ao adolescente, em ações de longo prazo, como solução efetiva.

Esse processo educacional deve propiciar reais oportunidades de trabalho e renda, a partir da formação ética e profissional, preparando esse adolescente, adulto de amanhã, para desenvolver de forma cidadã, atividades civis, militares e policiais.

Todo este processo de longo prazo não invalida ações de curto e médio prazos, desde que as tomemos sabendo de seu efeito paliativo, até que se mude estruturalmente o contexto social brasileiro.

É nessa faixa etária que o Instituto Reação concentra suas ações.

No entanto cabe lembrar que o trabalho desenvolvido pelo Instituto, e por outras instituições similares, não resolverá o problema social brasileiro.

Para tanto são necessárias mudanças estruturais sérias, onde governo, empresas, instituições e cada um de nós estejamos conscientemente envolvidos.

O que se pode desejar é que se cada aluno, ao se formar, tiver oportunidades melhores que aquelas oferecidas aos seus pais, e a partir dessa formação, puder propiciar melhores alternativas aos seus filhos e netos, então estaremos trabalhando com a esperança de um futuro melhor.

O trabalho aqui apresentado, como texto final do curso de mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais, da Fundação Getúlio Vargas, possibilitou ao longo dos dois anos de sua elaboração, uma análise crítica do projeto desenvolvido pelo Instituto Reação, que se propõe a uma intervenção em todo esse processo, atuando junto a criança e ao adolescente.

Essa análise foi possível a partir da leitura de textos acadêmicos, propostos nas disciplinas cursadas, e em um processo participativo envolvendo discussões e entrevistas com atores direta ou indiretamente envolvidos com o projeto.

Essas discussões, se por um lado contribuía para a construção da análise crítica, por outro lado motivaram alguns desses atores a elaborarem textos acadêmicos sobre o mesmo assunto.

Assim foi com um dos alunos, atualmente professor do Instituto (Rodrigo Borges), com sua monografia para graduação em curso de Educação Física, na Universidade Gama Filho.

Outro trabalho acadêmico sobre o Instituto foi elaborado pelos alunos Raynier Douglas e Déborah Rodrigues, do curso de Desenho Industrial (na disciplina de Projetos Sociais) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, onde atuou como professor.

A aluna Sabrina Queiróz de Macedo Soares, formanda no curso de graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, construiu sua monografia de final do curso, desenvolvendo um projeto para uma nova sede do Instituto, contemplando sua expansão futura.

Apesar do meu envolvimento desde o início, com o trabalho do Instituto, busquei ao longo de todo o processo a maior isenção possível, atendo-me aos resultados das pesquisas realizadas.

Obviamente a dificuldade, nesse sentido foi muito grande, sendo que muitas vezes me via conduzindo o processo, o que me obrigava a “voltar atrás” de modo a não perder o senso crítico.

De qualquer forma, a consciência do problema, em muito contribuiu para que as análises fossem as mais consistentes, dentro do possível.

A construção de uma proposta para o Instituto Reação (discutida ao longo do processo com diretores e professores do projeto), que balizasse sua operação e futuras expansões, foi a aplicação prática de todo esse processo reflexivo.

A proposta de publicação de um livro que viesse a divulgar esse trabalho, de modo a incentivar, subsidiar e fundamentar a implantação e expansão de projetos sociais, consolida a aplicação dessas reflexões, com o protótipo do livro, apresentado como parte integrante desse texto.

9. Anexos

São apresentados em anexo os seguintes itens:

Anexo 1: Transcrição das entrevistas realizadas com atores direta ou indiretamente envolvidos pelo projeto.

Anexo 2: Documentação fotográfica

Anexo 3: Capa do livro “O Instituto Reação; um projeto social aplicado”

Anexo 1

Transcrição das entrevistas realizadas com atores

direta ou indiretamente envolvidos pelo projeto.

Esse anexo apresenta as entrevistas realizadas, a partir de um planejamento geral contemplando as seguintes atividades: seleção dos entrevistados, contatos para agendar as entrevistas, definição do processo de gravação, elaboração dos roteiros básicos, realização das entrevistas, transcrições das gravações e conferência de fidelidade.

As entrevistas, conduzidas com bases na metodologia de história oral, buscam melhor avaliar as questões colocadas nesse trabalho, caracterizando-se como entrevistas temáticas (sempre focando alguns aspectos das histórias de vida de cada entrevistado).

Segundo Verena Alberti: “as entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (Alberti, 2005: 37).

Todas as entrevistas foram iniciadas com um processo de diálogo de descontração entre o entrevistado e entrevistador e colocações sobre a metodologia, objetivos e caracterização (data, local, nomes do entrevistado e entrevistador, dentre outros) e finalizadas com agradecimentos. Esse processo inicial e final das entrevistas não foi transcrito. Os textos foram adaptados para transcrição, eliminando-se repetições e demais elementos que viessem a dificultar o entendimento.

A apresentação das entrevistas seguiu sua ordem de realização.

Entrevista com Rodrigo Borges

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Rodrigo Borges / RB

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Gustavo Moretzsohn

Data da entrevista: 30/09/2006

Local da entrevista: Universidade Gama Filho (campus Piedade)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 04/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 11/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Morador da Rocinha, aluno do Instituto Reação desde a sua fundação, atualmente professor do Pólo Tubiacanga, cursando o último período de Educação Física da Universidade Gama Filho.

Estrutura da entrevista

AJ: Como você vê o trabalho do Instituto Reação, como morador da Rocinha, aluno e agora professor do Instituto Reação? Há quanto tempo você é aluno do Instituto?

RB: Há seis anos. Sou aluno do projeto desde seu início. Iniciei minha relação com o Judô, quando eu ainda era criança. Eu via televisão e não tinha oportunidade de praticar,

porque a situação financeira lá em casa não era boa. Minha mãe, doméstica, sempre ganhava coisas dos patrões, e eu acabei ganhando um kimono de Judô. O engraçado é que eu tinha um kimono, mas não tinha o Judô. Eu tive que correr atrás, para não perder essa vantagem. Comecei a treinar Jiu-jitsu com dezessete anos, mas ainda não era o Judô, como eu queria. Como eu trabalhava na Associação de Moradores, foi por aí que eu tive contato com o início do projeto que deu origem ao Instituto Reação. Eu me encontrei no Judô, e se eu era apaixonado, agora sou mais ainda.

AJ: Você está com que idade?

RB: Eu tenho vinte e cinco anos

AJ: Você começou o Judô tarde, com dezessete anos, mas tudo bem... Como o Instituto Reação está influenciando a sua vida?

RB: Em todos os aspectos. Eu antes tinha uma expectativa bem diferente, como pessoa e em termos de trabalho. O Instituto já mudou minha vida e pode vir a mudar muito mais. Esse é o caminho. O Instituto tem que fazer um trabalho bem forte, em relação ao desenvolvimento social, através do esporte de alto rendimento e dos valores que o Judô traz. Hoje mesmo, tive o relato de crianças, dizendo que estavam nervosas, e isso para mim é gratificante para poder mostrar que elas podem se controlar e assim vão aprendendo...

AJ: O Instituto tem uma proposta de trabalho fundamentado na educação e na profissionalização através do Judô ou da formação acadêmica. É fácil alcançar isso? Você sente que isso é possível?

RB: O Instituto Reação quer mostrar aos seus alunos esse caminho, porque a realidade deles seria completamente diferente, sem o Instituto, que se propõe a abrir a visão deles em relação ao mundo. Eu dou o meu exemplo: estou me formando em Educação Física e algumas crianças acham que por eu ser professor, eles também tem que estudar Educação Física, mas não é por aí. Eu tento mostrar que existem outras profissões que eles podem seguir, e que o Instituto pretende é formar cidadãos de bem acima de tudo. Esse é o principal objetivo do trabalho.

AJ: Então você acha que o objetivo profissionalizante do Instituto tem sentido? Com você, tudo bem... você conseguiu uma bolsa de estudo na Universidade e está se formando. Mas será que o Instituto vai conseguir isso com os seus atuais mil alunos? Essa é uma preocupação minha. Qual é o risco? Quais as condições para que se consigam resultados?

RB: O trabalho busca oferecer um caminho de excelência à todos. Nem sempre é possível. As dificuldades são imensas, mas o Instituto enfrenta essas dificuldades junto com seus alunos e vai tentando abrir esse caminho para uma vida mais digna.

AJ: A dúvida é conceitual. A proposta do Instituto é de inclusão, de intervenção efetiva para modificar uma realidade. A dúvida é a seguinte: será que o Instituto vai conseguir esse processo de inclusão considerando sua expansão? Será que no fim das contas não

se configurará um processo de exclusão, ou seja, preparar um bom atleta e depois ele não conseguir emprego. Isso não adiantaria simplesmente a exclusão?

RB: Há um trabalho de conscientização. O aluno deve estar consciente do que pode ou não pode acontecer, mas ele deve estar trabalhando para alcançar seus objetivos.

AJ: Vamos falar um pouco de você. Como foi sua infância e adolescência na favela?

RB: Tenho vinte e cinco anos de idade e vinte e cinco anos morando na Rocinha. Com três anos de idade meus pais se separaram e meu pai foi morar fora da Rocinha. Minha mãe não teve nenhum apoio para criar os filhos. Eu tenho uma irmã, quatro anos mais velha. Minha mãe é uma guerreira... Batalhou e fez o possível e o impossível para dar um mínimo de dignidade para seus filhos. Nunca nos deixou sair da escola e isso era primordial. Minha infância foi tranqüila, a partir da batalha da minha mãe, tendo em vista outras crianças com as mesmas condições que eu tive. Eu vou sempre falar da minha mãe, porque para mim ela é um ídolo, é a maior, e sempre me deu as condições. Eu sempre conto um caso: meu avô paterno era feirante, e com todas as dificuldades que tínhamos em casa, eu achava que tinha que ir trabalhar com ele, para poder ajudar. Mas minha mãe não permitia. Ela falava que o tempo que eu estava na feira, era o tempo que eu tinha que estar na escola, e então me mandava para a escola. Na época eu chorava muito e não entendia, porque era criança. Hoje eu entendo que ela queria o melhor para mim e para minha irmã. Assim minha infância teve suas dificuldades, mas foram superadas, como muitas famílias que passam por problemas parecidos e têm seus objetivos alcançados.

AJ: Como você entende a Rocinha? Quais são as vantagens de morar em uma comunidade de baixa renda, uma favela que hoje é um bairro? E as desvantagens?

RB: Bom, eu vejo como vantagem você poder ter uma relação mais próxima com seus amigos, seus vizinhos. Se eu morasse em um apartamento acho que teria mais dificuldades nessas relações. Como desvantagem, a violência do Rio de Janeiro, que na favela é muito mais intensa, e que a cada dia passa a ficar mais difícil. Outros problemas são o saneamento básico e os acessos físicos precários.

AJ: Você falou da violência como principal problema. Existe, ao seu ver, solução para o problema da violência?

RB: Essa é a pergunta que todo mundo faz e não é fácil de responder. O Brasil tem mais de quinhentos anos, e quantos governos já não passaram, e quantos puderam fazer um trabalho que pudesse mudar tudo isso? Eu acho que é um trabalho que não é fácil. As pessoas tem que se empenhar muito para mudar esse quadro. Não depende só das pessoas lá de cima, mas também de cada um de nós, que inclusive botamos as pessoas lá em cima. O povo tem que se unir para mudar isso. Eu acredito que pode haver mudança, mas não a curto prazo.

AJ: Vamos falar livremente sobre alguns temas. Como você vê a desigualdade e a injustiça social, principalmente com relação à você e à comunidade onde você mora?

RB: Eu moro na Rocinha e é onde você tem uma nítida visão sobre isso. A Rocinha está entre a Barra da Tijuca e São Conrado, onde talvez exista o poder aquisitivo mais alto do Rio de Janeiro. E mesmo dentro da Rocinha também existe desigualdade social: pessoas com alto poder aquisitivo e outros de baixíssima renda. A diferença social em nosso país está muito elevada. É uma pena você ver alguém com um carrão ao lado de quem não tem o que comer. É difícil pensarmos nisso, mas infelizmente temos que aceitar essa realidade... aceitar não, conviver com essa realidade!

AJ: Você tem vinte e cinco anos, mora na Rocinha, em frente aqueles prédios de classe média alta, com elevado poder aquisitivo. Isso não te incomoda? Você consegue ser feliz com essa proximidade tão flagrante da desigualdade? Isso envolve injustiça social, dificuldades de acesso e preconceito. Gostaria que você falasse sobre isso.

RB: A desigualdade nós sabemos que existe. Não tem jeito... Com relação ao preconceito: eu saio da Rocinha e vou à praia em São Conrado. Estou caminhando no calçadão e quando passa uma “madame” ao meu lado, ela corta caminho para não passar ao meu lado. Isso já aconteceu várias vezes, não só comigo, mas também com meus amigos. Eu acho que não deveria haver isso! As pessoas “de cima” deveriam ter consciência e que as “de baixo” estão lá, não por vontade própria, e sim porque nasceram nesse mundo diferente. Se tivessem oportunidade, certamente não estariam naquela condição.

AJ: Você falou de uma coisa importante: oportunidade. Você sente dificuldade de acesso à empregos melhores? Você que está se formando agora, acha que vai competir em igualdades de condições, ou vai ter dificuldades, por morar na Rocinha, com todo esse processo de preconceito de que você falou?

RB: O fato de morar na Rocinha dificulta muito.

AJ: Vamos falar do “poder paralelo do tráfico de drogas”, substituindo instituições como polícia, justiça e interferindo na saúde pública e educação. Existe efetivamente essa substituição?

RB: Pelo menos o tráfico tenta fazer isso para ganhar o respeito dos moradores. As pessoas, infelizmente, vão aceitando esse poder, e isso não é bom! Se existem meios legais, nós devemos seguir esses caminhos, mas o tráfico impõem esse poder. As pessoas vendo as dificuldades do outro lado e as facilidades oferecidas pelo traficante, escolhem esse caminho. Se as pessoas não têm comida em casa, por estarem desempregadas, o traficante oferece uma cesta básica. Eu cresci com o conceito de que essa opção não é boa. O jovem, a criança que hoje porta um fuzil, não vai chegar aos vinte e cinco anos, que é a minha idade. Eu prezo acima de tudo a minha liberdade, moro na Rocinha e isso já é um fato ruim perante a sociedade: morar em uma favela... Além disso, não poder sair, não poder ir à outro lugar, à praia em frente, porque sou traficante? Isso não é para mim! Eu quero correr atrás dos meus sonhos que são totalmente diferentes de tudo isso.

AJ: Você acha que nisso o Instituto Reação tem te apoiado?

RB: E muito! O Instituto abriu minha visão para o mundo. Antes minha expectativa era terminar o segundo grau para arranjar um emprego um pouco melhor. O Instituto apareceu e mudou completamente a minha vida. Me deu a oportunidade de entrar para uma Universidade, a qual estou terminando. Com isso pude trabalhar dentro do próprio Instituto e em uma academia de ginástica, na Rocinha, como instrutor de Educação Física. O Judô como “carro chefe” do Instituto, com seus princípios morais, me ajudou muito a me manter ainda mais forte na busca do que eu quero. O Instituto Reação hoje é minha vida!

Entrevista com Kelle Santana

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Kelle Santana / KS

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Gustavo Moretzsohn

Data da entrevista: 30/09/2006

Local da entrevista: Universidade Gama Filho (campus Piedade)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 04/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 11/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Aluna do Instituto Reação, formada no curso de Moda da Universidade Cândido Mendes.

Estrutura da entrevista

AJ: Há quanto tempo você é aluna do Instituto Reação?

KS: Há seis anos

AJ: Já tem tudo isso? Você está com que idade?

KS: Vinte e quatro anos

AJ: Como tudo começou?

KS: Eu estudava na Pequena Cruzada, uma instituição só de meninas, onde nós só estudávamos e íamos à escola. Não existia nenhuma atividade. Aí chegou o Jô (*Antonio Joaquim*) e começou a dar aula de Judô. No início eu ficava só observando. Então a Flávia, que havia iniciado antes, me chamou e eu fui fazer uma aula. Gostei e foi assim que tudo começou.

AJ: Como o processo do Instituto Reação influenciou ou ainda influencia a sua vida?

KS: Na minha visão profissional, principalmente. Quando eu estudava na Pequena Cruzada, eu tinha a intenção de continuar meus estudos, terminar o segundo grau. Mas a faculdade não vinha ainda na minha mente. A partir do Judô, comecei a praticar esporte

e arrumei uma vaga na Faculdade, e daí minha visão para terminar o ensino superior. Foi a partir do esporte que eu abri o horizonte para minha formação.

AJ: Você fez faculdade de que?

KS: Eu sou formada em Moda na Universidade Cândido Mendes.

AJ: E o Instituto Reação teve participação nesse encaminhamento à Universidade, “fazendo sua cabeça” para o curso superior?

KS: Sim! Eu terminei a faculdade e iniciei um projeto junto com a minha atual sócia, Flávia. Começamos com a ajuda do Duda (*Eduardo Soares*), que tem uma fábrica de kimonos. Pedimos que ele nos cedesse uns retalhos para desenvolvermos o projeto. Com esses retalhos começamos a fabricar bolsas. Criamos uma marca, ainda não registrada, a “Mate com Leite”, e já estamos com muitos pedidos. Isso é muito “bacana”.

AJ: Vocês montaram uma empresa logo após se formarem? Por que o nome “Mate com Leite”?

KS: Porque nós estudávamos no internato Pequena Cruzada, e todo dia de manhã tomávamos mate com leite no café da manhã. Então nós queríamos que a marca tivesse algo a ver conosco, e colocamos esse nome que lembra muitas coisas “bacanas” de nossa infância.

AJ: Por falar em infância, vamos falar da infância da Kelle, começando do princípio?

KS: Bom, minha mãe estava precisando colocar as filhas (eu tenho mais duas irmãs e um irmão) em um colégio porque ela trabalhava o dia inteiro. Nós morávamos em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

AJ: Trabalhava em que?

KS: Ela era caixa de supermercado. Mas aí não estava dando certo. A situação financeira estava difícil e ela teve que trabalhar em casa de família, necessitando dormir no trabalho. Minha mãe não queria que ficássemos sozinhas e então, por indicação de uma amiga, nos colocou na Pequena Cruzada. Ficamos nesse internato onze anos. Lá ficávamos a semana inteira e íamos para casa nos finais de semana. Morávamos com uma tia, que nos deu um espaço para construirmos uma casa. Só que ela não quis mais, e tivemos que nos mudar para o Rio de Janeiro. Minha mãe trabalhava em São Conrado e conseguiu um lugar para morar em São Conrado. Se não viéssemos para cá, talvez eu não tivesse essa mente que eu tenho hoje, com relação aos estudos e o crescimento profissional.

AJ: Em São Conrado, você mora onde?

KS: Na estrada da Canoa, em uma comunidade chamada “Vila Canoa”, a “Favelinha”.

AJ: Há muito tempo que você mora na Vila Canoa. Com sua experiência em morar em uma comunidade de baixa renda, quais são os problemas?

KS: A questão da violência, mesmo. Onde moramos não chega a ser igual à Rocinha, mas também tem seus problemas, principalmente em relação à pequenos roubos. Isso não deveria acontecer.

AJ: A comunidade onde você mora tem influência direta da Rocinha?

KS: Não, influência direta, não.

AJ: Não tem influência do tráfico de drogas?

KS: Não. Acho que não tem muito isso não! Não sei se é porque nós não convivemos com esse tipo de gente, e assim então não vejo muito esse problema.

AJ: Você convive há muito tempo com a Rocinha, inclusive treinando no Pólo Rocinha do Instituto Reação. Como você vê a Rocinha? A problemática da Rocinha é parecida com a da sua comunidade?

KS: Na Rocinha o problema da violência é muito maior, sendo a maior favela da América Latina. Mas não interfere tanto onde eu moro.

AJ: Como você vê o processo da desigualdade, morando na estrada da Canoa, com moradias de alta renda logo ao lado? De manhã, quando você sai, convive com pessoas de altíssima renda, com carros com motoristas... Isso traz algum problema para a vida da Kelle?

KS: Não vou dizer que eu não gostaria de estar morando nos edifícios perto da minha casa... Mas eu busco sempre aquela filosofia de que eu estou estudando para crescer como pessoa, então eu não tenho aquela inveja. Eu tenho uma inveja boa. A minha mente é de crescer e ocupar aquele espaço... Mas a desigualdade e o preconceito existem, mesmo que as pessoas digam que não. Às vezes até mesmo nós temos preconceitos com algumas coisas que nem falamos. Nos retraímos. Assim é o ser humano. Mas não acho isso “legal”. Isso tem que acabar.

AJ: Qual o grande segredo da Kelle, em estar sempre alegre, sempre feliz, morando em uma comunidade de baixa renda e sofrendo preconceitos com a desigualdade?

KS: Assim... Eu não fico frustrada por morar em uma comunidade de baixa renda e conviver com pessoas que tem “grana”. Acho que isso não me incomoda, porque eu estou buscando ter isso também. Só tenho que ter a visão de onde eu quero chegar. É por isso que vivo feliz.

AJ: Fala um pouco da sua vida na Universidade. Você sentiu algum tipo de discriminação, de preconceito?

KS: Na faculdade eu senti um pouco, mas não muito. Na minha área, da moda, existem muitas “patricinhas” e “mauricinhos”, gente com muita “grana”. Eu tive algumas

dificuldades com trabalhos da faculdade, porque eu não tinha “grana” para comprar os materiais. Aí eu usava a criatividade, e sempre tirava nota dez, maior, às vezes, do que a nota de quem tinha “grana” para comprar materiais melhores. Todas as vezes que eu tirava notas boas nos meus trabalhos simples, mas criativos, eu me sentia muito bem.

AJ: Bem, Kelle, estamos falando de criatividade. Você acha que efetivamente a criatividade que foi desenvolvida pela falta de dinheiro, na solução de seus trabalhos acadêmicos, te influenciou decisivamente ao montar sua empresa, e buscar o Eduardo, reciclando material descartável de kimonos para fabricar bolsas?

KS: Foi! Na faculdade já conversávamos com os amigos mais próximos, em termos de desenvolver um projeto profissional. Algumas pessoas da minha turma, com “grana”, pensavam em montar uma loja. A minha forma de montar um negócio foi a partir daí, já que eu não tinha dinheiro, pensando em algo barato. A idéia da reciclagem de retalhos de kimonos foi a solução... foi tudo para nós!

AJ: Você acha que nesse contexto o Instituto Reação teve participação decisiva, na construção da Kelle, formada e empresária?

KS: Quando eu paro para pensar, ao responder à sua pergunta, vejo que sim. Às vezes, depois de tudo realizado, esquecemos as raízes, de como tudo começou... E o projeto desenvolvido por mim e pela Flávia teve tudo a ver: eu sou judoca, a Flávia também, a coisa do esporte... Eu quero trabalhar com coisas do meu dia a dia. Isso me ajudou muito.

AJ: Uma preocupação que sempre colocamos em nossas reuniões, principalmente com os nossos alunos, diz respeito à proposta do Instituto Reação, que além de educacional é também profissionalizante. Você acha que realmente o que vocês estão conseguindo, poderá ser alcançado pelos mil alunos atendidos atualmente, ou teremos que buscar um outro caminho, nesse processo de expansão, para poder equacionar tudo isso?

KS: Claro que a idéia é apoiar a todos, mas cada um de nós também tem que fazer a sua parte. Sabemos que nem todos vão ter aquela força, aquela vontade. Isso também tem que vir de casa, dos pais. A idéia do projeto é possibilitar esse desenvolvimento e apoio à todos.

AJ: Você tem idéia de ter alguma realização profissional através do Judô?

KS: Em relação ao Judô, quero chegar à faixa preta, não para dar aulas, mas para poder apoiar o Judô do Instituto Reação.

AJ: Eu observo que você é uma atleta de bom nível. Você não tem interesse em ser uma atleta de ponta, patrocinada, até quem sabe pela sua empresa, a “Mate com Leite”?

KS: A minha visão, atualmente, não é muito essa não! Mas eu gosto do esporte e se aparecer alguma oportunidade de patrocínio, eu topo!

Entrevista com Flávia Rodrigues

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Flávia Rodrigues / FR

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Gustavo Moretzsohn

Data: 30/09/2006

Local da entrevista: Universidade Gama Filho (campus Piedade)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 11/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 12/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Aluna do Instituto Reação, formada em Desenho Industrial pela Universidade Gama Filho

Estrutura da entrevista

AJ: Há quanto tempo você é aluna do Instituto Reação?

FR: Comecei em 2000. Há seis anos estou no Instituto Reação. Iniciei na Pequena Cruzada e agora estou no Pólo Rocinha.

AJ: Como foi que tudo começou?

FR: Chegou lá um professor baixinho, (*risos*) dizendo que gostaria de dar aulas de Judô. Nós não tínhamos nenhum esporte, e começamos a treinar em um pátio, sem tatames, sem roupa nenhuma...

AJ: Nus, sem roupa nenhuma? (*risos*)

FR: Não! Sem kimonos, de calça “jeans” e camiseta do uniforme da Pequena Cruzada. Eu fiquei olhando: que “negócio” estranho... Aí, comecei a treinar e por incrível que pareça, treino até hoje. É algo que gostei de fazer e faço até hoje, há seis anos.

AJ: O que atraiu você no esporte, mais especificamente no Judô? Você já está nisso há seis anos, já na faixa roxa. O que te levou a sentir prazer nesse esporte?

FR: Eu sempre achei bonitas as artes marciais. Comecei a fazer Judô e a disciplina dentro do Dojô, eu achava “super legal”. Eu sempre aprendi com minha mãe a ser educada, respeitar os mais velhos, e no Dojô, nós temos isso. Acho que foi o que mais me chamou a atenção no Judô. Outros esportes também focam esses aspectos, mas o Judô é mais forte nisso. Acho que foi a parte que eu mais gostei mesmo: a questão da disciplina.

AJ: Como o projeto do Instituto Reação influenciou de alguma forma a sua vida? Você acha que houve alguma mudança mesmo, para melhor ou para pior?

FR: Mudança total! Inclusive minha profissão veio através do Judô. Eu estava no segundo grau e meu professor de Judô, que também é professor de Desenho Industrial, me mostrou o curso. Assisti uma palestra dele e gostei. Agora eu sou formada em Desenho Industrial. No Judô, iniciei na faixa branca e hoje estou na faixa roxa, pretendendo chegar à faixa preta. Influenciou tudo! Se não fosse o Judô eu estaria em um caminho totalmente diferente. Antes eu não sabia o que queria, e até nisso me ajudou.

AJ: Você então acha que o Judô e o Instituto Reação ajudaram na sua profissão? Na sua formação acadêmica?

FR: Com certeza! Eu hoje estou formada pela Universidade Gama Filho, Fiz o curso inteiro com bolsa de estudos. Não paguei nada e até hoje eles nos apóiam. Se estiver precisando de alguma ajuda, vou lá, no meu professor e ele me apóia, com sua visão mais ampla que a minha. Os conselhos sempre são bons, não só no Judô, como na vida profissional. No Instituto eu tenho amigo, e qualquer problema recorro à eles. O Instituto tem psicólogos e fisioterapeutas para tratar das lesões. Acho que eles nos completam em todos os sentidos, tanto educacional quanto físico. O Instituto Reação apóia o atleta de todos os lados.

AJ: Uma dúvida que nós sempre colocamos, nas reuniões, é com relação a formação profissional dos alunos. Com relação ao aspecto educacional e ao desenvolvimento do Judô, eu não tenho dúvidas. Com você e com outros alunos tivemos sucesso, mas atualmente, com a expansão, temos mil alunos. Até que ponto conseguiremos mesmo melhorar a vida desses alunos. Isso será efetivamente um processo de inclusão social?

FR: É... A diferença do Instituto para outras instituições, é que essas só se preocupam com o atleta com relação ao seu desempenho desportivo, e mais tarde acabam perdendo o contato com ele. O Instituto Reação, não. Ele procura conduzir o atleta até sua profissionalização. No meu caso eu terminei a faculdade e estou fabricando bolsas. É uma profissão que estou seguindo e gostando demais. O Judô me ajudou muito nisso. Eu sou uma micro-empresária e a minha matéria-prima é composta da reciclagem de retalhos de kimonos, sobras de uma indústria de um dos coordenadores do Instituto. O Instituto Reação abre as nossas cabeças. Não pegam na nossa mão e nos levam a algum lugar, eles nos ensinam a chegar sozinhos. Acho que isso nos dá a maior força e mais confiança. Não ficamos dependentes e isso é muito importante.

AJ: Vamos falar um pouco da Flávia. Como foi sua infância e adolescência?

FR: Eu me acho um pouco diferente das outras crianças. Na minha vida toda eu estudei na Zona Sul do Rio de Janeiro. Sempre morei na Baixada Fluminense e a questão da distância sempre foi muito complicada. Minha mãe necessitou me colocar em um internato, a Pequena Cruzada, o que eu não vejo como um lado negativo. Ao contrário, da infância só guardo coisas boas. Na Pequena Cruzada eu era muito bem tratada. Através deles vocês apareceram, com o Instituto Reação. Me deram um esporte, uma profissão e eu me sinto uma pessoa realizada. Eu olho para trás e vejo que segui o caminho certo. É lógico que erramos um pouco, aqui e ali, mas na verdade sempre procurei seguir um caminho certinho. Acho que o meu caminho está sendo bem trilhado. Só espero continuar assim.

AJ: Você nasceu na Baixada Fluminense, mas hoje em dia convive bastante na Rocinha, inclusive treinando no Pólo Rocinha. Como você vê a comunidade da Rocinha? Quais, ao seu ver, os seus maiores problemas?

FR: É assim... Antes eu não conhecia a Rocinha. Até uns sete anos atrás eu julgava a Rocinha pelo que era visto na televisão: violência. Eu achava que lá ninguém prestava. A partir do convívio diário, eu vi que tudo isso era fantasia. Quando olhamos de perto vemos que tem muita gente decente, que acorda às seis horas da manhã, para trabalhar e só volta às onze horas da noite. Eu procuro não ter preconceitos, conhecer antes para julgar depois. Eu fico muito triste para quem olha a Rocinha como local de prostituição e de tráfico de drogas. Eu acho que noventa por cento são pessoas que procuram vencer na vida de forma digna. Infelizmente a televisão só mostra os dez por cento que não são “legais”. Isso acaba com a Rocinha. Eu me identifico muito com eles, pelo fato de morar longe, na Baixada. Quando eles declaram morar na Rocinha, já são olhados diferentemente. Infelizmente existe um preconceito, com certeza. Eu rezo todo dia para que isso mude.

AJ: Com relação à essa mudança, o que você acha que deve acontecer para mudar esse contexto? Mudar o processo da desigualdade e do preconceito?

FR: Acho que as soluções já existem. Na Rocinha, por exemplo, eu criaria um projeto educacional que utilize o esporte... Isso já existe! Eu utilizaria também a arte... Já tem gente fazendo isso lá! Eu realmente não sei o remédio para esses problemas. Infelizmente eu não sei. Acho que todas as armas estão sendo utilizadas. Eu fico preocupada porque não sei...

AJ: O que a Flávia pode fazer?

FR: Eu tenho amigos na Rocinha e procuro sempre conversar sobre a escolha do caminho certo. O importante é conversar. Você estando mais perto, pode influenciar, como amiga. Não adianta você participar de um projeto qualquer, ir lá uma vez por semana. Através da palavra, do exemplo, talvez você consiga influenciar um ou outro. Impossível eu sozinha influenciar a Rocinha inteira.

AJ: É... Fica aquela idéia de que cada um faça a sua parte... Você falou de drogas, de prostituição, de violência... O que leva a Flávia, e outros, a buscar uma universidade, a se formar, montar uma empresa? Qual a diferença para alguém que, criado com mais ou menos as mesmas características e os mesmos problemas, procura o descaminho da prostituição e das drogas?

FR: A educação dos pais. Os pais tem que mostrar à criança o que é certo e o que é errado. Nem tudo que é certo as crianças aprendem na escola. É importante a base dos pais para que as crianças se sintam mais seguras. Graças à Deus meus pais sempre estiveram do meu lado. Todas as vezes que eu precisei, eles me deram a mão: “vamos lá, você consegue...”.

AJ: Você acha que com apoio dos pais é mais difícil a criança optar por um caminho errado. Mas muitas vezes, mesmo com esse apoio, a criança envereda por um descaminho. O que leva à isso?

FR: É a questão das influências externas. Os pais mostram o que é certo, mas aparece um amigo dizendo: vamos ali no canto dar uma fumada...Se a criança não tem uma mente forte, ela vai por esse caminho. Temos que ficar muito atentos. É lógico que existem pais que são excelentes e as crianças fogem dessa educação. Acontece com irmãos. Existem irmãos que seguem o caminho certo e outros vão pelo errado. Acho que é questão de caráter. Eu não sei explicar isso.

AJ: Vamos agora abordar assuntos mais conceituais. Com você encara a desigualdade? As pessoas de uma comunidade de baixa renda convivendo no dia à dia com pessoas sem nenhum tipo de problemas financeiros, com acessos mais fáceis à educação, mercado de trabalho, carro do ano... Isso te perturba, te incomoda, ou você consegue superar tudo isso?

FR: À mim não incomoda. Já conversei com pessoas que moram na Rocinha e fiquei surpreendida como eles também não se incomodam. O que incomoda é uma pessoa olhar para eles com nojo. Isso incomoda muito mais. Eles convivem ao lado de bairros “super chiques”, com pessoas bem vestidas, em carros. Isso não incomoda tanto. O que incomoda mais é o preconceito: você não presta porque você mora na Rocinha! Isso incomoda e machuca muito mais.

AJ: E a demonstração mais drástica da desigualdade: a injustiça social? O fato de você estar concorrendo a um emprego com alguém e você não entrar porque você mora na Rocinha? Isso incomoda?

FR: Se você está procurando um emprego e a pessoa não te emprega considerando o lugar onde você mora? Acho isso triste. O lugar onde você mora não vai te classificar como bom ou ruim. Em todo lugar sempre vão existir pessoas boas e ruins. Eu posso morar na Barra da Tijuca e ser “filhinho de papai” e estar envolvido com o tráfico de drogas. Acho que isso não pode influenciar ninguém. Eu, graças a Deus, nunca passei por isso. Mas quem já passou, deve ficar muito machucado. Você ser julgado pelo lugar onde mora? Eu estaria ferrada!

AJ: Estou entendendo que para você a desigualdade não é o grande problema, mas sim a dificuldade de acesso, a injustiça, o preconceito. Como é aquela história que se fala muito, da substituição do poder constituído pelo tráfico de drogas? O poder paralelo do tráfico substituindo a polícia, a justiça. Isso é real?

FR: Com certeza. Eu tenho um amigo que mora na Rocinha e ele me falou que passou em um beco e encontrou um policial. O policial deu um “peteleco” na cabeça dele e perguntou se ele tinha algum dinheiro, pegando o que ele tinha. Ele me falou que hoje tem mais medo da polícia do que do traficante. O traficante, nessa situação, vai apertar sua mão e falar: “vai em paz...” O traficante é amigo da comunidade. Nós estranhamos esse fato, mas é a verdade. Eles são bem mais organizados. O que é “chato” é a questão do tráfico: as pessoas se drogando... Mas por exemplo, lá dentro não existem roubos. Se você rouba alguma coisa de alguém, o traficante corta a sua mão.

AJ: O poder de polícia é um fato. E o poder de Justiça?

FR: É incrível, mas lá dentro isso funciona melhor do que aqui fora. Se eu sou roubada aqui fora, demoro uma hora ou mais para registrar queixa e eles não fazem nada. Então os moradores acabam recorrendo aos traficantes. Eles dão resultados e os policiais não.

AJ: Mas Flávia, você não acha que isso é uma inversão de valores perigosa em termos de sociedade constituída? Eu te conheço, sei que você não está fazendo uma apologia ao crime. Mas quando começamos a achar que é mais justa a atuação do traficante do que a do poder constituído, isso não é perigoso para nossa sociedade?

FR: Veja bem, eu estou falando isso por conta de uma história de uma pessoa que mora lá. É lógico que eu sou contra as drogas, a prostituição e o roubo. Mas você assiste tudo isso e acaba ficando com medo dos dois, policial e traficante. Eu não suporto o traficante, mas tem policial que eu me pergunto: "será que ele vai me ajudar?" A criança que olha para o traficante, acaba vendo um herói. Isso é uma coisa que tenho medo, porque eles acabam achando que crescer na vida é ser dono da "boca" aos vinte anos. Se você perguntar à uma criança de cinco anos, na favela, o que ele quer ser quando crescer, você terá muita chance de ouvir que ele quer ser o dono da "boca". Isso é muito perigoso, com certeza. Se eu pudesse, colocaria todos na escola, na faculdade, mostrando que o caminho das drogas não é bom. Mas o que as crianças vêem na favela? Quem usa armas e tem o poder é o traficante. Infelizmente acho que a referência está trocada. É preciso substituir essa referência, como por exemplo, pelo profissional e atleta Flávio Canto. Graças à Deus, as crianças do Instituto Reação têm em quem se inspirar. O Flávio Canto fez faculdade, pratica esportes, é saudável, vive bem e anda dentro das leis. Isso é muito importante. A criança não pode ter o traficante como herói. Isso tem que mudar. A partir daí começamos a ter esperanças.

AJ: Você acredita que a intervenção do Instituto Reação, com a figura do Flávio Canto e outros professores também atletas, com postura moral, venha contribuir realmente para mudar essa realidade?

FR: Com certeza. A partir do momento que está treinando e convivendo com pessoas de fora, a visão está sendo ampliada. O mundo não é só a Rocinha. Existe um mundo aqui fora, com faculdades, cursos, teatro, outro mundo. Há pouco tempo os alunos do Instituto foram assistir uma peça de teatro. Achei isso incrível. Eles poderiam estar em um baile "funk", mas não. Naquele momento, à noite, eles estavam em um teatro. Isso enriquece as pessoas, abrindo sua visão. Os meninos saíram adorando, querendo assistir outras peças. Isso é gratificante.

AJ: Acho perfeita a sua colocação e eu estava hoje mesmo conversando sobre isso. A intervenção tem que ser sócio-cultural. Eu só queria finalizar dizendo que um dos momentos mais importantes da minha vida foi quando eu pude entregar à você, que começou como minha aluna desde os primeiros momentos, um diploma de curso superior.

Entrevista com Vítor X

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Vítor X / VR

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Gustavo Moretzsohn

Assistente: Eduardo Soares / ES

Data da entrevista: 30/10/2006

Local da entrevista: uma laje de cobertura, no alto do morro da Rocinha (São Conrado)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 20/11/2006

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 17/12/2006

Apresentação resumida do entrevistado:

Morador da Rocinha, ex-aluno do Instituto Reação, atualmente segurança pessoal do segundo homem na hierarquia do tráfico de drogas da Rocinha.

Estrutura da entrevista

AJ: Vítor, vamos começar com um pouco da sua história de vida. Vamos começar pelo começo: onde você nasceu e qual a sua idade?

VR: Agora eu tenho 19 anos, vou fazer vinte anos e nasci aqui mesmo na Rocinha, na verdade, no Hospital Miguel Couto.

AJ: Conte um pouco de sua infância. Como foi essa infância? Como foi sua relação com pais, tios, irmãos. Você tem irmãos?

VR: A relação com minha mãe, com meus pais, sempre foi tranqüila.

AJ: Você tem pais vivos?

VR: Tenho. Eu estudava...Depois de um tempo abandonei a escola, e pouco depois fui trabalhar na distribuição de gás. Foi quando comecei a fazer o projeto "Criança Feliz", na Acadêmicos da Rocinha. Quando saí do Projeto, comecei a jogar bola, e acabei abandonando também. Foi quando comecei a treinar Jiu-jitsu. Fiquei treinando Jiu-jitsu e Judô, bastante tempo.

AJ: Quanto tempo você fez Judô e Jiu-jitsu?

VR: Um bom tempo, porque eu já treinava em uma academia na Pizza Lit. Treinei também na Creche Branca, lá perto de casa. Eu treinei muito tempo mesmo.

AJ: Você é mesmo bom de Jiu-jitsu?

VR: Eu tento ser... Eu faço o possível e o impossível para ser bom.

AJ: Vamos falar da sua relação com parentes... Qual foi o parente que realmente mais o influenciou? Seu pai, sua mãe, um tio, uma prima? Na minha vida eu tive um tio que me influenciou muito... Quem foi a pessoa marcante na tua infância e adolescência?

VR: Como assim?

AJ: Qual foi a pessoa que realmente você gostou, que você mais se aproximou: seu pai, sua mãe, um tio, um primo, um irmão?

VR: Minha mãe

AJ: Você tem irmãos?

VR: Tenho. Eu e mais cinco: três meninas e dois meninos. Contando comigo são seis.

AJ: Todos do mesmo pai e da mesma mãe?

VR: Não!

AJ: Não, claro que não! Ninguém agüenta! (*risos*). Eu tenho quatro, dois de cada mãe.

VR: Não é do mesmo pai e da mesma mãe, não!

AJ: Mas é uma “galera”! um “bololô” de gente !

VR: Todos se dão bem, graças a Deus! Mora um do lado do outro, assim... São todos uma família mesmo. É uma casa perto da outra. Minhas irmãs com os filhos, todos juntos.

AJ: Como foi sua infância? Foi uma boa infância? Uma boa adolescência? Como sua infância e adolescência influenciaram sua vida de hoje?

VR: Minha vida... Minha infância, em sua maioria foi ruim... Mas também foi bom... Foi ruim porque eu me envolvi com coisas erradas, que não era para eu ter me envolvido. Me envolvi, mas me arrependi. Não vou falar que não me arrependi. Hoje em dia me arrependo.

AJ: Na infância ou na adolescência?

VR: Na minha adolescência fiz muita coisa errada: não quis estudar, minha mãe me mandava para a escola... eu não queria estudar. Fiz muita coisa errada... Comecei a roubar e depois entrei para a vida do crime... Muita coisa errada eu fiz. Mas depois, com o tempo fui vendo que não tinha nada a ver... Era tudo ilusão... Hoje você está cheio de dinheiro, mulheres, e amanhã está morto ou está preso, sem liberdade, sem nada... É tudo ilusão, é um dinheiro que você arruma, bastante dinheiro, que vai embora de uma hora para outra. Então eu vi que não é vida pra mim. Como não é vida pra mim, eu queria muito tirar meus amigos dessa vida... Eu tenho muitos amigos e estou vendo que não é vida para eles também, está entendendo? Eles tem que fazer a mesma coisa que eu fiz: sair dessa vida.

AJ: Você tem uma filha?

VR: Tenho

AJ: Qual é a idade dela?

VR: Minha filha vai fazer dois anos. Ela tem um ano e nove meses.

AJ: Você acha que ter tido uma filha marcou a sua vida, para você mudar, para você querer mudar?

VR: Isso me estimula mais ainda a mudar. Minha filha... Ainda mais quando eu chego em casa, ela me chamando assim: Papai, Papai... Papai pra lá, Papai pra cá... Então eu fico mais feliz e me dá mais vontade de viver. Eu vejo que na vida que eu estava, eu não ia durar muito tempo. Não ia durar...

AJ: Vamos falar um pouco disso: Vitor, como é viver uma vida dessas, sabendo que daqui a pouco você pode morrer? Sabendo que você não vai durar muito? Como é que você consegue viver o dia a dia dessa maneira?

VR: É triste... Eu estou falando para você: é triste ficar correndo de polícia, escondendo de polícia... É triste. Enquanto o morro está assim, ainda está tranquilo. Mas depois que “birimbola”... Polícia... esquentar a cabeça com outras pessoas com maldade. Às vezes nem dá para dormir. É muito ruim... Mesmo eu não estando nessa vida, eu fico pensando nos amigos que eu gosto. Sinto a maior vontade de tira-los dessa vida. Às vezes eu vou lá na igreja... Minha irmã me leva lá na igreja. Eu chamo meus amigos para irem comigo: “Vamos lá fazer uma visita lá... É bom ...”

AJ: Como é que esses seus amigos vêem o fato de que hoje estão numa situação dessas e amanhã poderão estar mortos? Principalmente se tem uma família, filhos...?

VR: É assim que eu penso... Meu desespero é minha filha. É melhor eu vivo do que me desesperar, está entendendo? Fazer coisas erradas e morrer... E aí? E se eu morrer? Eu não vou poder cuidar dela. Eu vivo, posso trabalhar e cuidar dela. Nessa vida eu não ia cuidar da minha filha.

AJ: Como é o problema do dinheiro? Você arranjar um trabalho e sustentar sua filha fora da sua atividade... Fora daquilo que você estava fazendo? Você ganhava muito dinheiro?

VR: Como assim?

AJ: Você ganhava muito dinheiro com o que você fazia?

VR: Não. Ganhava pouco...

AJ: Se você sair, você acha que vai ter condição de ganhar um bom dinheiro?

VR: A minha vontade... Eu vou falar com o senhor, minha vontade é...

AJ: Senhor, não! Me chama de você, pelo amor de Deus. Eu não estou tão velho assim...
(risos)

VR: Está bem, desculpe! A minha vontade é arranjar um trabalho, construir minha vida, pegar minha filha para eu mesmo cuidar dela, assim: eu, minha mulher... Construir minha vida, arrumar um trabalho, mudar... Ser outra pessoa. Voltar a treinar, como eu já prometi para o Duda (*Eduardo*) e para o Flávio.

AJ: Você, pelo que eu sei, é um bom lutador, um bom atleta. Acho que você tem um caminho pela frente, se você procurar isso.
Atualmente, como é o seu dia a dia? O que você está fazendo de bom... Ou de ruim... Ou de mais ou menos...? (risos). Como é que você está levando a vida hoje?

VR: Hoje em dia eu durmo, acordo, vou a praia, jogo bola na pracinha, na boca do túnel... Jogo bola na praia... Só isso mesmo.

AJ: Como é que começou esse seu processo? Como é que você entrou numa vida que você mesmo diz que não era legal?

VR: Influenciado por amigos...

AJ: Sempre influenciado por amigos...

VR: Na verdade, foi por amigos...

AJ: Quanto tempo você ficou nessa vida?

VR: Fiquei nessa vida bem uns três anos.

AJ: Graças a Deus você está aqui hoje! Graças a Deus... (risos)

VR: Onde eu falo para você: já passei por muita coisa nessa vida... Já fui baleado uma vez...

AJ: Já foi baleado?

VR: Já! Olha aqui na minha perna: fui baleado aqui. Entrou aqui e saiu aqui atrás. Fui baleado, e foi lá que o meu parceiro morreu. Quase que eu morro também. Ele treinava com a gente...

AJ: Como foi esse lance de seu parceiro morrer? Pode falar disso?

VR: Falo: foi um atrito de facção. Nós fomos lá e ele foi baleado... Tomou um tiro na perna e a bala subiu para coxa dele, quebrando os ossos da perna. Ele não era nem meu parceiro, era meu irmão! Considerava ele como meu irmão.

AJ: Você estava junto com ele?

VR: Estava junto com ele, no dia, na hora... Carreguei meu amigo um certo tempo, até um certo pedaço... Não dava mais para eu trazer ele sozinho. Estava eu e mais uns quinze, então todos tinham que ajudar. Todos tinham que fazer alguma coisa... Então eu vi aquilo acontecer... Para mim aquilo foi tudo... Depois disso, eu vi que essa vida não tem nada a ver.

AJ: Quando eu estava vindo pra cá, para essa laje, para conversarmos, nós estávamos falando um pouco da Rocinha. Como é que você vê a Rocinha? O que tem de bom na Rocinha, O que tem de ruim? Nós estávamos falando do lado bom... É bom morar aqui?

VR: É bom! É muito bom mesmo... Tem de tudo: Banco, Bob's, Pizzaria, Casa de Show... Tem tudo que você quiser... De mal? O único mal que eu tenho para falar daqui... Nem sei... Não tenho nada mal para falar da Rocinha. Cada um tem seu gosto...Gosto não se discute... Cada um tem seu gosto! Eu não tenho mal nenhum para falar daqui. Aqui é um paraíso... Entra quem quer e sai quem quer, está entendendo?

AJ: Eu já conversei com outras pessoas que moram aqui, inclusive gente lá do nosso Projeto, do Instituto Reação...

VR: Entra quem quer, sai quem quer, aqui é muito bom...

AJ: ... a maioria fala da violência. Como é que você vê a violência aqui na Rocinha? Como é isso?

VR: A violência existe em qualquer lugar, não é só aqui. Qualquer lugar tem violência. Dentro de nossa casa, em qualquer lugar, existe violência. Às vezes você está dentro de casa, pensa que não vai acontecer nada e está sendo assaltado, sendo morto...

AJ: Como é isso aqui na Rocinha?

VR: Aqui não tem isso não! Aqui existem regras. Aqui não acontece isso não! Aqui existem regras...

AJ: E quem faz cumprir as regras?

VR: Ah, os próprios moradores tem que cumprir as regras, está entendendo? Os próprios moradores tem que cumprir as regras. Todos sabem a lei de um morro. Acho que todos sabem a lei de um morro...

AJ: Como é seu relacionamento aqui na Rocinha? Você se relaciona bem com as pessoas? Você tem amigos?

VR: Graças a Deus, eu não tenho...Vou falar a verdade para você: eu não vejo ninguém de outro jeito. Pra mim todos são meus amigos.

AJ: Você frequenta as festas, ensaios da Escola?

VR: Graças a Deus vou aos bailes, vou para o samba...

AJ: Joga bola?

VR: Jogo bola, faço tudo!

AJ: Está até machucado... (*risos*)

VR: Machuquei minha perna jogando bola na praia. Ontem machuquei a perna... Tudo, tudo, graças a Deus... Cabeça erguida, graças a Deus.

AJ: Aqui é um paraíso... Você mora bem aqui, mas existem pequenos problemas. Você vê alguma solução para esses problemas? Saneamento...?

VR: Isso, aqui sempre houve: falta de luz, de água... Mas lá onde eu moro é que existia muito isso. Agora deu uma melhorada, porque inventaram esse negócio de bomba... bomba d'água. Aí a bomba joga água lá pra cima. Agora não tem que ficar carregando garrafão de água, carregando balde... Graças a Deus, isso acabou: a bomba joga água até nossa casa.

AJ: E a Prefeitura, os órgãos públicos? Ajudam alguma coisa?

VR: Ah, eles não dão nada, nem para mim, nem para minha família. Lá em casa, todo mundo trabalha, graças a Deus. Se a minha família não me der, lá para dentro de casa, eles não dão nada, não. Aqui é assim: tem que fazer para ter alguma coisa... Aqui, não, em todo lugar. Ninguém dá nada de graça. Tudo, tudo tem que ter em troca alguma coisa. Ninguém dá nada de graça.

AJ: Se fala muito no “poder paralelo” do tráfico de drogas. O tráfico de drogas, dentro da favela, não só aqui, mas em todo lugar, substitui a polícia, substitui a justiça. Que as coisas funcionam até de uma maneira certa, com o poder do tráfico de drogas. Isso é verdade? Existe esse poder paralelo? Como é que você vê isso?

VR: Você sabe que jornal... jornal é fogo! Jornal aumenta as coisas... Só dá notícia ruim: “traficante não presta”. É só a polícia que presta, está entendendo? Para eles é só a polícia que presta. Então, também não é assim, desse jeito. Nós temos que olhar o outro lado... As pessoas falam: “ah, o traficante não presta, o traficante isso, o traficante aquilo”. Existem policiais que roubam os outros. Policiais que param os carros dos outros na rua para querer dinheiro. Eu acho isso errado. Isso tudo eu acho muito errado, também. E são coisas que não se fala muito. O ladrão está de terno e gravata. Eu penso assim: o verdadeiro ladrão está de terno e gravata, está fardado. Esse é o verdadeiro ladrão. Eu penso assim...

AJ: Vamos falar um pouco do Instituto Reação. O que você conhece do Instituto Reação, desse projeto que o Flávio e o Duda desenvolvem?

VR: Para mim o Projeto foi tudo! Esses “caras” foram a melhor coisa: o Flávio, o Duda, o Batata, uns caras maneiros...Muito bom! O Paulo Jardim, parceiro legal...

AJ: Paulo Jardim, grande Paulo Jardim...Diz uma coisa: você conheceu o Pedro Gama Filho?

VR: Conheci, claro! Conheci muita gente... Aquele projeto, Duda? O que foi lá na Gama Filho?

ES: Passeio...

VR: Você foi naquele passeio? Aquilo foi a melhor coisa... Fomos para piscina, jogamos bola em um campo “grandão”, lutamos depois em um tatame que existe lá, cinza... Lutamos lá depois... Muito bom!

AJ: Você acha que o Projeto do Instituto Reação, de repente, pode mudar a sua vida? Pode dar uma abertura para você como atleta?

VR: Acho que ainda não mudou porque eu não quis. Oportunidades eu tive, e não foi só uma não. Foram várias. Eu é que joguei tudo para o alto.

AJ: Ainda está em tempo de voltar, garoto!

VR: Se Deus quiser...

AJ: Você ouve o pessoal aqui da comunidade falar do Projeto Reação? Como é que a comunidade vê esse projeto?

VR: Vou falar a verdade: eu conheço muita gente que participa do projeto e não tem nem o que falar. É muito bom! Sempre dá kimono de graça... Quem vai reclamar? O Projeto é de graça, ninguém paga nada para treinar. Ninguém tem o que reclamar. Vai reclamar de que?

AJ: Você agora está trabalhando, fazendo alguma coisa?

VR: Estou louco para trabalhar. Treinar e trabalhar ao mesmo tempo.

AJ: É mesmo? Será que de alguma maneira a gente consegue apoiar isso aí? Essa sua vontade? Quem sabe...?

VR: Vai realizar o meu sonho, e da minha filha também.

AJ: Olha só, realmente conversar com você é sempre bom... Nós já nos conhecemos... Agora eu quero saber o que você achou disso tudo, dessa nossa conversa?

VR: Eu tomei foi um susto quando você chegou. Eu nunca imaginei que vocês iam lá me buscar. Para mim foi tudo!

AJ: É... a gente foi lá te buscar, meu amigo... *(risos)*

VR: Não tenho nem como agradecer a você.

Entrevista com Eduardo Henrique de Macedo Soares

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Eduardo Henrique de Macedo Soares / ES

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Regina Lucia de Oliveira

Data da entrevista: 12/11/2006

Local da entrevista: residência do Eduardo (Ipanema)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 13/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 14/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Coordenador Técnico e professor faixa preta de Judô do Instituto Reação, foi um dos fundadores do projeto.

Estrutura da entrevista

AJ: Vamos começar falando um pouco de você. Como foi sua infância e relação familiar?

ES: Nasci em uma família de classe média. Sempre morei na Zona Sul do Rio de Janeiro, em Ipanema e depois na Barra da Tijuca. Estudei em escolas particulares e uma coisa marcante na minha infância e adolescência foi a presença do esporte. Eu sempre pratiquei Judô, desde pequeno, e cedo comecei a competir, levando o esporte muito à sério. Acho que isso diferenciou um pouco minha infância das infâncias de outras crianças.

AJ: Você começou o Judô com que idade?

ES: comecei o Judô com três anos e nunca parei.

AJ: Vamos falar um pouco da sua vida acadêmica. Como foi o colégio e a universidade? Como foi essa trilha?

ES: comecei em uma escolinha para crianças, chamada “Toca do Coelhoinho”. Depois fui para o Colégio Tereziano, Anglo Americano e CEL-Centro Educacional da Lagoa. Iniciei a faculdade de Educação Física na Universidade Estácio de Sá, indo depois para a Universidade Gama Filho.

AJ: Ainda falando da infância e adolescência, o que marcou essa época? Pessoas, lugares, viagens?

ES: Como eu disse, o que mais marcou essa época foi a presença do esporte. Foi fácil porque eu tinha uma família me apoiando. Pude viajar bastante, indo várias vezes para o exterior, através do Judô. Antigamente os clubes tinham melhores condições do que hoje em dia. Eu era atleta do Clube de Regatas do Flamengo e viajava para São Paulo, competindo, pelo menos uma vez por mês. Pelo menos um fim de semana por mês eu estava com uma equipe de meninos da minha idade, convivendo com atletas mais

velhos, sem a presença dos pais. Isso é muito bom, pois você começa a aprender a se “virar” sozinho, Acho que isso engrandeceu muito minha educação.

AJ: Além da equipe do Flamengo, quais outras equipes de competição você integrou?

ES: Fui da seleção do Estado do Rio de Janeiro em várias competições, do Exército Brasileiro e da Universidade Gama Filho. No exército, pertenci à Comissão de Desporto do Exército durante seis anos, e isso foi muito bom, porque eu viajava bastante para competir no Campeonato Brasileiro Militar, que a cada ano era em um estado diferente. Isso é maravilhoso... Você conviver com pessoas diferentes, viajar, dormir em quartos e alojamentos com pessoas que você não conhecia antes... Tudo isso é muito bom.

AJ: O que levou o Eduardo, e outros meninos, como o Flávio Canto, adolescentes, nascidos na classe média, envolvidos com esportes, praia, garotas e viagens, a dedicar parte considerável de seu tempo à projetos sociais?

ES: É difícil saber ao certo, mas eu acho que foi muito pela educação que recebemos. Meu pai sempre foi preocupado com isso. Sempre fez Judô e se envolveu com projetos sociais. Assim, logo que comecei a dar aulas de Judô, e eu comecei muito cedo, foi quando eu ganhei a faixa preta, aos dezesseis anos, meu pai me falava da importância de dar aulas gratuitamente para quem não tinha condições de pagar. Fui dar aulas em um condomínio em São Conrado, para crianças da classe média. Próximo existia uma favelinha e eu dava “bolsa” para os meninos daquela comunidade irem treinar. Eu me sentia bem, fazendo isso. Posteriormente abri uma academia e fizemos um convênio com uma instituição que atendia crianças carentes, e cada vez mais íamos nos envolvendo com esse trabalho, até conseguirmos estruturar o Instituto Reação.

AJ: Ao seu ver, qual o cerne da problemática social brasileira?

ES: O grande problema é a falta de oportunidades. É o jovem na favela sem oportunidades de trabalho. Eu estou trabalhando há seis anos na Rocinha. Lido diariamente com jovens e vejo que é muito difícil conseguir trabalho. Todos tem muita vontade de trabalhar, só que quando arranjam emprego é para ganhar muito menos que um salário mínimo. Isso é inimaginável, mas é a realidade. Chega um momento que o “cara” cansa de trabalhar o dia inteiro, como por exemplo, carregando botijão de gás, para ganhar cento e cinquenta reais por mês. Então ele sai do “emprego” e fica na favela muito tempo sem ter o que fazer, e “cabeça vazia é o escritório do diabo”.

AJ: A Rocinha é uma favela que fica em frente à praia do pepino, com seus prédios de classe média alta. Esse confronto de classes, essa desigualdade de renda é um problema sério?

ES: A desigualdade de renda eu não digo... Acho que a desigualdade social existe em todo lugar do mundo. O grande problema, no Brasil, é a distribuição de renda com níveis da pirâmide social muito afastados. A base é miserável, sem condições mínimas de sobrevivência com dignidade, e esse é o grande problema. Com a desigualdade social as pessoas aprendem a conviver, enquanto tem o pão para comer, o mínimo de atendimento de saúde e educação, enfim, uma vida digna. Não incomoda alguém passar em um carro “BMW”. Isso não é problema. O problema é quando não se tem o mínimo

e se olha para o lado vendo alguém com muito mais do que precisa. Essa problemática é apoiada pela classe política, que em sua maioria está envolvida com roubo e corrupção, tirando verbas da saúde e da educação. Essas pessoas, com acessos a boa instrução e ao mercado de trabalho, contribuem definitivamente e fundamentalmente para o processo de violência, sempre creditado às classes menos favorecidas.

AJ: Você acha que podemos caracterizar a Rocinha como comunidade de baixa renda, apesar do comércio instalado, bancos e empresários locais?

ES: A Rocinha é uma comunidade de baixa renda. Existem diferentes faixas de pessoas dentro da Rocinha. Existem alguns com uma produção de renda melhor, mas existe também um número significativo de miseráveis, morando ainda em barracos de taboa e de pessoas com níveis baixos de rendimentos, que não permitem uma comparação com os níveis de classe média da zona sul do Rio de Janeiro.

AJ: Quais são os maiores problemas, ao seu ver, de uma comunidade de baixa renda, mais especificamente da Rocinha?

ES: A falta de oportunidades contribuindo para a opção pelo tráfico de drogas, que se caracteriza como uma “excelente” opção financeira, quando comparada com as outras alternativas. Muita gente acha que o menino que vai para o tráfico ganha “rios” de dinheiro. Isso não é verdade. Quem vai para o tráfico ganha muito menos do que imaginamos, para “botar a cara lá” e tomar tiro. Só que ele consegue um mínimo de “dignidade” para ele e para a sua família, aliado a um certo “glamour”: poder, andar em uma boa moto, ter a atenção das meninas, saindo da invisibilidade. Tudo isso motiva a ida para o tráfico de drogas.

AJ: Como você vê o tráfico dentro da Rocinha? Você tem ou já teve algum contato com pessoas envolvidas com o tráfico nesse seu trabalho?

ES: É, não tem como não ter contato. Quando você trabalha em uma comunidade, em uma favela que tem tráfico de drogas, você convive o dia inteiro com essa realidade, ou seja, as crianças falam o tempo todo nas “leis da favela”, contam casos, e você está inserido nesse contexto. Nós temos alunos que já foram do tráfico, ou que ainda lá estão. Normalmente quem está no tráfico, não se dedica ao Judô. Não consegue se dedicar, mas algumas vezes passam por lá, nos levando ao convívio com essa problemática.

AJ: O que leva um garoto, um adolescente ao tráfico, além da falta de oportunidades?

ES: Eu sempre digo que um menino que nasce na classe média alta, que é corajoso, pode optar por desafios, correndo riscos: vai surfar, manobras radicais no skate, não tendo medo de nada, sendo “atirado”. Na favela, o menino que tem disposição, que tem coragem, é muito atraído pelo tráfico, pelo desafio, pelos riscos. Quem é mais conformado, e aí o apoio em casa e a religião contribuem bastante, o medo de Deus, do castigo divino passado pelos pais, às vezes evitam problemas maiores. Principalmente se ele encontra outras alternativas de realização, o que nem sempre é fácil.

AJ: Considerando essas ofertas do tráfico que sensibilizam a criança e o adolescente, o que pode ser feito para eliminar ou minimizar esse poder de atração?

ES: O Luiz Eduardo Soares diz que tem que se disputar cada jovem, um a um, com o tráfico de drogas. E o que é isso? É dar oportunidades aos jovens. Não adiantam as soluções, defendidas por muitos políticos, como invadir as favelas, mobilizar o exército, mapear a favela e matar os traficantes. Eu digo, com certeza: isso não é solução! Na Rocinha, nos últimos quatro anos, morreram mais de dez traficantes, e o tráfico nunca esteve tão forte. Então não é por aí! Você tem que enfraquecer o tráfico. Eu te garanto que se matar o traficante amanhã, no dia seguinte tem outro para assumir. E tem uma fila de meninos com disposição para ser o “dono do morro”, por falta de oportunidades. Os traficantes não querem seus filhos no tráfico. Eles sabem que isso é ruim. Por isso nós somos bem aceitos. É obvio que o tráfico sabe da nossa existência, do nosso trabalho, mas nós oferecemos uma outra oportunidade ao jovem.

AJ: O trabalho do Instituto Reação não interfere com o tráfico? Não há uma disputa direta pelo jovem? O tráfico deixa vocês trabalharem?

ES: Eu acho que o tráfico não está preocupado com isso. Muito pelo contrário. O Flávio é idolatrado na Rocinha. Nós não temos contato direto com o tráfico, nem queremos ter, mas já recebemos recados de que os traficantes adoram o Flávio, porque, por exemplo, quando ganhou uma medalha olímpica, dedicou-a à Rocinha. Além do mais, eles sabem que o Instituto está fazendo algo bom para as crianças, e é isso: o traficante não quer o filho dele no tráfico. Às vezes achamos que eles são ignorantes completos e não sabem o que estão fazendo. Eles tem total noção. Um dia, conversando com um aluno nosso que foi para o tráfico, perguntei se ele sabia que a sua expectativa de vida era no máximo vinte e cinco anos. A resposta foi que sim, mas só que durante esse tempo ele ia juntar um dinheiro para sua mãe, dar dignidade e estudo para sua filha, para ela não precisar fazer o que ele estava fazendo. Então, ele não gosta do que está fazendo não. O problema é a falta de oportunidades.

AJ: E o poder paralelo do tráfico de drogas, substituindo a polícia e a justiça? Isso é real?

ES: O governo só entra na favela sob a forma de polícia. E quando entra, entra batendo na cara do trabalhador, dando tiro para todos os lados, isto é, o poder público, na verdade, não entra na favela. Posso contar uma história: eu conversando com o pai de um aluno e dizendo que achava a Rocinha muito “bacana”, porque tem de tudo, um comércio muito bom. É na Rocinha que eu sempre corto meu cabelo, por exemplo. E eu disse que a única coisa que estragava tudo era o tráfico de drogas, gerando a violência. Ele então me disse: “de jeito nenhum! Imagine se aqui não existisse o tráfico. Seria um tal de matar uns aos outros, entrar na casa do outro para roubar, e como a polícia iria dar conta? Então o tráfico mantém uma ordem dentro da favela. E os moradores aprendem a aceitar e até gostar. O traficante inteligente ajuda os mais necessitados, faz festa com tudo liberado, dentre outras coisas. O governo entra aqui para dar tiro, dar tapa em nossa cara, e se tiver dinheiro no bolso, o ‘PM’ vai roubar. No fim das contas, de quem o morador vai gostar? Não tem como não!”.

AJ: Isso não é uma inversão de valores perigosa? Quem ouve esse discurso pode pensar que estamos a favor do tráfico de drogas, mas isso obviamente não é verdade.

ES: Óbvio que não! Lógico que não!

AJ: O tráfico é um sub-grupo importante dentro do grupo englobante, o “todo” da Rocinha. Que outros sub-grupos você identifica?

ES: A Rocinha é um pouquinho do Brasil, é uma amostra do Brasil. Existem médicos e engenheiros na Rocinha, muito comércio... Eles tem muito orgulho do lugar onde moram. É um lugar onde menos se “fecham” lojas. O aluguel das lojas é bastante alto, e o comércio é de muito bom nível. Existe um grupo de comerciantes que não mora na Rocinha, mas tem suas atividades comerciais lá localizadas, porque o potencial é muito grande. Existem pessoas de todos os tipos. Muitos trabalhadores, mesmo como uma comunidade de baixa renda. Os melhores colocados profissionalmente são garçons, porteiros, aqueles que trabalham em hotéis. Esses são os “ricos” da Rocinha.

AJ: E o Instituto Reação? Como tudo começou? Qual a sua proposta?

ES: O Instituto Reação visa gerar o desenvolvimento humano através do esporte. Isso é bastante abrangente e nós cada vez mais pensamos e discutimos o que significa efetivamente essa proposta. O Judô, por si só, é um esporte bastante educativo que passa muitos valores de conduta. Contamos também com o apoio de psicólogos e outras atividades sócio-culturais, que acreditamos contribuir para a proposta. Isso vale tanto para os alunos quanto para nós que estamos nos desenvolvendo com o projeto.

AJ: Vamos tentar quantificar as atividades atuais do Instituto. Quantos alunos, professores, psicólogos, dentistas e fisioterapeutas?

ES: São quatro pólos, atendendo aproximadamente mil alunos. Não há como mensurar exatamente, porque todos os dias entram e saem alunos. A Rocinha é um exemplo a ser seguido, até porque foi o primeiro pólo. Na Rocinha temos quatro psicólogos, dois fisioterapeutas e um grupo de professores voluntários, que é meio sazonal, que dão aulas de matemática, de português, de inglês e de história. Em apoio aos treinamentos de Judô temos ainda aulas de Jiu-jitsu e preparação física.

AJ: Quantos professores de Judô?

ES: Em Tubiacanga, o mais novo pólo, são três; na Pequena Cruzada, um; na Cidade de Deus, são seis e mais seis na Rocinha, em um total de dezesseis professores. Temos ainda um professor de Jiu-jitsu.

AJ: Desses mil alunos, quantos tem bolsas de estudos?

ES: Temos bolsas de estudos na PUC-Rio, na Universidade Salgado de Oliveira e na Universidade Gama Filho, onde na realidade é um convênio: são dez bolsas mediante a cessão de imagem do Flávio em campanhas promocionais. Temos também um convênio muito “bacana” com o Colégio Santa Mônica. Como estamos em primeiro lugar no “ranking” de Judô do estado do Rio de Janeiro, somos bem cotados em termos

competitivos e o colégio investe muito nesse lado esportivo, com vistas ao Campeonato Inter-colegial, tendo em vista um retorno em divulgação. Na verdade foi um caminho inverso: não fomos nós à procura-los e sim o colégio nos procurando para ter nossos alunos competindo por eles. Assim conseguimos mais dez bolsas de estudos para alunos que estudavam em colégios públicos, agora com acesso à escolas particulares, por méritos próprios. Temos outros alunos estudando na Escola Parque e no Colégio Gama Filho, em um total de quarenta bolsas de estudos.

AJ: O Instituto Reação já formou alunos em cursos superiores. Quantos?

ES: Já formados temos a Flávia, em Desenho Industrial, pela Universidade Gama Filho; a Kelle, em Moda pela Universidade Cândido Mendes; a Fernanda em Pedagogia pela PUC-Rio, em um total de três alunos formados. Em julho, o Rodrigo estará se formando em Educação Física pela Gama Filho. Em futuro próximo teremos ainda as formaturas da Kátia, em Psicologia, Cristiano, Josimar, Tatiane e Aurimar em Educação Física, em um total de nove alunos envolvidos no ensino superior.

AJ: Quais são as maiores preocupações do Instituto Reação com o seu trabalho?

ES: Agora começamos a crescer, saindo de duzentos alunos na Rocinha e Pequena Cruzada, para mil alunos em quatro pólos. Nossa maior preocupação é organizar tudo isso. No início nós tínhamos muita vontade de fazer e muito pouca ou nenhuma experiência. Agora conseguimos adquirir um pouco mais de experiência. Mas, na parte administrativa ainda somos muito ruins. Agora contratamos um administrador formado, e isso foi uma dificuldade para entendermos essa necessidade. Não queríamos gastar dinheiro contratando um profissional capacitado, com um bom salário, quando tínhamos outras necessidades operacionais. Quantas cestas básicas poderíamos comprar com esse dinheiro? Mas infelizmente, ou melhor, felizmente, isso faz parte do crescimento e precisamos direcionar parte da verba para a organização. Nós ainda estamos aprendendo. Agora temos um escritório montado na Rocinha, com secretária e um profissional envolvido com a administração geral da ONG. Todos os pólos tem um núcleo administrativo com secretária. Nós, no início, nem pensávamos nessa possibilidade. Não queríamos gastar com isso. Mas não tem jeito. Eu trabalho o dia inteiro, o Flávio ainda é um atleta competitivo e sozinhos não conseguíamos. Hoje temos apoios da UNESCO e da Prefeitura, e outros mais e precisamos prestar contas à esses órgãos. Antes acabávamos nos enrolando e não conseguindo fazer. Hoje essa parte está resolvida.

AJ: E com relação aos apoios: Unesco, Prefeitura e empresas? Estamos falando de professores remunerados, pessoal administrativo e outras despesas. De onde e como vem o dinheiro? Como estruturar essa receita para cobrir as despesas?

ES: Nós estamos querendo aprender a administrar isso também. Nós vivemos no “vermelho” e no final do mês é um “Deus nos acuda”. Temos um gasto elevado com folha de pagamento e com todo o resto. Mas a base do projeto constituiu-se de um grupo de amigos, que possibilitaram a implantação e crescimento, a partir de contribuições mensais, em torno de cinquenta reais cada, na média, via boletos bancários e de vários voluntários. No início não tínhamos nada, nem kimonos. Até aulas na praia o Flávio já deu... Mas essa base deu ao projeto certa autonomia, até para o

crescimento, que mesmo sendo bastante ordenado, nos levou a depender de apoios institucionais, inclusive de empresas, como por exemplo um escritório de advocacia que contribui bastante. Isso é o que mantém o Instituto Reação. Mas é uma luta diária. Ao final de cada mês, quando temos que pagar os professores, suamos bastante.

AJ: Hoje o Instituto possui mil alunos. Considerando o número de jovens existentes no país, sem atendimento adequado, na verdade o Instituto Reação não estaria promovendo uma exclusão social ao deixar um enorme contingente fora do projeto, priorizando alguns em detrimento de outros?

ES: Depende do ponto de vista. Existe algo que aprendi com uma diretora da Pequena Cruzada, instituição que já funciona há muito mais tempo, com muito mais experiência, e que tento passar nas reuniões de diretoria. Essa diretora atende um certo número de crianças, e ela não aceita atender nem uma a mais. E é isso! Hoje nós conseguimos atender bem mil jovens. Aprendemos também com o coordenador do Instituto Bernardinho que o dia que você não souber o nome de cada criança, elas perderam a identidade, passaram a ser números, e isso não pode acontecer. Tem que estar ao alcance da sua mão, não há como! Atender hoje, por exemplo, cinco mil crianças com um trabalho de qualidade, com a estrutura que temos, seria impossível. Pensar em não estar excluindo é pensar que esse trabalho pode crescer, mas crescer ordenadamente, para não dar um passo maior do que as pernas.

AJ: Você sabe o nome de cada um dos mil alunos?

ES: Vou te falar, muito dificilmente eu não vou saber o nome de cada um. Posso até me confundir por um momento, mas sei o nome de todos e conheço a problemática de vida de um número significativo de alunos.

AJ: Fale de um fato que tenha te emocionado positivamente nesse trabalho.

ES: Nós temos um menino na Rocinha, que veio para o projeto indicado pelo Pinel. Chegou com uma receita enorme de remédios, totalmente dopado por injeções e eu fiquei preocupado em como lidar com esse menino. No primeiro dia de aula ele estava muito assustado. Esse menino já tinha tido muitos problemas na Rocinha, devido ao seu distúrbio neurológico, que o levava a roubar e fazer tudo de errado. Em uma comunidade, como a Rocinha, ou em qualquer outra dominada pelo tráfico de drogas, esse comportamento não é permitido. Segundo sua mãe, ela já salvou o filho das mãos do traficante com um revólver dentro de sua boca, pedindo pelo amor de Deus para que não o matassem. E eu pensava em como esse menino poderia treinar Judô aqui? Nas aulas de Judô, nessa faixa etária, desenvolvemos um trabalho lúdico, tentando resgatar um pouco da infância perdida, e eu pude perceber que o menino brincava maravilhosamente bem, sem qualquer sinal de violência. Eu percebia que havia qualquer coisa em seu interior, bem guardada, que remetia à sua infância. E assim o menino foi treinando, até que aconteceu um problema, na Rocinha, com o pai de uma menina, que queria bater no menino. Eu estava chegando de carro e vi aquela confusão armada e o pai da menina querendo levar o garoto para a “boca”. Depois de muita conversa, consegui levar todos para o escritório do Instituto, na tentativa de explicar a situação. O pai da menina acabou entendendo o problema, desculpando sua atitude. Uma vez tudo resolvido, a mãe do menino ficou conversando comigo e disse que eu e o

Flávio éramos os anjos da guarda do garoto, e isso é muito gratificante. O Instituto fornece até hoje uma cesta básica ao garoto, apesar de nos preocuparmos em não praticar o assistencialismo. Mas existem situações em que não tem como... Em determinados momentos não adianta dar a vara de pescar para quem está morrendo de fome e não consegue se levantar. É o momento de dar o peixe! Nesse caso nós damos o peixe e o menino diz que nós somos os seus anjos da guarda. Isso é impagável!

AJ: E a maior decepção?

ES: A maior decepção, com certeza, foi quando eu e o Flávio fomos ao enterro de um aluno nosso, morto em uma guerra do tráfico. Ele foi enterrado com a camisa do Instituto Reação e a mãe nos abraçava e chorava muito. Ainda no cemitério, depois que todos tinham ido embora, eu e o Flávio, olhávamos um para o outro, nos perguntando se valia a pena continuar com tudo isso.

AJ: Será que todo esse trabalho está contribuindo para minimizar os problemas sociais, ou é apenas uma “gota d’água no oceano”?

ES: Esse questionamento nós nos fazemos todos os dias. Será que esse nosso esforço adianta de alguma coisa? Mas eu acho que o que move a todos nós, é ter o mínimo realizado, uma pessoa agradecida... É ver que não estamos salvando o mundo, mas estamos melhorando a vida de alguém, mesmo que sejam poucas pessoas. Eu cito um exemplo: o Flávio é uma pessoa bastante humilde, não gosta de aparecer muito e eu sempre estou dizendo que ele tem que aparecer, sim! Tem que servir de exemplo para as pessoas. Para ser um voluntário e fazer a sua parte você não precisa nem ir ao Instituto Reação... Você pode coordenar uma equipe, pode fazer um trabalho burocrático na sua própria casa. Então dizer que não tem tempo para fazer algo por alguém é mentira... Você pode dedicar uma hora do seu dia para fazer algo bom para alguém. Se as pessoas pudessem entender que devem sair um pouco desse individualismo e fazer algo pelo próximo, com certeza o mundo melhoraria...

AJ: O lema do Instituto Reação é uma frase do poeta Fernando Pessoa: “o homem é do tamanho do seu sonho”. Qual é o sonho do Eduardo?

ES: Desde pequeno eu tinha um sonho: estruturar um orfanato, me imaginando em uma sala, olhando um monte de crianças praticando esportes. E eu acho que é muito por aí. Estamos com o Instituto Reação cada vez maior. Existe uma possibilidade, um sonho ainda, de uma casa da família do Flávio, no Rio Comprido, desabitada. No momento não existem recursos para esse salto, mas às vezes vamos lá e ficamos olhando e imaginando um futuro centro esportivo, utilizando os vários quartos como alojamentos para que as crianças possam morar, treinar e estudar. Já estamos construindo aos poucos esse sonho: a monografia de final do curso de Arquitetura na UFRJ, de minha mulher, é o projeto para a utilização desse espaço. Outro sonho possível é ver um desses nossos alunos em uma Olimpíada.

Entrevista com Ocimar Almeida dos Santos

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Ocimar Almeida dos Santos / OS

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Mario Alves

Data da entrevista: 14/03/2007

Local da entrevista: Condomínio Recreio das Canoas (São Conrado)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 15/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 16/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Morador da Rocinha, empresário, dono de uma vídeo-locadora, compositor da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha.

Estrutura da entrevista

AJ: Então Ocimar, vamos começar do princípio, onde você nasceu, sua idade, como foi sua infância e adolescência?

OS: Nasci na Rocinha, na rua Dois, tenho quarenta anos de idade e quarenta anos de Rocinha. Minha infância foi uma coisa bastante difícil. Nós morávamos em um barraco de madeira, com telha de olaria, de barro, com goteira, sem chuveiro elétrico. Nós tomávamos “banho de cavalo” e às vezes a ração era pouca. Mas nós éramos felizes: brincávamos na rua, não haviam carros, nem ônibus passando, era um tempo mais romântico. Não havia tanta gente usando drogas. Era difícil, assim, porque a condição financeira era bem mais precária, mas com o tempo, na luta, meu pai foi trabalhando, se ajeitando, construindo a casa de alvenaria, aos pouquinhos: construiu primeiro um quartinho, depois mais um “puxadinho” e em alguns anos conseguiu fazer uma casa, por sinal, muito bem feita.

AJ: Quais as vantagens e desvantagens em ser um morador da Rocinha?

OS: Em princípio, a pessoa não tem opção, ela mora por necessidade. Se todos nascessem com os mesmos direitos, os mesmos acessos, ninguém optaria por morar em um lugar onde se convive o tempo inteiro com a bandidagem, com balas perdidas, onde o governo não dá tanta importância, a não ser a importância eleitoral. Acho que se as pessoas pudessem optar, optariam por uma qualidade de vida melhor. Mas já que isso não é igual para todo mundo, morar no morro é uma coisa que pode ser feita com dignidade. A maioria das pessoas que moram no morro, o fazem com dignidade. Algumas não conseguem, mas a esmagadora maioria é de gente muito honesta. Moram com alguma dignidade, mesmo com todo esse problema social.

AJ: Você, em nossas conversas, me disse que a Rocinha possui, hoje, aproximadamente duzentos mil habitantes, com mais ou menos duzentas pessoas diretamente envolvidas com o tráfico, não é isso? Mas a imagem que se tem, por pessoas de fora da comunidade, é que lá só tem bandido. Por que?

OS: É uma injustiça muito grande! É uma colheita maculada por poucos grãos. Não se pode ter, por algumas frutas estragadas, danos para todo um pomar. Se você acordar às cinco horas da manhã e abrir sua janela, vai ver a esmagadora maioria de moradores descendo para pegar o ônibus, com sua marmita para ir trabalhar. Então é uma injustiça, porque a favela é composta por uma maioria honesta e trabalhadora.

AJ: Existe efetivamente um preconceito das pessoas de fora da Rocinha? Como você sente esse preconceito na sua vida?

OS: Com certeza! Mas na maioria das vezes esse preconceito é por desinformação. Eu já levei pessoas, pela primeira vez, na Rocinha, que tinham uma imagem totalmente deturpada. A mídia faz isso com muita maestria, deturpando a imagem. Mas o “diabo não é tão feio com se pinta”. Nós podemos levar uma pessoa para almoçar em um bom restaurante, dentro da comunidade, e não é pelo fato de você entrar que o bandido vai dar um tiro. Não é nada disso. Mas o preconceito existe, muitas vezes pela mentalidade das pessoas e por desinformação. As pessoas não tem acesso ao que verdadeiramente acontece no seio da comunidade.

AJ: Trace um paralelo entre a sua infância e adolescência e a vida atual de uma criança, de um jovem, na Rocinha.

OS: O problema maior é que a comunidade “inchou”. Na Rocinha, não há mais como crescer “para o lado”. Só pode crescer “para cima”, em um crescimento vertical, sem planejamento. Não existe um planejamento que possa comportar esse crescimento desenfreado. Assim, o “cara” vem lá do Nordeste, tenta vencer na vida de qualquer forma, monta uma birosca, se emprega como porteiro, ganha um pouco mais do que ganhava na sua terra, e acaba trazendo um primo, um vizinho. Nem sempre todos conseguem ter sucesso e por esse motivo, a maior população carcerária, no Brasil, é composta de Nordestinos. O “cara” vem tentar a sorte, e não conseguindo, às vezes tende para o lado da marginalidade. Mas eu acho que a diferença para os jovens de hoje é que eu vivi um tempo mais romântico, o “cara” para fumar um cigarro de maconha, ia lá para o meio do mato, porque era altamente marginalizado. Quem fumava maconha era “bandido”, era “marginal”. Hoje eu vejo um “garotão” descendo o beco, com uma mochila nas costas, fumando uma maconha como se fosse um cigarro industrializado. Eu acho que a bandidagem, essa forma bandida de certos jovens viverem, esse flerte maior, essa aproximação com a bandidagem, fere muito as coisas do meu tempo. Era muito diferente! Hoje em dia, o molequinho que cheirava cola de antigamente, está usando droga, ao invés de cheirar cola. A coisa está veloz. Nós estamos vendo uma verdadeira fábrica de confeccionar bandidos, muito mais pela ausência do governo e pela falta de opções, do que por qualquer outra coisa.

AJ: Você é dono de um “negócio” na Rocinha. Como é isso e com tudo começou?

OS: Sou um micro-empresário! Eu tenho uma vídeo-locadora. A loja é própria. Eu quebrei a parede do quarto de minha mãe e fiz a loja... Uma “guerra”, uma luta. E funciona há uns quinze anos. Hoje não é um grande negócio, porque a NET e a TV pirata passam filmes “da hora”, sendo o nosso principal concorrente. Mas ainda assim nós alugamos alguns VHS. Existem pessoas que só agora conseguiram comprar um vídeo-cassete, juntando um dinheirinho. Tem gente muito pobre na comunidade.

AJ: Como é o nome da loja?

OS: Cem por Cento Astral Vídeo Locadora

AJ: O tráfico de drogas interfere de alguma modo com o seu “negócio”?

OS: Eu acho que o tráfico de drogas... Eu vou responder com relação à Rocinha que é o lugar que eu conheço bem. O tráfico não atrapalha quem vive dentro da lei, o comerciante, o trabalhador em geral...

AJ: Que lei? A “lei do morro” ou a lei constitucional?

OS: A lei que eles impetram. Na realidade, no morro, o que vale é a lei que eles impõem. Eu acho que o trabalhador eles respeitam. A questão é que só “respinga” no trabalhador, de alguma forma, quando ele fere os códigos de conduta, de “ética”. Mas fora isso, o trabalhador fica de um lado e o bandido do lado oposto.

AJ: Existe mesmo esse “poder paralelo” do tráfico, substituindo o poder formal? A “lei do morro” que o tráfico impõe e faz cumprir?

OS: “Cara”... Existe sim! É um mundo à parte. É um universo que eles mandam e desmandam, fazendo valer suas próprias leis. Entenda, a “lei do morro” existe, e se você se opuser, se “bater de frente” com essa lei, você vai sofrer sanções.

AJ: Vamos falar de coisas melhores. Como é esse seu envolvimento com a escola de samba? Você é sambista, compositor popular? Como tudo isso começou?

OS: A Rocinha era dividida em três blocos carnavalescos: “Sangue Jovem”, “Império da Gávea” e “Unidos da Rocinha”. Eu fiz parte do “Sangue Jovem”. Desde criança já me encantava pelo samba. Tive o privilégio de fazer parte de uma das primeiras diretorias da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, desde a sua fundação. Durante cinco anos fui diretor, fiz divulgação, marketing e continuo até hoje tentando contribuir. Atualmente sou ligado à ala dos compositores da agremiação.

AJ: O tráfico de drogas interfere de algum modo? Na escolha do samba ou do enredo?

OS: Eu acho que o tráfico de drogas interfere em tudo de importante que gira dentro da comunidade: transporte alternativo, no dia à dia... Interfere em tudo. Eles são os verdadeiros donos da comunidade. Por que não interferir no samba, que leva estampado o nome da comunidade? Só que a Rocinha não tem uma cultura muito forte no samba, como por exemplo, a Mangueira. Na Mangueira o tráfico manda e desmanda na Escola de Samba, já tendo inclusive matado um diretor de bateria, como circula nos bastidores do samba. Na Rocinha, como tudo isso é ainda muito embrionário, o tráfico influi pouco.

AJ: Você não tem medo de estar com um bom samba enredo, e perder o concurso, para alguém ligado ao tráfico, apesar de apresentar um samba de pior qualidade?

OS: Eu tenho mais certeza de que isso pode acontecer do que ao contrário. Mas nós fazemos samba por amor...

AJ: O que você acha dos projetos sociais desenvolvidos na Rocinha, principalmente aqueles desenvolvidos por ONG's ? Você tem conhecimento de algumas ações efetivas? Cite alguns deles.

OS: O projeto do Instituto Reação, do Flávio Canto, está "legal". Tem uma credibilidade boa dentro da comunidade. Também existe um projeto, acho que é do Ênio Figueiredo, não sei direito, não me lembro bem, que está ligado à seleção de Basquete, sei lá... Um outro projeto é do Umuarama, chamado "Rumo Certo", que parece ser muito sério. como também o projeto da Escola de Música da Rocinha, dentre outros, que sabemos serem sérios, com continuidade e alguns resultados. Mas tem aqueles projetos de pessoas que são falsas, que o fazem apenas para captar dinheiro para recursos próprios. Isso acontece muito, dentro da Rocinha, e em outras comunidades.

AJ: Você acha que efetivamente esses projetos contribuem para o desenvolvimento humano do jovem da Rocinha, criando oportunidades para mudar essa realidade de violência e de falta de alternativas?

OS: Bem, acho que na ausência do governo, tudo aquilo que se faz em benefício da comunidade, mesmo que seja uma coisinha minúscula, é fundamental. "Em terra de cego quem tem um olho é rei". A comunidade da Rocinha é carente, e como qualquer outra comunidade, tudo aquilo que se faz para dar uma diretriz ao jovem, uma oportunidade ao morador, é muito louvável.

AJ: Minha dúvida é a seguinte: uma determinada ONG desenvolve um projeto sério, oferecendo oportunidades aos jovens, abrindo espaços para um e outro... Mas será que o governo, que tem muito mais recursos para atuar, não teria mais resultados? Por que não atua? Por que convive com esse sério problema social?

OS: Bem, em primeiro plano, eu acho que... Eu digo sempre que o governo é incompetente, porque tem condições para resolver o problema, e não resolve, não faz nada. Às vezes, eu até acho, que o governo gosta que existam essas comunidades, como paióis eleitoreiros, como mananciais de ilusão, onde eles podem "pregar" suas mentiras. Essa incompetência é alimentada por essa coisa dirigida, por esse "coronelismo" que impera ainda hoje, com os "maiores" adestrando e dominando as classes menos favorecidas.

AJ: Eu te conheço há algum tempo, e sei do seu amor e orgulho em frequentar a Rocinha, no seu dia a dia. Assim eu gostaria de deixar um espaço aberto para você falar dessa comunidade, de suas birascas, de seu samba... Também gostaria de "fechar" essa entrevista com um pedacinho do seu samba, se possível.

OS: Eu sempre fui um batalhador para divulgar as coisas boas da comunidade. Agora mesmo, estou confeccionando um "site" chamado "Rocinha.org" para tentarmos falar das coisas boas, como o projeto do Flávio Canto, da Escola de Samba, que esse ano vai falar do Nordeste, dos nossos artistas, dos artesãos, das pessoas decentes. O morro precisa saber dessas coisas. O meu sonho é ver a comunidade urbanizada, as crianças

fora das ruas, longe das drogas. Ver o moleque que está com um fuzil nas mãos, troca-lo por uma caneta. Eu não queria que isso fosse uma utopia e sim, uma realidade...

AJ: E a “canja” do seu samba?

OS: O samba fala do Nordeste. Não está totalmente pronto, mas é uma coisa mais ou menos assim:

“Eu sou cabra da peste, quero forrozar,
E vou que nem sanfona, pra lá e pra cá,
Borboleta sertaneja, o agreste é meu chão,
Sou Rocinha, ora veja, misto de samba e baião”

Entrevista com Flávio Vianna de Ulhôa Canto

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Flávio Vianna de Ulhôa Canto / FC

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Thaís Paranhos

Data da entrevista: 30/09/2006

Local da entrevista: Área de treinamento da academia “A” Body Tech (Barra da Tijuca).

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 17/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 18/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Atleta Olímpico e Pan-Americano, presidente e professor do Instituto Reação.

Estrutura da entrevista

AJ: Vamos começar falando um pouco de você, da sua infância e da sua adolescência.

FC: Eu nasci em 1975, na Inglaterra, quando meu pai lá estava fazendo Doutorado. Com dois anos fui morar nos Estados Unidos, voltando depois para a Inglaterra, com meu pai fazendo seu Pós-Doutorado. Finalmente nós viemos morar no Brasil, quando eu já tinha onze anos de idade. Aos quatorze anos comecei a treinar Judô, com uma idade considerada até, um pouco avançada. Já nadava, por indicação médica, mas me encontrei mesmo no Judô, por influência do meu irmão mais moço, que já havia iniciado, um pouco antes. Outro aspecto motivador foi o Aurélio Miguel ter se sagrado campeão olímpico um ano antes. A medalha olímpica do Aurélio Miguel me mostrava que o Judô era um esporte vencedor e eu queria participar disso tudo. Comecei a treinar com o Geraldo Bernardes, que era o técnico da seleção brasileira. Depois de muito treinar, apresentando bons resultados em competições, entrei para a seleção brasileira, onde estou há mais de dez anos. Viajei muito com a seleção, treinando e competindo, e isso é uma coisa muito boa do esporte: possibilita o conhecimento de várias culturas, em muitos países.

AJ: Qual o segredo para você estar há mais de dez anos na seleção brasileira de Judô? Isso é bastante difícil para qualquer atleta.

FC: Acho que depende do esforço do atleta por bons resultados e uma certa constância. No Judô é mais difícil, porque a cada ano você tem que ganhar uma nova seletiva, ao contrário de outros esportes, onde você é convocado. Você tem que estar muito concentrado, muito focado, para não perder a sua vaga. Por esse motivo, sempre treinei muito, procurando não ficar para trás e não ter que “correr atrás do prejuízo”. Sempre procurei treinar mais do que todos. Nos feriados, Natal, Ano Novo e muitos outros momentos, enquanto todos se divertiam, eu treinava. Depois que comecei a treinar Judô, só fui tirar férias ao completar vinte anos. Esse perfil de muito treinamento é que me ajudou a chegar e me manter na seleção durante tantos anos.

AJ: O que leva o garoto, o adolescente, a abrir mão das festas, das “gatinhas”, deixando muitas vezes de sair com os amigos, para treinar em busca de um bom resultado competitivo.

FC: O atleta é um “cara” diferente. Desde cedo ele já tem uma disciplina que na maioria das vezes você só alcança na idade adulta. Normalmente o jovem se preocupa com a Faculdade, com o trabalho, com o emprego e com o lazer. O atleta, não! Ele tem que se disciplinar em função de objetivos e metas competitivas. Ele já sonha grande desde cedo. Então você acaba abrindo mão de uma série de coisas que seriam normais em determinadas faixas etárias. Eu me lembro que na minha festa de formatura da escola, eu saí à meia-noite, porque tinha que competir no dia seguinte. Eu me lembro de uma série de circunstâncias, tantas outras situações, em que eu deixei de “curtir” para me concentrar, para treinar e competir. Nisso tudo cabe a discussão sobre se é adequado uma criança, um adolescente, ter essa responsabilidade. Depende muito de cada um. Eu acho que vale a pena. Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo outra vez. Eu abri mão de coisas muito importantes, mas ganhei outras, muitas outras coisas mais importantes, em termos de auto-conhecimento, auto-valorização. Isso tudo você vai adquirindo através dos treinamentos e das competições e das emoções que você enfrenta desde cedo: medo, ansiedade, superação, coragem, alegria, tristezas. Esse aprendizado é muito importante para você lidar com o dia a dia da sua vida. O Judô coloca isso em um dos seus princípios, que é o valor do equilíbrio: “você precisa aprender a se dominar, e dominar para triunfar”. Acho que o “domínio” e o “triunfo” são valores muito mais próximos do atleta.

AJ: O que leva esse mesmo garoto, de classe média alta, com “grana” e ótimas alternativas de lazer e esportes, a se preocupar tanto com problemas sociais, a ponto de acabar se envolvendo com um trabalho social, com o seu nível de dedicação?

FC: Acho que a resposta está na sua pergunta. O fato de eu ter tido tanta sorte, tanto amor de minha família, uma família maravilhosa, de eu nunca ter passado fome e muito longe disso, ter nascido em uma família de classe média alta, me conduziram à esse tipo de preocupação. Esses privilégios trazem esse tipo de responsabilidade, e eu cresci com esse sentimento, até com um pouco de culpa, de ter tido tanto, enquanto outras pessoas têm tão pouco. Na cidade em que vivemos, no Rio de Janeiro, nós convivemos com tanta miséria, lado a lado com muita opulência. O projeto do Instituto Reação está implantado, por exemplo, na Rocinha, uma comunidade de baixa renda, localizada junto

à um dos bairros de maior poder aquisitivo de nossa cidade. Quando você para e reflete sobre esses problemas, acaba por ser motivado a reagir. Talvez outro aspecto que tenha contribuído nessa reflexão é o fato de eu estar sempre viajando e conhecendo outras realidades, outras situações sócio-culturais que me levaram a ter mais dificuldades em conviver placidamente com essa desigualdade tão onipresente em nossa cidade e em nosso país. Desde garoto sempre me indignava com essa nossa realidade, e sempre prometia à mim mesmo que um dia eu faria algo para tentar mudar um pouco tudo isso. No princípio era um sonho juvenil de mudar o mundo, mas eu tinha medo de deixar isso passar, deixar a vida passar sem colocar alguma coisa em prática.

AJ: E como tudo isso começou?

FC: Comecei o trabalho no terceiro setor no ano de 2000. Antes, eu e alguns amigos, fazíamos ações isoladas, de filantropia, a partir de treinamentos de Judô, onde arrecadávamos alimentos e roupas que eram doados em instituições de atendimento à crianças carentes. No Natal, juntávamos esse grupo de amigos e íamos distribuir quentinhas e roupas nas ruas de Copacabana, Ipanema e Leblon. Essas ações foram nos sensibilizando para envolvimento maiores, mais abrangentes, passando de ações assistencialistas para um processo que envolvesse uma efetiva ação de responsabilidade social. O que nós fazíamos era mudar momentos de vida de algumas pessoas, mas sentíamos a necessidade de mudar a vida de algumas pessoas. A partir daí, a minha própria vida começou a mudar.

AJ: O que efetivamente contribuiu para essa sensibilização, para essa mudança de postura?

FC: Acho que foi marcante uma grande dor na minha trajetória desportiva, quando tive a primeira e única derrota em seletivas, até o presente momento, para a Olimpíada de Sidney, na Austrália, no ano de 2000. Integrei a equipe como reserva e tive muito tempo para refletir. Até então, eu achava que o Judô era muito mais importante na minha vida do que realmente era. Eu achava que ao perder a posição de titular da seleção, sem o Judô, a minha vida perderia, em muito, seu sentido. Comecei a perceber que minha vida continuava e eu tinha uma missão importante em Sidney: apoiar meus companheiros, em treinamentos e “torcidas” pelo sucesso da equipe. Voltei renovado com novas opções a considerar, dentre as quais se destacava meu engajamento em um projeto social.

AJ: E como se iniciou esse engajamento?

FC: Em uma conversa com o professor Pedro Gama Filho, em Búzios. Ele sempre desenvolvendo idéias e planos sobre projetos sociais, me apresentou a implantação naquele mesmo mês de um trabalho na Rocinha, em uma parceria da Universidade Gama Filho com a Prefeitura. Iniciei, muito empolgado, como voluntário, dando aulas de Judô. Passado um ano e pouco, a Prefeitura abandonou o projeto e eu resolvi assumir o trabalho. Ao faltar a remuneração dos demais professores, a cargo da Prefeitura, acabei ficando totalmente só, mas resolvido a não desistir, muito em função do apego que eu já tinha pela garotada. Coincidentemente, na mesma época outras pessoas bastante ligadas, haviam iniciado projetos similares em outros lugares: você e o Duda, na Pequena Cruzada e o Geraldo Bernardes, na “Body Planet”, atendendo a comunidade

da Cidade de Deus. Eu até poderia ter ido trabalhar com vocês, mas não havia como abandonar a Rocinha. Nessa época eu estava me formando em Direito e minha monografia versava sobre o terceiro setor. Com bases nesse trabalho, convenci alguns amigos a participar com doações mensais, de modo a estruturar um orçamento mínimo para a remuneração de professores. Os primeiros a serem remunerados foram o Marquinhos, até hoje professor do projeto, e o Rodrigo, o “Feijão”, que na época foi monitor, e atualmente está se formando em Educação Física, já como professor do projeto.

AJ: Ainda não existia o Instituto Reação. Como foi o desenvolvimento desse processo?

FC: Então foi isso... No início, na Rocinha éramos nós três. Marquinhos, Rodrigo e eu. O projeto foi crescendo com a entrada de novos alunos e conseguindo novas parcerias, deixando de ser somente uma ação entre amigos. A união dos projetos da Pequena Cruzada e da “Body Planet” foi um novo impulso para sua expansão. Essa expansão me deu mais forças para continuar no Judô, pois pude perceber que quanto mais resultados eu tinha, mais notoriedade eu dava ao projeto e com isso mais oportunidades de novas parcerias para alocação de recursos materiais e humanos. Isso me motivava a buscar a participação na próxima Olimpíada. Efetivamente ao vencer a seletiva no Brasil e ganhar uma medalha na Olimpíada de Atenas, as portas efetivamente se abriram. Hoje contamos, dentre outros com apoios da Unesco, do Criança Esperança, da Infraero da Prefeitura, e de Furnas, além de um grupo de voluntários em diversas áreas de atuação. Recentemente implantamos o quarto pólo de treinamentos, em Tubiacanga, na Ilha do Governador.

AJ: Quando foi efetivamente estruturado o Instituto Reação?

FC: Em abril de 2003.

AJ: Como se estruturou o Instituto Reação?

FC: O projeto se estruturou, tendo como “carro-chefe” o Judô, mas contando com profissionais voluntários em várias áreas de apoio, tais como: educação, fisioterapia, psicologia, atividades sócio-culturais e áreas financeira e administrativa. Com o crescimento do projeto, cada vez mais sentimos a necessidade de coordenação de cada atividade por profissionais mais envolvidos e capacitados dentro de um organograma funcional. A primeira coordenação efetivamente implantada foi a coordenação técnica sob a responsabilidade do Duda, seu filho. Depois foram estruturadas as coordenações de atividades artísticas e culturais e de captação de recursos e mais recentemente a coordenação das áreas administrativa e financeira.

AJ: Entendo a importância da atividade fim do projeto, no atendimento ao público jovem e o engajamento de todos com essa prioridade, mas a demora na estruturação da área meio, administrativa e financeira, não acarretou problemas?

FC: Sem dúvidas! O crescimento do projeto nos preocupava pela manutenção da qualidade de atendimento, Aí residia nossa maior preocupação. Então tivemos a nossa primeira crise de crescimento: Começamos a ter problemas nos prazos de prestação de contas aos nossos parceiros, atrasando novos aportes de recursos. Ficou evidente nossa

falta de experiência em termos de controles administrativos e financeiros. Atualmente contamos com um grupo de pessoas especializadas nessa área, coordenados pelo pai de um grande amigo nosso, professor universitário e especialista em gestão de projetos. Assim o Instituto encontra-se mais estruturado, com especialistas em cada área, e podemos pensar com mais tranquilidade no processo de expansão. Nesse sentido estamos estudando uma proposta de implantação de um pólo de treinamento em São Paulo, com pessoas de nossa inteira confiança. Mas antes precisamos consolidar um sistema de monitoramento das ações desenvolvidas e resultados alcançados, para apresentação ao final do ano aos parceiros atuais e futuros.

AJ: Por que o Judô foi escolhido com “carro-chefe” do projeto, e não qualquer outra atividade desportiva, artística ou cultural?

FC: Em princípio porque as pessoas envolvidas com essa proposta, eram atletas de Judô e não sabíamos dançar Balé, ou ensinar qualquer outro esporte... (*risos*). Na verdade, a idéia do projeto, no início, era “atacar” o problema maior do nosso país, que entendíamos como uma carência na área educacional. As Olimpíadas de Sidney, me levaram a refletir que tínhamos uma “ferramenta” eficaz para a inclusão social com desenvolvimento humano, que era o Judô, com toda a sua filosofia e metodologia de aplicação. O Judô é uma arte marcial, criada por Jigoro Kano em 1882, com o intuito de preparar o cidadão, muito mais do que preparar lutadores ou atletas. O objetivo de Jigoro Kano era criar uma metodologia que valorizasse o desenvolvimento humano. A base dessa metodologia seriam valores tais como: respeito, humildade, determinação, solidariedade e coragem, que uma vez desenvolvidos, pudessem ser aplicados na vida cotidiana. A própria nomenclatura do Judô remete a isso: Ju, significa suavidade e Dô, doutrina, caminho, isto é, sua tradução seria “o caminho da suavidade”. Dessa forma, seu criador sinaliza que o seu objetivo era muito maior do que o esporte em si. O objetivo seria transformar o aprendizado do Judô em um aprendizado para a própria vida: formava seus adeptos em uma arte marcial para formar cidadãos para uma sociedade mais justa. Esses princípios eram fundamentados na filosofia do “Bushidô”, que era o código de ética dos antigos Samurais, cuja classe foi oficialmente extinta, no Japão, seis anos antes da criação do Judô. Esses valores, da maneira que trabalhamos no projeto do Instituto Reação, acabam por serem muito úteis para o desenvolvimento humano e a inclusão social, que é muito mais consequência do que causa.

AJ: Só para nos organizarmos: já falamos um pouco dos princípios do projeto, da sua estruturação, da preocupação com a sua expansão e com a manutenção da qualidade de atendimento. Sem dúvida muitas coisas boas estão acontecendo. E os entraves? Como é trabalhar em uma comunidade de baixa renda, em um projeto inserido em um contexto de desigualdade social e preconceito?

FC: Vamos começar teorizando um pouco: se pudermos entender uma segmentação para o desenvolvimento humano, nossa metodologia de atuação se baseia em quatro pilares, que são aqueles preconizados pela UNESCO: componentes cognitivas, sociais, produtivas e pessoais. Resumindo, para abrir caminho para onde quero chegar: as componentes sociais você encontra, com mais facilidade em qualquer esporte ou atividade sócio-cultural. Elas são responsáveis pela melhoria do relacionamento interpessoal, do espírito de grupo, de equipe. As produtivas, explicitadas pelo Judô, se referem ao fato de que quanto mais você treina e se prepara, mais você evolui para

alcançar resultados melhores. As cognitivas dizem respeito à busca do conhecimento, do desenvolvimento do conhecimento. E finalmente as componentes pessoais que eu entendo como muito importantes em nosso trabalho. O desenvolvimento da auto-estima e da auto-determinação para o enfrentamento da desigualdade e preconceitos. Nesse aspecto, o esporte contribui de forma determinante. Em uma comunidade de baixa renda você percebe que a criança, o adolescente se sente “gente” dentro da comunidade, no entanto ao enfrentar o mundo exterior, ela “abaixa a cabeça”, porque ela não se sente integrada àquela outra realidade, àquele outro grupo social. Então o Judô, o esporte, trabalha com o desenvolvimento da auto-estima, levando esse jovem à possibilidade de vitória. Muitas vezes vemos alunos nossos iniciarem suas aulas de Judô, em um processo de baixa estima, não só na academia, mas na escola e em casa, tímidas com aquele excesso de simplicidade. Então vão para uma competição, apresentam um bom resultado, muitas vezes uma vitória em alguma luta, e parecem renascer, com uma alegria que emociona. Eu comparo a auto-estima com o resgate do sonho. Não adianta nada você querer que uma criança seja “alguém”, se ela não acreditar que pode ser “alguém”. E esse poder, muitas vezes vem com uma vitória em uma luta, onde seu adversário é um menino da zona sul, de classe média alta, com o pai filmando a criança como uma “super” câmera, e a criança começa a acreditar no seu sonho. A partir daí diminuem as distâncias das desigualdades e dos preconceitos, e a vida começa a mudar. O esporte trabalha muito positivamente nesse sentido.

AJ: Vamos falar de um outro assunto um tanto ou quanto problemático: O Instituto Reação atua em uma comunidade onde o tráfico de drogas é presente, onipresente e onipotente. Se essa atuação contrariar seus interesses, eles simplesmente mandam fechar e acabam com a “brincadeira”. Como é essa relação?

FC: O projeto antes funcionava dentro da favela mesmo. Atualmente estamos no prédio da Prefeitura, em frente à Rocinha. No relacionamento com o tráfico, medo é algo que eu nunca tive. A Rocinha tem duzentos ou duzentos e cinquenta mil moradores que vivem ali diariamente e seria uma covardia eu sentir medo. Como eu poderia lidar com os nossos alunos? Eu nunca tive nenhum receio, muito em função de termos evitado qualquer tipo de relacionamento direto, qualquer contato ou qualquer conflito. Não queremos nem saber quem está comandando o tráfico e assim conseguimos ficar de fora disso tudo. Apesar de tudo, sabemos, por intermédio das histórias contadas pelos alunos, que somos muito respeitados. Já tivemos ofertas de ajuda material e financeira, através de recados, nunca em contato direto. Sempre agradecemos e nunca aceitamos. Depois de viver o dia a dia da favela, meu preconceito mudou um pouco. Eu acho que em sua maioria, os donos do morro são jovens que decidiram seguir o caminho do crime com dez ou doze anos de idade. Nessa faixa etária ninguém tem discernimento para saber o que é certo e o que é errado, principalmente em um meio social, familiar, desestruturados. Não estou fazendo apologia ao crime, mas estou entendendo essas atitudes, vendo o marginal do tráfico como alguém que, na maioria das vezes não teve oportunidades para escolher outro caminho. O Instituto Reação tenta entrar exatamente nessa faixa etária, em que a criança está meio que perdida, sem ter para onde ir, sem carinho e sem sentimento de pertencimento a nenhum grupo ou lugar. Nós tentamos suprir essas necessidades, com o pertencimento à equipe de treinamento, onde o esporte possa ser a referência e não o tráfico de drogas. Nós temos muitos alunos com parentes ligados ao tráfico, e eu acredito que todo traficante gostaria que seu filho tivesse oportunidade de não ser traficante, não ser criminoso. Assim existe um respeito de parte

à parte, apesar de nos colocarmos contra as drogas, contra o uso de drogas, sempre fazendo palestras com os nossos alunos à favor da saúde, contra as drogas.

AJ: Qual seria a posição do Flávio Canto e dos outros coordenadores do Instituto Reação, se aparecesse um jovem querendo praticar Judô e vocês soubessem que ele estaria ligado ao tráfico de drogas?

FC: Isso já aconteceu. Na verdade você entrevistou o Vítor, que por sinal é uma luta nossa, que está mais para nós perdermos, porque ele vem treinar, saindo do tráfico, voltando depois e isso já aconteceu mais de uma vez. Mas mostramos para esses meninos, e eles sabem, que a carreira do traficante é muito curta. No outro dia estávamos conversando sobre a história de um garoto que havia entrado para o tráfico, de “bobeira”, e morreu logo no primeiro mês. Mas esse “status” de poder que o tráfico oferece, acaba por seduzir, em alguns casos, a garotada. Mas eu não tenho nenhum problema quanto aos treinamentos. Eu quero mais é que todos os traficantes venham treinar conosco, porque o esporte é um caminho alternativo para que eles saiam dessa “roubada”. Nós já tivemos uns dois ou três alunos ligados ao tráfico, até mais velhos, com dezenove, vinte anos, e não houve nenhum problema em treinar com eles. Ficaram algum tempo, mas acabaram saindo, por incompatibilidade de tempo disponível. Foram experiências interessantes principalmente ao observarmos que todos eram tratados da mesma maneira: o “cara” tinha que respeitar, obedecer, treinar com humildade, sendo também respeitado. Mas eu acho que o nosso trabalho é muito mais preventivo, oferecendo o caminho do esporte com a disciplina e a responsabilidade do envolvimento em treinamentos e competições.

AJ: Outra preocupação, já bastante discutida entre nós, mas ainda se configurando com preocupação, é com relação à profissionalização desses alunos. No início eram poucos e não era tão difícil encaminha-los para uma formação melhor, para o mercado de trabalho. Atualmente estamos próximos de mil alunos. Como será? Nós vamos ensinar Judô para eles, e depois?

FC: É... Isso realmente é uma preocupação. Acho que todos ao saírem do projeto... E isso é outro assunto: o ideal é o sonho de que nunca saiam do projeto. Cada ano os alunos vão crescendo, ficando mais velhos, e nós vamos aumentando a idade de atendimento. O Rodrigo já está com vinte e cinco anos. Mas vamos voltar à sua pergunta: o Instituto Reação está estruturado em programas, como por exemplo, o programa cultural e o programa de reforço às atividades escolares. Um programa que estamos privilegiando é aquele que provê o acesso à cursos superiores, através de convênios em escolas do ensino fundamental e médio e em universidades particulares, através de bolsas de estudos. Paralelamente estamos estruturando um grupo de professores voluntários, com excelência pedagógica, para preparar alunos para os vestibulares mais concorridos, para escolas técnicas e universidades públicas. Isso já envolve um trabalho de três horas diárias, de segunda à sexta feiras. Acredito que uma escola pública de boa qualidade atenderia melhor ainda a formação de nossos alunos, e de maneira mais adequada à sua realidade. Com isso objetivamos uma preparação escolar de melhor nível. Todos esses programas são inicialmente implantados na Rocinha. Quando expandimos nosso universo de atendimento, fica cada vez mais difícil oferecer oportunidades como até então podíamos fazer. Por exemplo, dizíamos aos alunos: “se você passar no vestibular da Universidade Gama Filho, garantimos sua bolsa

de estudos”. Afinal tínhamos dez alunos ingressantes para dez bolsas de estudos. Até aí tudo bem! E para os novos aspirantes às bolsas?

Outro exemplo é de um garoto, recentemente colocado na Escola Parque, através de um convênio, com bolsa de estudos. Trata-se de um garoto da Rocinha, campeão da Olimpíada de Matemática, que já leu quase todos os livros da pequena biblioteca que montamos no Instituto, e destaca-se em uma escola particular, com um ensino de melhor nível. Graças a esse desempenho a Escola Parque está abrindo outras oportunidades para outros alunos nossos. Já estamos em contato com os Colégios Tereziano, Santo Inácio e Santo Agostinho, para convênios similares. Cabe ressaltar que o crescimento no atendimento, também propicia um crescimento no apoio de pessoas físicas e jurídicas que acabam criando facilidades na busca de nossos objetivos, através de seus relacionamentos. Ainda na linha da profissionalização, estamos fechando um convênio com uma indústria de cosméticos, para o oferecimento de cursos profissionalizantes.

AJ: Isso é bem recente, não?

FC: É. Isso é bem recente. Iniciamos as negociações há mais ou menos duas semanas. Logo no início do projeto, nove meninas foram fazer cursos de manicure. Eu fiquei um pouco chateado... Eu queria muito mais para nossos alunos. Hoje eu vejo que nem todos irão para uma universidade, nem todos se formarão em um curso superior. Assim temos que direcionar nossos alunos para o que eles são capazes. O importante é oferecermos uma capacitação básica aos alunos, para que eles ao chegarem aos dezessete, dezoito, dezenove anos, possam ter acesso ao mercado de trabalho muito melhor preparados.

AJ: Atualmente existe uma aproximação do Instituto Reação com as universidades, não só em convênios para bolsas de alunos, como também para uma fundamentação conceitual de toda a proposta. Já existem dois trabalhos, em fase final de elaboração, de pessoas diretamente ligadas ao projeto: uma dissertação de mestrado e uma monografia de graduação. Você acredita que esses trabalhos são necessários e que trarão um ganho efetivo para o projeto?

FC: Eu acho fundamental, principalmente a monografia de conclusão do curso de Educação Física do Rodrigo, que sendo aluno nosso desde o início, aborda um tema muito interessante, sobre a intervenção do projeto na comunidade da Rocinha, com uma visão “de dentro” do processo. Outro aspecto é a importância de uma dissertação de mestrado, a ser publicada em um livro, com a autoria de um professor nosso e um dos idealizadores e fundador do projeto, que é o seu caso. Tudo isso, e principalmente por seu incentivo, quero também fazer um mestrado focando nosso envolvimento com o terceiro setor. Todo esse material vem suprir uma deficiência sobre a implantação de projetos sociais no terceiro setor, a partir de conceitos teóricos aplicados. Acredito que essa contribuição seja importante para refletirmos sobre nossas atividades e contribuir para a implantação e desenvolvimento de projetos similares. Agora mesmo estamos envolvidos com o programa de monitoramento de resultados, para apresentação aos nossos parceiros e você tem muito pouco material didático disponível. É uma área ainda nova em nosso país. Se não me engano, a preocupação com o terceiro setor, no Brasil, não tem trinta anos. Acho que o movimento das ONG’s iniciou-se após a ditadura militar, abrangendo os conceitos de responsabilidade social, além do assistencialismo. Então é importante que nós do Instituto Reação estejamos envolvidos com a produção

desse material de consulta. Essa semana, estou enviando informações sobre o nosso projeto, com relação a estatuto, material de divulgação e estrutura, para um projeto social em implantação. Já passamos, inclusive, o esboço de sua dissertação para algumas pessoas, para consulta e apoio à outros trabalhos acadêmicos. Nem você sabia disso! Será que tem algum problema?

AJ: Não tem nenhum problema, além da minha exclusão do mestrado pelo meu professor orientador, e do processo que eu vou mover contra você. (*risos*).

FC: Desse modo, na verdade é importante que passemos o nosso conhecimento para todos os que estiverem interessados no trabalho social. Quando sua dissertação se transformar no livro, isso vai ser maravilhoso, se pensarmos na possibilidade do seu efeito multiplicador. Tudo isso contribui para um país melhor, com mais gente praticando esportes como atalho para um processo educacional, buscando sua superação, quebrando barreiras sociais. O grande “barato” do nosso projeto, dos projetos sociais similares ao nosso, é a quebra do cruel paradigma de quem nasce pobre, morre pobre, e que filho de pobre tem que ser sempre pobre, sem oportunidades. O projeto do Instituto Reação se propõe a mudar isso. Veja o exemplo do Rodrigo: através do projeto ele está tendo muito mais oportunidades que seus pais tiveram, e os seus filhos e netos terão muito mais oportunidades por poderem contar com um pai e um avô ainda mais preparados. As gerações futuras poderão ter suas vidas transformadas pelas oportunidades oferecidas. Isso é mudar o mundo!

AJ: Interessante nós estarmos falando hoje em mudar o mundo, acreditando nesse sonho, a partir de mais ou menos quinze crianças na Rocinha e doze na Pequena Cruzada... O que é uma semente bem plantada e regada com dedicação ao longo do processo. Isso só nos envaidece e nos emociona... E o Flávio Canto atleta? Temos agora um Pan-Americano e mais à frente a Olimpíada da China. Depois é só dedicação total ao Instituto Reação?

FC: É... Está ficando cada vez mais difícil conciliar minha vida de atleta, treinamentos, seletivas e competições com as responsabilidades assumidas no Instituto Reação. O segredo de eu ter conseguido tudo isso até agora, é que além do apoio de todos vocês, a energia gasta por mim é muito menor do que a que eu recebo em troca, a partir dessa garotada. Hoje eu treino e participo de competições com objetivos muito mais nobres. Antes as vitórias eram muito minhas, em um processo meio egoísta, de valorização pessoal. Hoje, tudo isso tem um valor muito maior. Cada vitória é uma vitória do Instituto Reação, de cada aluno, de cada professor. Isso é realmente muito maior e me dá forças para continuar.

Entrevista com Tatiane Gomes Carvalho

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Tatiane Gomes Carvalho / TC

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Thaís Paranhos

Data da entrevista: 08/04/2006

Local da entrevista: área de treinamento do Instituto Reação (São Conrado)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 19/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 20/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Morada da Rocinha, aluna do Instituto Reação, empresária da área de transporte escolar, cursando Educação Física na Universidade Gama Filho.

Estrutura da entrevista

AJ: Vamos iniciar falando um pouco da Tati. Qual a sua idade e como foi a sua infância?

TC: Tenho 22 anos e minha infância foi bem tranqüila. Não tive muitos problemas... Só uma perturbação familiar.

AJ: Que perturbação foi essa? Você pode falar dela?

TC: Foi a separação dos meus pais. Teve até um caso de agressão por parte do meu pai, envolvendo uma questão policial. Isso mexeu muito com a minha mãe, com o meu irmão menor e comigo mesma. Isso mexeu com a cabeça da família toda.

AJ: Há quanto tempo você mora na Rocinha? Como é morar na Rocinha?

TC: Moro há vinte e dois anos, desde que nasci. Antigamente tínhamos uma visão diferente, morar aqui era como morar em qualquer outro local. Hoje em dia não! Eu tenho a visão de fora, do Instituto Reação, do trabalho, da minha Universidade. Hoje eu vejo que morar na Rocinha pode ser um ponto negativo, nessa visão de fora da Rocinha.

AJ: Você acha que existe discriminação, preconceito com quem mora na Rocinha?

TC: Existe!

AJ: Mesmo na Universidade? Você sente essa discriminação de que forma?

TC: Eu não sinto isso diretamente, quando falam comigo, ou qualquer coisa assim... Mas as pessoas que tem outra situação financeira, melhor que a minha, eu noto uma diferença de atitude por você morar na favela. Querendo ou não, isso existe.

AJ: Como foi seu acesso à Universidade? Você sempre teve vontade de fazer Educação Física?

TC: Na verdade eu nunca havia pensado em fazer Educação Física. Ao completar o ensino médio, com notas altas, fiz vestibular para Medicina, nas universidades federais. Cheguei até passar pelas fases iniciais, mas não consegui índice para a fase final. Como eu já estava fazendo uma atividade desportiva, o Judô, comecei a reparar no trabalho do nosso preparador físico, gostando e me interessando. A partir daí comecei a ler e pesquisar sobre o curso de Educação Física, e vi que existiam muitas coisas parecidas com o que eu queria do curso de Medicina. Acho até que vou ter mais oportunidades com a Educação Física, para trabalhar, principalmente onde eu vivo, dentro da Rocinha, nas academias que já existem lá. Aprimorando minhas técnicas, também poderia conseguir alguma coisa nas academias fora da Rocinha, apesar de eu achar muito difícil.

AJ: O Instituto Reação, então, influenciou nessa sua opção pela Educação Física?

TC: Influuiu, porque eu cheguei a ver o “Feijão”, o Rodrigo, lutando para fazer o curso de Educação Física, ele que já foi aluno e hoje é professor do Instituto. Vendo a sua força de vontade, eu percebi que era isso que eu queria fazer. Eu tenho ótimos professores e o meu projeto futuro é criar outra ONG para atender crianças portadoras de deficiências, dentro da Rocinha e de outras favelas e expandir, não só com o Judô, mas também com outras atividades.

AJ: Você sabe que eu e o Eduardo, o Duda, que está ali atrás da câmera, desenvolvemos um trabalho com portadores de deficiência física de baixa renda, que foi inclusive assunto da monografia final do seu curso de Educação Física, na Universidade Gama Filho. Nesse sentido essa experiência pode te ajudar bastante... Mas além disso, eu sei que você tem outro envolvimento profissional. Você é empresária da área de transporte escolar. Como isso começou?

TC: Na verdade foi minha mãe que começou. É uma história interessante: minha mãe me levava para a escola, junto com alguns colegas, em um ônibus comum, de linha regular. As outras mães tinham confiança nela, eram umas quinze crianças. Quando minha mãe engravidou do meu irmão, meu pai comprou uma “Kombi”. E foi assim que, mesmo de “resguardo”, minha mãe levava e trazia crianças da escola. Ela foi uma das pioneiras, na Rocinha, no transporte de crianças para escolas municipais e particulares.

AJ: Como isso se desenvolveu? Da “Kombi” vocês partiram para um ônibus, não foi assim? Como vocês montaram esse esquema? Hoje é uma empresa formal?

TC: É, agora. Há uns três anos que estamos com uma empresa formal. É um custo elevado. Ganha-se bem, mas paga-se muito. Antes, com a “Kombi”, todo o dinheiro que entrava era direcionado para nossa família. Hoje é dividido em partes: uma parte para os impostos, outra para o combustível e manutenção do ônibus. Para nossa casa vai o que sobra.

AJ: Então hoje vocês têm uma empresa?

TC: Não, nós fazemos parte de uma empresa

AJ: Quantos ônibus vocês têm

TC: Estamos com um ônibus. Já tivemos dois, mas atualmente estamos com um só. Estamos tentando juntar dinheiro para comprar mais um.

AJ: Vocês compram ônibus como? “Zero quilômetros” ou “de segunda mão”?

TC: Compramos de “segunda mão”, com mais ou menos oito à nove anos de uso, mas com uma garantia boa, de ficar bastante tempo sem problemas maiores.

AJ: Atualmente vocês prestam serviços, com o ônibus, dentro da Rocinha, não é? Há quanto tempo vocês começaram esse processo?

TC: Minha mãe começou há quase vinte anos.

AJ: E o tráfico de drogas, interfere nesse trabalho?

TC: Tudo que acontece dentro da Rocinha tem a ingerência deles, nós querendo ou não. Às vezes estamos passando com o ônibus e eles nos param dizendo que um motoqueiro está levando não sei o que para não sei para onde. Quando tivemos a guerra na Rocinha, eles bateram em nossa porta e entregaram um papel para minha mãe dizendo que o transporte escolar não poderia circular durante aquele mês, para que as crianças não ficassem na rua. Então, querendo ou não, tem influência, tanto o tráfico quanto a polícia... Eles interferem sim.

AJ: Essa interferência do tráfico é feita de maneira contundente, agressiva? Ou existe uma aceitação mútua?

TC: Não, não é uma coisa de existir um acordo. Mas eles não chegam com agressão, com agressividade. Chegam com educação, pedem licença e desculpas por estar acontecendo aquilo, demonstrando respeito e cuidado, principalmente com as crianças. Na Rocinha, todo transporte escolar é muito respeitado por todos, até porque o filho do traficante também anda dentro do ônibus.

AJ: O tráfico é realmente um “poder paralelo”, fazendo valer a “lei do morro”? É assim mesmo?

TC: É assim mesmo!

AJ: Vamos falar um pouco do Instituto Reação? Como você chegou lá?

TC: Na verdade, é engraçado. Eu fui à uma excursão da escola e sempre fui do tipo “bateu, levou”. Eu estava na quinta série quando tive um problema com uma menina envolvida com o tráfico de drogas, e cheguei em casa chorando. Então minha mãe me colocou no projeto. Ainda não era o Instituto Reação. Era um outro projeto que durou pouco tempo. Ainda não tinha Flávio Canto. Nessa época eu sofri um acidente e quebrei a cabeça, fraturei o braço, além de outras fraturas devido a uma queda de uma varanda de minha casa. Fiquei hospitalizada, com a indicação de que ficaria de dois à três anos sem praticar esportes. Na verdade fiquei cinco anos parada. Então eu mudei de escola e conheci uma pessoa que treinava Judô. Aquela menina, que eu havia brigado na quinta série, também estava nessa escola e eu fiquei com um pouco de medo de novas

confusões. Assim fui treinar Judô, levado por esse colega que já treinava, na Associação de Moradores. O professor era o Aron, no projeto do professor Pedro Gama Filho. Daí continuei a treinar e não parei mais. Passei por todos os momentos do Instituto Reação: treinei na praia, em uma laje, dentro da Rocinha e hoje estamos aqui, no prédio da Prefeitura.

AJ: Você está em que faixa?

TC: Estou na faixa roxa.

AJ: Vai chegar à faixa preta?

TC: Eu pretendo chegar lá, sim! É uma meta que eu quero conquistar.

AJ: E a faculdade? Quando você se forma?

TC: Se Deus quiser, no final do ano que vem.

Entrevista com Wallace de Lima Alves

Caracterização da entrevista

Entrevistado: Wallace de Lima Alves / WA

Entrevistador: Antonio Joaquim / AJ

Cinegrafista: Thaís Paranhos

Data da entrevista: 08/04/2006

Local da entrevista: área de treinamento do Instituto Reação (São Conrado)

Transcrição: Antonio Joaquim

Data: 21/06/2007

Conferência de Fidelidade: Antonio Joaquim

Data: 22/06/2007

Apresentação resumida do entrevistado:

Morador da Rocinha, aluno do Instituto Reação, matriculado na 2ª série do ensino médio do Colégio Santa Mônica.

Estrutura da entrevista

AJ: Vamos começar falando de você. Quando nasceu e desde quando mora na Rocinha?

WA: Nasci em 1991, tenho quinze anos e moro na Rocinha desde que nasci.

AJ: Há quantos anos você treina Judô?

WA: Há quatro anos

AJ: Quando você começou o Judô era bem pequeno, e agora está quase do meu tamanho. Como foi sua vida até agora? Como foi sua infância na Rocinha? É bom morar na Rocinha?

WA: É bem “legal” de morar... Sempre foi muito bom. Tenho muitos amigos aqui. Sempre fugi dos maus caminhos.

AJ: São suas amizades...? Você tem procurado amizades que te levam para esses bons caminhos?

WA: É... Mas minhas amizades agora são mais aqui do Judô. Eu procuro fazer amigos aqui mesmo, no Judô.

AJ: Como foi que tudo começou? Você acordou um dia e pensou: eu quero fazer Judô?

WA: Não, foi um amigo da escola que já fazia Judô que me trouxe.

AJ: Fazia Judô onde?

WA: Fazia Judô na “Acadêmicos”. Era a época do Judô na “Acadêmicos da Rocinha” . Antes eu ficava em casa. Só sabia jogar bola e minha vida era estudar e jogar bola. Fora isso eu ficava de “bobeira”. Aí minha mãe disse para eu procurar alguma coisa para fazer, para preencher meu tempo, e esse meu amigo me levou para o Judô. Eu gostei e treino até hoje.

AJ: Fazia Judô com quem?

WA: Era com o Duda

AJ: Era com o Eduardo, o Duda? Então já era o princípio do Instituto Reação. E o que o Instituto representou na sua vida, juntamente com o Judô, o Flávio, o Duda...?

WA: O Flávio e o Duda são muito “legais”. Eles foram como pai e mãe para mim.

AJ: Você acha que o Judô pode mudar a sua vida?

WA: Eu acho que o Judô vai ser uma profissão para mim. Eu quero ir para uma Olimpíada, ser campeão olímpico...

AJ: Você tem tudo para isso. É um garoto que treina bem e se dedica muito. Você acredita que treinando como você treina, com essa dedicação, você será um atleta patrocinado, um atleta olímpico? Esse é mesmo o seu objetivo?

WA: É, com toda certeza!

AJ: Então você vê o Instituto Reação como uma alternativa profissional para você?

WA: É...

AJ: Enquanto isso você vai se divertindo, treinando... Quantas vezes você treina por semana?

WA: Às vezes treino duas à três vezes por dia, nem sempre todos os dias.

AJ: Como você vê o seu nível competitivo? Você está se dando bem nos campeonatos?

WA: Esse ano eu estou melhor. O ano passado eu estava abaixo do peso da minha categoria.

AJ: Por que você estava abaixo do peso?

WA: Porque não estava conseguindo engordar...

AJ: Fala um pouco da sua família. Qual o envolvimento de sua família com o seu desenvolvimento esportivo?

WA: Minha mãe sempre me incentivou bastante, dizendo para eu dar continuidade, me empenhar.

AJ: Você tem irmãos?

WA: Tenho uma irmã de dezenove anos.

AJ: E por que ela não faz Judô?

WA: Ela não gosta.

AJ: Mas todo garoto treina “golpes” com a mãe e irmãs. Elas sempre “sofrem” nesse processo e algumas acabam por vir treinar... Qual foi o último campeonato no qual você participou?

WA: Foi o Torneio de Abertura, no início dessa temporada.

AJ: E qual foi o seu resultado?

WA: Fui campeão...

AJ: É... Isso está ficando meio “chato”. Eu tenho visto você muitas vezes ter bons resultados competitivos, ser campeão... Esse é o caminho para uma Olimpíada. Quando você imagina começar a competir e ter resultados internacionais?

WA: Ah, isso eu não sei...

AJ: Me diz uma coisa: no colégio, ou em outros lugares, algumas vezes você se sentiu discriminado, teve algum problema, por morar na Rocinha?

WA: Não.

AJ: Que bom! Esperamos que esse preconceito venha acabar mesmo, que já esteja acabando... Como você vê o futuro do Instituto Reação? Será que vai continuar crescendo, se expandindo? Será que não vamos perder qualidade e essa intimidade que temos entre professores e alunos?

WA: Acho que não. O pessoal está cada vez mais unido.

AJ: Esse espírito de equipe existe mesmo? Como é quando você luta com alguém do Instituto?

WA: Ninguém torce, nem por um, nem por outro, e quando acaba, saímos sempre abraçados.

AJ: Você acha que o segredo para o Instituto Reação crescer e não perder qualidade é manter essa união, esse espírito de equipe?

WA: Com toda a certeza.

Anexo 2

Documentação fotográfica

O Anexo 2, Documentação fotográfica, tem por objetivo proporcionar uma visualização imagética dos assuntos apresentados nesse trabalho, mais especificamente: aspectos históricos, cenário, desigualdade social, trabalho realizado pelo Instituto Reação e seus atores.

1. Aspectos Históricos

1.1. Os Precusores



Foto 1: Profs. Eduardo Soares, Flávio Canto e Antonio Joaquim

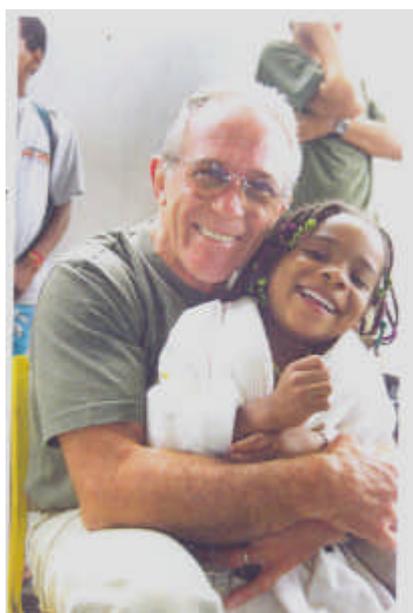


Foto 2: Prof. Pedro Gama Filho

1.2. O início dos treinamentos



Foto 3: Treinamento na Rocinha



Foto 4: Treinamento na Pequena Cruzada

2. O cenário



Foto 5: Comunidade da Rocinha

3. O confronto da desigualdade



Foto 6: Vista aérea da Rocinha e da Praia do Pepino (São Conrado)



Foto 7: Barracos da Rocinha

Foto 8: Prédio da Praia do Pepino

4. O tema: Judô



Foto 9: Treinamento



Foto 10: Treinamento



Foto 11: Competição

5. O processo participativo



Foto 12: Reuniões temáticas



Foto 13: Reuniões temáticas

6. Os entrevistados



Foto 14: Eduardo Henrique de Macedo Soares



Foto 15: Flávia Rodrigues



Foto 16: Flávio Vianna de Ulhôa Canto



Foto 17: Kelle Santana



Foto 18: Ocimar Santos



Foto 19: Rodrigo Borges



Foto 20: Tatiane Gomes de Carvalho



Foto 21: Wallace de Lima Alves

Anexo 3

Capa do livro “O Instituto Reação; um projeto social aplicado”

A capa mostrada a seguir refere-se ao protótipo do livro apresentado como produto do trabalho final do curso de mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

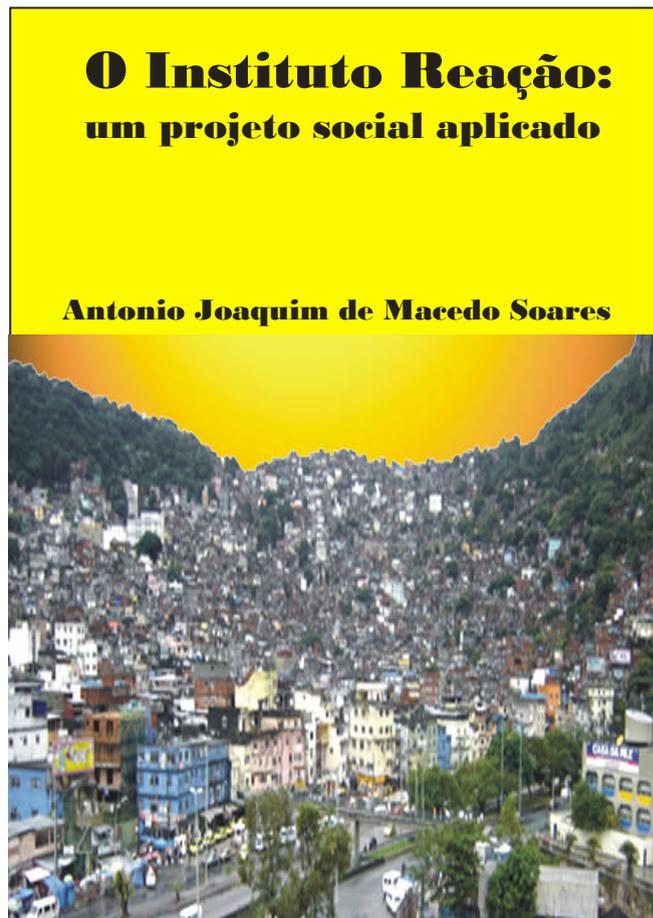


Foto 22 (foto da capa): Comunidade da Rocinha

10. Fontes documentais e entrevistas

10.1. Bibliografia

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005
- CARDOSO, Adalberto Moreira. Desigualdade, injustiça e legitimidade. In: SCALON, Celi (org). *Imagens da desigualdade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p.115-175.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- CORDEIRO, Tiago. *Qual a idade da maioria?* Super Interessante. São Paulo, n.238, p.82-87, abr. 2007.
- CYPRIANO, André. *Rocinha*. São Paulo: Senac, 2005.
- DEFRANCE, Jacques. O gosto pela violência. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard (orgs.). *Norbert Elias: A política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GARRIGOU, Alain. O “grande jogo” da sociedade. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard (orgs.). *Norbert Elias: A política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GOMES, Ângela. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Vértice, 1998, p.257-287.
- KANO, Jigoro. *Kodokan Judô*. Tóquio: Kodansha, 1986.
- MISSE, Michel. A violência como sujeito difuso. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (org.). *Reflexões sobre a violência urbana: (in)segurança e (des)esperança*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- MUNIS, Sergio Luiz Gantmanis. *Defenda-se da violência: como combater a violência e suas causas*. Rio de Janeiro: Brasport, 2006

- IPEA/PNUD. *Relatório sobre o desenvolvimento humano no Brasil*. Rio de Janeiro:IPEA; Brasília: PNUD, 1996.
- PANDOLFI, Dulce Chaves; GRYNSZPAN, Mario. *A favela fala*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fedrik Barth*. São Paulo:UNESP, 1998.
- REIS, Elisa. A desigualdade na visão das elites e do povo brasileiro. In: SCALON, Celi (org). *Imagens da desigualdade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p.37-73.
- SOARES, Luiz Eduardo. *Segurança tem saída*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- _____ . *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- SODRÉ, Muniz. Violência e política. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (org.). *Reflexões sobre a violência urbana: (in)segurança e (des)esperança*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela*. Rio de Janeiro. UGF, 2005,
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Sites:

- FGV.CPDOC. Os anos JK. Biografias. Disponível em www.cpdoc.fgv.br
Acesso em 17 julho 2006.
- FGV.CPS. Mapa do Fim da Fome II. Disponível em www.fgv.br/cps .
Acesso em 06 junho 2007.

10.2. Entrevistas

- Rodrigo Borges (ex-aluno e professor do Instituto Reação, residente na Rocinha)
- Kelle Santana (aluna do Instituto Reação, Polo Rocinha)
- Flávia Rodrigues (aluna do Instituto Reação, Polo Rocinha)
- Vítor X (ex-aluno, atualmente segurança do tráfico de drogas, residente na Rocinha)
- Eduardo Henrique de Macedo Soares (coordenador técnico e professor do Instituto Reação)
- Ocimar Santos (empresário, compositor da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, residente na Rocinha)
- Flávio Vianna de Ulhôa Canto (presidente e professor do Instituto Reação)
- Tatiane Gomes de Carvalho (aluna do Instituto Reação, empresária da área de transporte escolar, residente na Rocinha)
- Wallace de Lima Alves (aluno do Instituto Reação, residente na Rocinha)

10.3. Documentação fotográfica

Referência	Autoria
Fotos 1, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21,22	SOARES, Antonio Joaquim de Macedo
Fotos 2 e 3	Autoria desconhecida
Fotos 6 e 7	CYPRIANO, André

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)